

**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPC**

**“QUEM TEM MÓI, MÓI, E QUEM NÃO TEM, MÓI TAMBÉM, E NO FIM, TODOS  
FICAM IGUAIS”: AS REPRESENTAÇÕES DO “OUTRO” NO MUSEU HISTÓRICO  
E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO, DE CAÇADOR/SC**

LETÍSSIA CRESTANI

JOINVILLE/SC

2017

LETÍSSIA CRESTANI

**“QUEM TEM MÓI, MÓI, E QUEM NÃO TEM, MÓI TAMBÉM, E NO FIM, TODOS FICAM IGUAIS”: AS REPRESENTAÇÕES DO “OUTRO” NO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO, DE CAÇADOR/SC**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra P. L. de Camargo Guedes

JOINVILLE/SC

2017

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

C922q Crestani, Letíssia  
"Quem tem mói, mói, e quem não tem, mói também, e no fim, todos ficam iguais": as representações do "outro" no museu histórico e antropológico da região do Contestado, de Caçador/SC / Letíssia Crestani; orientadora Dra.Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. – Joinville: UNIVILLE, 2017.

131 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio histórico. 2. Patrimônio cultural. 3. Museus – Caçador (SC). 4. Brasil – História – Campanha do Contestado, 1912-1916. I. Guedes, Sandra Paschoal Leite de Camargo (orient.). II. Título.

CDD 069.098164

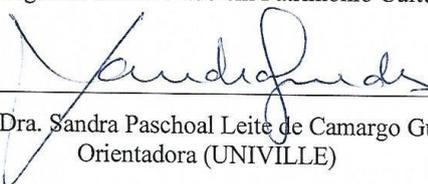
### Termo de Aprovação

“Quem tem mói, mói, e quem não tem, mói também, e no fim, todos ficam iguais: As Representações do “outro” no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de Caçador/SC”

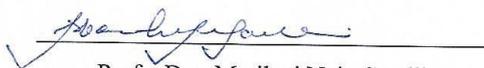
por

Letíssia Crestani

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

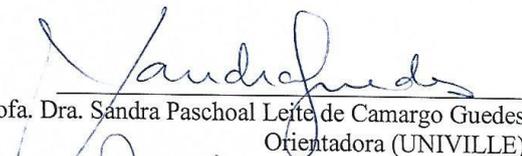


Profª. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes  
Orientadora (UNIVILLE)

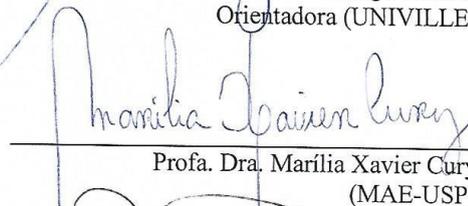


Profª. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

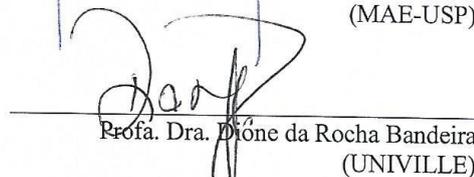
#### Banca Examinadora:



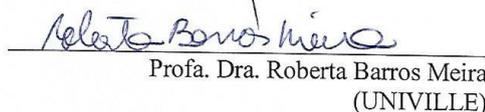
Profª. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes  
Orientadora (UNIVILLE)



Profª. Dra. Marília Xavier Cury  
(MAE-USP)



Profª. Dra. Dione da Rocha Bandeira  
(UNIVILLE)



Profª. Dra. Roberta Barros Meira  
(UNIVILLE)

Joinville, 22 de fevereiro de 2017.

Dedico este trabalho a uma das pessoas mais importantes da minha vida, que esteve e estará sempre zelando por mim: nona Dillia Joana Setti (in memoriam). “Guarde la, bambina!”

Dedico, também, aos meus pais, às minhas irmãs e à minha tia. Sem o apoio, o incentivo e, até, a cobrança de vocês, a caminhada até aqui não teria sido possível.

## AGRADECIMENTOS

A parte mais difícil da dissertação é escrever os agradecimentos. Mentira! Essa é a parte mais fácil. É onde a gente para e recorda todo o percurso acadêmico feito em dois anos. Rememora as horas de sono perdidas (ou investidas), as festas e as conversas deixadas de lado, o lazer em segundo plano. Ninguém mais do que a gente mesmo, e o orientador, sabe quão duro foi esse percurso. No meu caso, trabalhar e estudar ao mesmo tempo. E, trabalhar longe. Percorrer, semanalmente, 660 km, ida e volta, de Caçador a Joinville, para realizar um sonho. Foram, aproximadamente, 39.600 km rodados, muitas paradas, muitos ônibus quebrados, trocados, histórias de rodoviária, histórias de vida que ouvi nesse longo caminho. Dores nas costas de passar horas em ônibus, e sono adiado, só para ouvir as histórias das pessoas. Isso, sim, é patrimônio cultural: a leveza e a vida simples, de cada pessoa. Agradecida aos que me legaram suas histórias.

Chega, agora, a oportunidade de agradecer o que “a vida me deu”, o momento de agradecer a todos que estiveram comigo nessa caminhada.

Os primeiros, mais profundos e inenarráveis agradecimentos são para a minha família, pais e irmãs, e tia, também. Eles, que sempre incentivaram e apoiaram qualquer atividade ou loucura acadêmica que eu desejasse ou inventasse fazer. Incentivaram-me a ir atrás dos meus sonhos. Cobraram persistência, atitude e paciência. Os caminhos nem sempre são fáceis de trilhar. A ajuda deles foi fundamental para tirar esse projeto do papel e transformá-lo em algo concreto. Nas horas mais escuras e difíceis, o acalento deles foi fundamental. Pai, mãe, Nati, Carol e tia Ivete, gratidão! Essa conquista é de vocês também.

Em segundo lugar, agradeço a presença da professora dra. Sandra Guedes, minha orientadora, na banca de avaliação dos futuros mestrados, ainda em 2014. Naquele dia, a sensação era de estar sendo avaliada pelos professores do mestrado, dispostos em semicírculo. Eu não fazia ideia de como seria o caminho. Eu já possuía o “não”, estava me esmerando para receber um “sim” e ingressar no mestrado. Um passo importante foi dado. Agradeço imensamente à minha orientadora, por todas as horas dedicadas a me tornar uma acadêmica melhor. Agradeço as puxadas de orelha e cobranças para melhorar e crescer academicamente. Agradeço as indicações de texto e a oportunidade de ter conhecido uma linha de pesquisa desafiadora, Representações Sociais, e por ter

feito parte do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac). Agradeço-a por ter me incentivado a continuar. Agradeço a paciência com esta, ainda, aprendiz da vida!

Agradeço à Univille, em especial ao corpo docente do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, pelas aulas e aprendizado que tive com todos os professores. No começo, o tema Patrimônio Cultural parecia nebuloso, mas, com o andar das aulas e reflexões, foi possível perceber o dinamismo desse conceito e como ele se estrutura nas sociedades. Gratidão pelas conversas, conversas de bar, conversas nos intervalos, pelos textos escolhidos e aulas ministradas. Muito obrigada, professoras Dione, Ilanil, Luana, Mariluci, Nadja, Patrícia, Raquel, Sandra, Taiza, Roberta, Maria Luiza, professores Euler e Paulo Ivo.

Agradeço, em especial, às professoras Marília Xavier Cury, Dione Bandeira e Roberta Meira pela oportunidade de tê-las na banca e pelo aprendizado.

Agradecimento, também especial, ao coordenador do Museu do Contestado, Julio Corrente, à Filomena Lazaris, auxiliar de serviços gerais, aos demais servidores da Fundação Municipal de Cultura e à Prefeitura Municipal de Caçador, pela liberação para estudar, longe, diga-se de passagem, e pela paciência e trabalho dobrado para manter o museu em funcionamento durante as minhas ausências. Deu certo!

Agradeço aos demais familiares e amigos, que souberam ter paciência e muita compreensão com as minhas ausências em festas de família, churrascos, e demais eventos sociais. Caminhar é preciso, gente!

Aproveito o momento e agradeço as companhias de viação Reunidas, Planalto e Catarinense, por terem me conduzido, com segurança, de Caçador a Joinville, muitas e muitas vezes. Ali, nos bancos das rodoviárias, ou nos bancos desses ônibus, vivi momentos únicos de vida, que levarei para sempre. Vi todos os tipos de gente e de atitude. Escutei relatos de muitas vidas. Aprendi, mais do que nunca, que os não-lugares também são patrimônio, pois, ali, as pessoas, mesmo que de passagem, deixam suas marcas.

Agradeço imensamente à Carolina e à Nathálie, minhas irmãs, pela leitura e ajuda imprescindível com tabelas e gráficos. Gratidão, gurias!

Um baita agradecimento para a turma VIII do mestrado. Galera, que caminhada, hein! Agradeço às confluências astrais que me possibilitaram frequentar os mesmos bancos universitários que o pessoal da turma VIII. Eu, estrangeira, fui

acolhida pelos meus mais novos amigos. E fui acolhida já no primeiro dia de aula, quando descobri o motivo de Joinville ser conhecida como Chuville. Uma enchente fez com que eu ficasse ilhada numa pizzaria com alguns colegas. Foi aí que a admiração, o coleguismo e a paixão pela turma VIII começou! Alanna, Anna Kelly, Andrea, Augusto, Carol, Daniel, Débora, Eliane, Emersson, Flavio, Felipe, Franciele, Gabriela, Graciele, Hélio, José, Julio, Karina, Luiz, Magda, Pedro, Tatiana, e quem mais esteve nessa turma, apenas posso dizer: gratidão! Pelas noitadas pós-aula, pela acolhida, pelos textos, discussões, apresentações, viagens, pelos conflitos, pelas horas “de boas”, pelo espírito cooperativo e harmonioso dessa turma. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio, cada mensagem de otimismo e parceria me fizeram continuar o percurso.

Agradeço por ter encontrado pessoas lindas e de um coração imenso nessa turma VIII. Eliane e Júlio, o casal mais lindo que já vi, Débora, Magda, Graci, Hélio, Felipe, especialmente grata pelo carinho, acalento, incentivo e pelos abraços mais reconfortantes.

Agradeço aos músicos Nemly & Nemleroy, pela inspiração. Débora e Karina, é muito bom saber que posso contar com vocês.

Um sincero agradecimento para Karina, pelo incondicional apoio logístico-letárgico, pela hombridade, acolhimento e partilha. Pela troca de ideias, lágrimas e pelas discussões semióticas. E tudo por apenas dois centavos! Gratidão, Ka!

E, por fim, gratidão a todos, que de uma forma ou de outra, me ajudaram nessa caminhada.

“Eu trago atrais dos zóio coisa que não posso revelá! Vanceis pode sê como o profeta, inté que dê pra revelá”.

BORELLI, Romário.  
O Contestado. Curitiba: Orion, 2006.

## RESUMO

A Guerra do Contestado, 1912-1916, foi um dos maiores conflitos civis do Brasil. E, tem um espaço reservado para ela no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador, SC. O presente trabalho visa, através do estudo das representações sociais, analisar quais as representações que os visitantes têm sobre a Guerra do Contestado e sobre o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, instituição criada, em 1974, para salvaguardar e comunicar os acervos da região do Contestado, inclusive os referentes à Guerra do Contestado. Além de contribuir com as discussões sobre os conceitos de representações em museus e patrimônio cultural. Para tanto, foi realizado um histórico do conflito e do Museu, com uso de bibliografias pertinentes a área, e análise da expografia das exposições de longa duração da instituição. Realizou-se entrevistas com gestores do Museu e aplicou-se questionários, no centro da cidade de Caçador e no Museu, com o aporte de bibliografia referente à Teoria das Representações Sociais. Com o cruzamento de todos os dados percebeu-se algumas distinções entre as representações de mulheres e homens sobre a Guerra e sobre o Museu, com o gênero masculino identificando-se com o material bélico e, o gênero feminino, com tema relacionados a vida dos caboclos. O Museu foi considerado espaço de conhecimento sobre a Guerra. Percebeu-se uma vontade dos visitantes em contribuir para a construção de exposições no Museu, o que poderá fortalecer os laços entre visitantes e Museu, e conseqüentemente, a cultura da região do Contestado.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Representações. Museus. Guerra do Contestado.

## ABSTRACT

Contestado War (1912-1916) was one of the greatest civil conflicts in Brazil. And there is a reserved place for it at the Historical and Anthropological Museum of the region of the Contestado, in Caçador, Santa Catarina. Through the study of the social representations, the present work aims to analyze which representations the visitors have about the Contestado War and about the Historical and Anthropological Museum of the region of the Contestado. This institution was created in 1974 to safeguard and to communicate the collections of the region of the Contestado, including the ones referring to the Contestado War, besides contributing with the discussions about the conceptions of the representations in museums and cultural heritage. For this, a historical background of the conflict and of the museum was accomplished, using bibliography related to the area, and the analysis of the expography of the long time exhibitions of the institution. Interviews with managers of the museum were made and questionnaires were applied to them, downtown Caçador and in the museum, with the contribution of bibliography referring to the Theory of Social Representations. Crossing all the data, some distinctions were perceived between the representations of men and women about the war and the museum. Male gender was identified with war material, while female with themes related to the life of the “caboclos”. The museum was considered a place of knowledge about the war. One could notice a will of visitors to contribute to the construction of exhibitions in the museum. This fact may strengthen the bonds between the visitors and the museum and, consequently, culture in the region of the Contestado.

**Keywords:** Cultural Heritage. Representations. Museums. Contestado War.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Região do Contestado e área em disputa entre PR e SC .....	22
Figura 2 – Mapa mostrando a região de Palmas, reivindicada pela Argentina até 1895 .....	23
Figura 3 – Monge João Maria D’Agostini .....	31
Figura 4 – João Maria de Jesus .....	32
Figura 5 – Miguel Lucena de Boaventura e as virgens.....	33
Figura 6 – Coleção de arqueologia do Museu do Contestado, em 1974 .....	49
Figura 7 – Construção da sede própria do Museu do Contestado .....	50
Figura 8 – Inauguração do Museu do Contestado em sede própria .....	50
Figura 9 – Nilson Thomé (de óculos escuros, à esquerda) e Thomas Pieters (recebendo placa de inauguração) na abertura do Museu .....	51
Figura 10 – Primeira Estação Ferroviária de Rio-Caçador .....	53
Figura 11 – Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, 2016.....	54
Figura 12 – Monumento ao monge João Maria .....	54
Figura 13 – Monumento ao 70º Aniversário do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina .....	55
Figura 14 – Obelisco da Aviação Militar no Contestado .....	56
Figura 15 – Planta baixa do primeiro andar do MHARC.....	57
Figura 16 – Sala Thomas Pieters .....	58
Figura 17 – Parte do acervo relacionado à cultura indígena .....	59
Figura 18 – Acervo indígena .....	59
Figura 19 – Perspectiva da sala da Ferrovia do Contestado.....	61
Figura 20 – Parte do acervo da ferrovia .....	61
Figura 21 – Objetos da ferrovia .....	62
Figura 22 – Painel com fotos da <i>Lumber</i> .....	62
Figura 23 – Sala Victor Kurudz.....	63
Figura 24 – Objetos dos imigrantes referentes ao trabalho feminino .....	64
Figura 25 – Objetos dos imigrantes referentes ao trabalho masculino .....	65
Figura 26 – Acervo da Guerra do Contestado.....	66
Figura 27 – Expografia da exposição Guerra do Contestado .....	66
Figura 28 – Objetos referentes aos caboclos .....	67

Figura 29 – Detalhe do expositor com facões de pau .....	68
Figura 30 – Banner sobre a Guerra do Contestado .....	69
Figura 31 – Bonecos da peça Pelados e Peludos.....	70
Figura 32 – Quadro “O Contestado-Terra Contestada” .....	71
Figura 33 – Percurso da sala Guerra do Contestado .....	72
Figura 34 – Exposição do MHARC em 1987.....	73
Figura 35 – Acervo Guerra do Contestado, 1986.....	74
Figura 36 – Acervo indígena, 1986, no momento da inauguração do museu.....	75
Figura 37 – Acervo indígena, 2016 .....	76
Figura 38 – Sala colonização e povoamento, 2010.....	77
Figura 39 – Museu e sua entrada atual.....	78
Figura 40 – Lojinha do Museu .....	78

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos visitantes.....	87
Gráfico 2 – Faixa etária dos visitantes.....	87
Gráfico 3 – Estado de naturalidade dos visitantes.....	88
Gráfico 4 – Município de origem dos visitantes .....	89
Gráfico 5 – Residentes em Caçador.....	89
Gráfico 6 – Escolaridade dos visitantes.....	90
Gráfico 7 – Opção religiosa x Gênero feminino .....	91
Gráfico 8 – Opção religiosa x Gênero masculino.....	91
Gráfico 9 – Opção religiosa x escolaridade x gênero dos visitantes.....	92
Gráfico 10 – Ocupação profissional x Gênero dos visitantes.....	93
Gráfico 11 – Faixa salarial x Gênero dos visitantes.....	94
Gráfico 12 – Número de visitas ao museu x Nível de escolaridade x Gênero dos visitantes .....	95
Gráfico 13 – Motivos da visita x Residentes em Caçador .....	96
Gráfico 14 – Forma de conhecimento da existência do museu x Visitantes.....	97
Gráfico 15 – Parte mais interessante do museu x Opção religiosa x Gênero feminino .....	98
Gráfico 16 – Parte mais interessante do museu x Opção religiosa x Gênero masculino .....	99
Gráfico 17 – Incidência de palavras mais citadas nos questionários.....	100
Gráfico 18 – Primeira palavra relacionada à guerra x opção religiosa do visitante .....	101
Gráfico 19 – Fonte de conhecimento sobre as palavras x Visitantes .....	102
Gráfico 20 – Relação dos acervos da sala Guerra do Contestado que mais chamaram a atenção dos visitantes.....	104
Gráfico 21 – Acervo mais interessante x Gênero do visitante .....	105
Gráfico 22 – Recordação dos visitantes.....	106
Gráfico 23 – Porcentagem de acréscimos de informações/coisas na exposição ....	107
Gráfico 24 – O que acrescentaria x Opção religiosa x Gênero Feminino.....	108
Gráfico 25 – O que acrescentaria x Opção religiosa x Gênero masculino .....	109

## LISTA DE SIGLAS

EFSPRG	Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.
FEARPE	Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe.
ICOM	Conselho Internacional de Museus.
MHARC	Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.
FFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.
RVPRSC	Rede de Viação Paraná-Santa Catarina.
TNT	Tecido não-tecido.
UEL	Universidade Estadual de Londrina.
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
UFPR	Universidade Federal do Paraná.
UnC	Universidade do Contestado.
UNIARP	Universidade Alto Vale do Rio do Peixe.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1</b>	<b>O QUE FOI O CONTESTADO? .....</b>	<b>21</b>
1.1	O “DRAGÃO DE FERRO QUE COSPE FOGO” E OS GAFANHOTOS DE AÇO DA <i>LUMBER</i> .....	26
1.2	JOÃO QUE ERA MARIA E QUE ERA JOSÉ .....	30
1.3	OS HABITANTES DO PLANALTO E A IDENTIDADE REGIONAL .....	34
1.4	HISTORIOGRAFIA DA GUERRA .....	36
<b>2</b>	<b>MUSEUS E MEMÓRIAS: O MHARC .....</b>	<b>45</b>
2.1	MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO .....	47
2.2	NÚCLEOS EXPOGRÁFICOS DO MUSEU HISTÓRICO DA REGIÃO DO CONTESTADO.....	52
2.2.1	Sala Thomas Pieters .....	57
2.2.2	Sala Osiris Stenghel.....	60
2.2.3	Sala Victor Kurudz.....	63
2.2.4	Sala Esperidião Amin Helou Filho .....	65
2.3	EXPOGRAFIA X HISTORIOGRAFIA DO CONTESTADO .....	72
<b>3</b>	<b>MUSEUS E REPRESENTAÇÕES .....</b>	<b>80</b>
3.1	O MUSEU SOCIAL .....	80
3.2	OS VISITANTES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO .....	83
3.3	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO “OUTRO” ENCONTRADAS NO MHARC .....	103
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>124</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS ORAIS.....</b>	<b>128</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>129</b>
	<b>ANEXO – CÓPIA DA RESOLUÇÃO 01/74 QUE CRIA O MHARC .....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

Erva-mate e pinheirais. Orvalho dos campos. Plantações. Colheitas. Trabalhos coletivos. Economia de subsistência. Monges. Devotos. Bênçãos. Rezas. Virgens. Visões. Curas. Ladainhas. Muito rastro e pouco pasto. Sobrevivência. Dragão de ferro que cospe fogo. Trem. Fazendas imensas. Desapropriação. Criação de gado. Sertanejos. Caboclos. Fardas azuis. Farda cinza-esverdeado. Redutos. Facões de pau x Winchesters. João. Marias. José. Teodora. Coroneis. Chica Pelega. Adeodato. Hermes. Tocaias. Pelotões. Regimentos. Redutos. Taquaruçu. Caraguatá. Irani. Aviões. Canhão. Cidades santas. Trilhos. Monarquia *versus* República. Jagunços. Fanáticos. *Lumber. Farquhar*. Serrarias. Irmandade. Pares de França. Tiros. Luta. Sobrevivência. Terras. Sangue nas roupas. Lágrimas na terra. Feridas na alma.

Essas foram algumas formas como a Guerra do Contestado foi vivida por milhares de pessoas que estiveram nas batalhas campais, nas trincheiras e nas lutas corpo a corpo. Foi vivida, também, por todas as famílias dos diretamente envolvidos, nos bancos de tribunais e pelas populações das cidades da região do Meio-Oeste catarinense que ali habitaram durante e após a guerra (1912-1916).

Reflexo do sofrimento e espírito de união daqueles que sentiram limitações de todas as ordens, impostas por uma longa guerra, a frase do monge João Maria, que dá título a este trabalho, "Quem tem mói, e quem não tem, mói também, e no fim, todos ficam iguais", possui grande carga afetiva entre os moradores da região. Traz um sentido de coletividade às memórias daqueles personagens belicosos e uma força para lutar contra a espoliação das terras: quem tem alguma coisa, ajuda, quem não tem, ajuda, também. Naquela época, a ajuda era coletiva, em sistema de mutirão, para construir casas ou mesmo reerguer os redutos ou cidades-santas. Hoje, a ajuda continua dessa maneira cooperativa, com os descendentes dos sertanejos, os expropriados pela empresa de colonização e extração de madeira, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, e os construtores da ferrovia reivindicando e lutando pela posse de seu quinhão de terra, nos movimentos sociais ou em projetos de recuperação fundiária, que se arrastam por longa data. A maioria, ainda, está relacionada ao conflito do Contestado (VALENTINI, 2000; TOPOROSKI, 2006 e 2012; MACHADO, 2011; MELO, 2012; RUSSO, 2012; FRAGA, 2012 e 2015).

A marginalização contemporânea dos sertanejos do Contestado faz com que os ensinamentos e a máxima do monge persistam na comunidade dessa região. Quem tem, ajuda, quem não tem, também pode ajudar; seja na defesa das questões agrárias, ou, mesmo, na melhoria das condições econômicas e sociais dessa população.

O impacto da guerra na região é inegável e muitas pesquisas e produções historiográficas foram criadas e trabalhadas a partir da Guerra do Contestado. As áreas da antropologia, arqueologia, sociologia e história (esta, muitas vezes ancorada na história oral) fizeram um trabalho investigativo de trazer à tona os processos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolveram a Guerra do Contestado e o pós-conflito. Vislumbra-se, no entanto, que, no âmbito dos museus, as questões do Contestado estão restritas à guarda dos espólios ou resquícios físicos da guerra.

Os museus são locais de guarda de memórias e de referências, onde as pessoas encontram as produções humanas, a materialidade revelada por meio dos objetos nas exposições. São, também, pontos de conhecimento e reconhecimento das pessoas, onde as tradições e culturas humanas, a imaterialidade, se fazem presentes.

Existem na região do Contestado seis museus que tratam desse conflito bélico: Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador; Museu Histórico Monge João Maria, em Irani; Museu Josette Dambrowski, em Matos Costa; Museu Histórico Antonio Granemann de Souza, em Curitiba; Museu do Jagunço da Cidade Santa de Taquaruçu, em Fraiburgo, e o Museu Particular do Contestado, na cidade de Lebon Régis. Um deles, em especial, objeto dessa dissertação, é o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado-MHARC, situado em Caçador, Santa Catarina.

Como historiadora e museóloga responsável pela gestão do acervo dessa instituição, desde 2013, senti, como uma trabalhadora/guardiã das memórias alheias, que o MHARC necessita de oxigenação em sua museografia. O nicho sobre a Guerra do Contestado possui alguns descompassos historiográficos e conseqüentemente, de expografia. O acervo disposto na sala apresenta apenas um dos lados da guerra. O que causa desconforto. E, aos visitantes, essa sala passa qual mensagem em seus objetos, quadros, legendas? Estando numa região que sofreu um dos maiores conflitos bélicos do país, como os visitantes dessa área se

veem no Museu? Eles estão representados ali? A Guerra do Contestado e seus dois lados belicosos estão ou aparecem no museu? E a população os identifica? Se há, de um lado, os sertanejos, e, do outro, os militares, quais estão mais presentes nas exposições? Os visitantes estabelecem uma ligação com o museu mediante questionamentos ou atividades? Há alguma articulação com as instituições museais que tratam da Guerra do Contestado para que essas possam, realmente, ser espaços não apenas de guarda, mas também de preservação, pesquisa e de comunicação da cultura dessa região, com um conflito bélico em sua formação, que transformou a geografia e as estruturas sociais, políticas e econômicas dessa parte do Estado de Santa Catarina?

Assim, o presente trabalho, ligado ao Grupo de Pesquisas “Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural” e à linha de pesquisa “Patrimônio e Memória Social” do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE – MPCS, tem como objetivo identificar as representações que a população de Caçador tem sobre a Guerra do Contestado e qual a contribuição das exposições de longa duração do MHARC na construção dessas representações.

O Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado é uma instituição sem fins lucrativos, que tem como objetivo salvaguardar a história do Contestado e toda a produção referente a esse conflito, além de, especificamente, tratar sobre a história da cidade de Caçador. Em seu espaço expositivo, contempla quatro nichos expográficos: cultura indígena, ferrovia do Contestado, imigração e colonização; e a sala Guerra do Contestado, que se destina ao conflito em si, enquanto as demais estabelecem (ou constroem) o contexto que propiciou o conflito. Em suma, um local de guarda da história da região contestada.

Para estudar o museu, optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, por meio de uma estrutura pensada e concebida do macro para o micro, partindo da Guerra do Contestado e seu contexto, passando pela formação da região do Contestado, representações sociais e museologia, enfocando o MHARC. Como não poderia deixar de ser, a pesquisa iniciou-se com a revisão da literatura baseada no levantamento dos assuntos citados em artigos, dissertações e teses disponíveis nos bancos de dados de universidades e bibliotecas *on-line*, além de livros. Pude perceber quão exíguos são os trabalhos sobre museus ou centros de memória que tratam da Guerra do Contestado e seus patrimônios, assim como trabalhos que versem sobre representações sociais e museus, fatos esses que mostraram a

relevância científica e social desta dissertação.

A estrutura do presente trabalho foi dividida em três capítulos. O primeiro se dá em torno das questões historiográficas sobre a região do Contestado, procurando apresentar uma visão ampla do conflito: os antecedentes, as batalhas e os desdobramentos da guerra. Em seguida, foram feitas leituras acerca do tema Contestado e uma análise das diferentes vozes sobre esse conflito. Dessa forma, fez-se uma análise historiográfica sobre a Guerra do Contestado e seus desdobramentos sociais, econômicos e políticos na região. A contextualização historiográfica sobre a guerra ajudou a entender a articulação desta com as suas representações e que sentimentos despertam nos visitantes do MHARC.

Em se tratando da Guerra do Contestado, procurou-se estudá-la num dos lugares onde ela é representada: nas salas de exposição do MHARC. Para isso, no segundo capítulo, fez-se um estudo do desenvolvimento do Museu do Contestado e todo seu caminho de criação museográfica, com descrição de cada uma das quatro salas expositivas do Museu (cultura indígena, ferrovia do Contestado, povoamento e colonização, e, por fim, a Guerra do Contestado), com fotografias<sup>1</sup> exemplificando as mesmas. Também se propôs um debate sobre a historiografia produzida em relação ao tema e às questões expográficas presentes na instituição.

Para o terceiro capítulo, mediante a abordagem e os estudos sobre o tema da sociomuseologia e suas reflexões sobre a sociedade, verificou-se quais são as representações sobre a Guerra do Contestado criadas a partir da expografia do Museu do Contestado. Essa análise se deu a partir da aplicação de questionários com os visitantes do museu e a população da cidade de Caçador/SC, e entrevistas com pessoas diretamente envolvidas na construção do museu. Fez-se ainda, um momento reflexivo, de como a instituição cultural Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado está desempenhando suas atividades na comunidade regional. Essa reflexão foi possível devido à junção das questões museais com o tema das Representações Sociais. Utilizou-se entrevistas abertas e gravadas, seguindo o modelo do Apêndice A, com dois gestores (um antigo e um atual), procurando compreender como o museu foi gestado no que diz respeito à

---

<sup>1</sup> A maior parte das fotografias foram feitas com câmera semiprofissional Sony, pela museóloga Letíssia Crestani, em 2016. O sistema de iluminação do museu é do período de sua construção, 1986, e não foi alterado. Algumas fotos podem não ter saído com nitidez, pois o prédio internamente é de madeira escura, e a iluminação ainda não é a apropriada para a exposição.

constituição de seu acervo e como as exposições foram pensadas e criadas. Paralelamente, foram aplicados 102 questionários (Apêndice B) com os visitantes do museu e no centro da cidade de Caçador, compostos, a princípio, por perguntas de múltipla escolha e dissertativas. Nas questões finais, a pessoa entrevistada deixou suas impressões sobre o que viu no museu, se se sentiu representada e saiu da instituição com algum entendimento sobre o conflito do Contestado. Para a aplicação dos questionários foi analisado o livro de registro de visitantes e realizada consulta ao IBGE para estimar o número de habitantes de Caçador, momento em que foi verificado que a maior presença de visitantes ocorre durante os finais de semana. Assim sendo, aplicamos os questionários durante uma semana com os visitantes do museu, na faixa etária inicial de 18 anos, sem distinção de sexo ou cidade de origem, para que a pesquisa não se tornasse tendenciosa e a aferição pudesse ser melhor trabalhada.

Após a aplicação dos questionários, foi elaborado um cruzamento de dados com o formulário do *Google Docs* e planilha de *Excel*, que auxiliaram a confrontar respostas e vislumbrar parâmetros idênticos ou não, referentes às representações que as pessoas têm da Guerra do Contestado.

Em pleno século XXI, é chegada a hora dos museus, realmente, abrirem suas portas às suas comunidades e fazerem delas suas participantes e colaboradoras, tanto como apoio criativo e criador de exposições, como de guardiões das memórias, no caso, aqui, das milhares de pessoas envolvidas na Guerra do Contestado.

Portanto, este trabalho tentará atender, minimamente, aos preceitos da sociomuseologia por meio da teoria das Representações Sociais. Fazendo com que, ao conhecer o que as pessoas pensam sobre o museu, o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado construa novas concepções museográficas condizentes com a contemporaneidade.

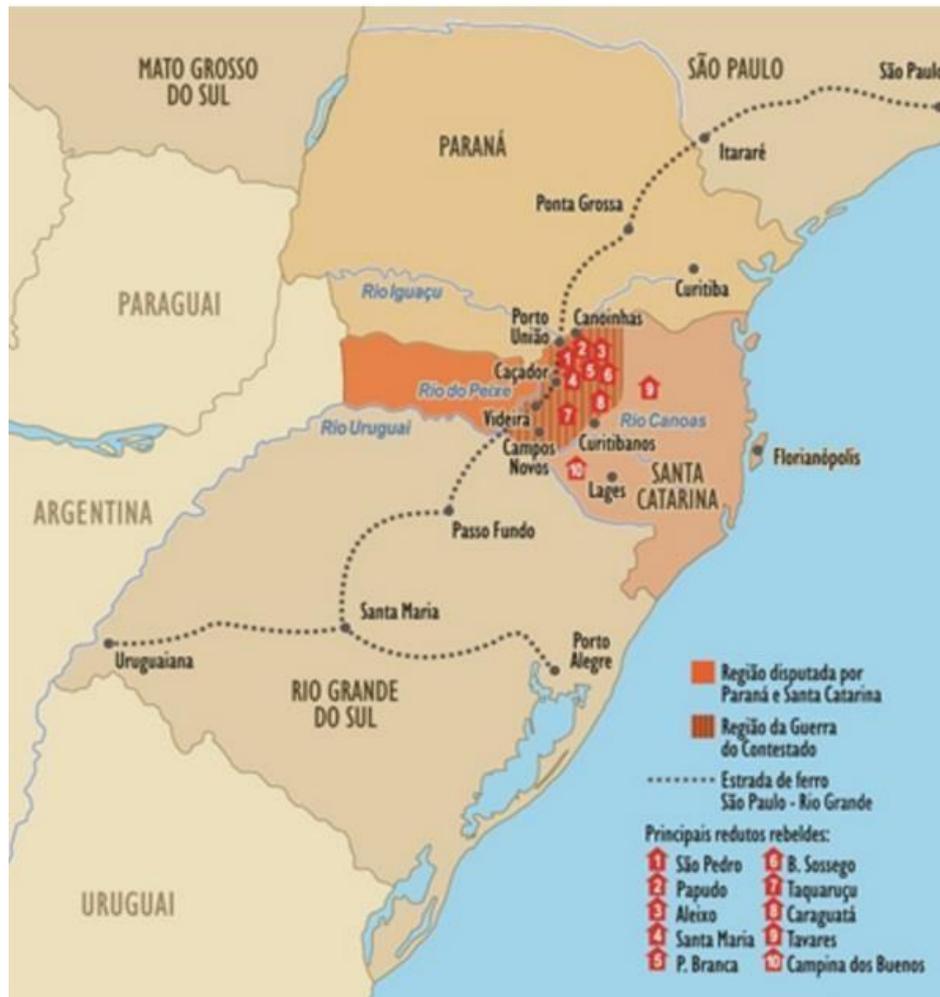
## 1 O QUE FOI O CONTESTADO?

Ocupa-se, aqui, em discutir a historiografia sobre o conflito armado denominado Guerra do Contestado, que completou, em 2016, seu centenário, e cuja discussão permeará essa dissertação.

A Guerra do Contestado ocorreu no Meio-Oeste catarinense, entre uma parcela da população local, à época identificada como “caboclos”, e o Exército Brasileiro. O conflito durou quatro anos, de 1912 a 1916. As causas foram muitas: a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, que ficavam numa ampla área profícua em erva-mate e pinheiros (ambos de alto valor à época); a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul, pela *Brazil Railway*, uma tentativa do governo central interligar o Sudeste ao Sul e se tornar mais presente nesse território; a disposição de terras e florestas da região para o capital estrangeiro (empresa *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*); o difícil acesso às terras pela população mais pobre devido ao monopólio político e econômico dos coronéis e suas enormes fazendas; a economia da região baseada apenas na extração da erva-mate e das florestas de araucárias; as questões religiosas e místicas, e as ideias libertárias propagadas pelos monges errantes aos seus afilhados; os êxodos e as cidades-santas; entre outros (AURAS, 1984; MACHADO, 2004; ESPIG, 2005; FRAGA, 2012; VALENTINI, ESPIG e MACHADO, 2012).

A história do Meio-Oeste catarinense (Fig. 1) foi construída a partir de tratados de limites e negociações políticas e comerciais, com toques de messianismo, culminando com o conflito bélico. Segundo Fraga (2012), o desenrolar dos quatro anos de batalhas campais e nos tribunais acabou deixando algumas marcas nas estruturas sociais, políticas e financeiras da região.

Figura 1 – Mapa da Região do Contestado e área em disputa entre PR e SC



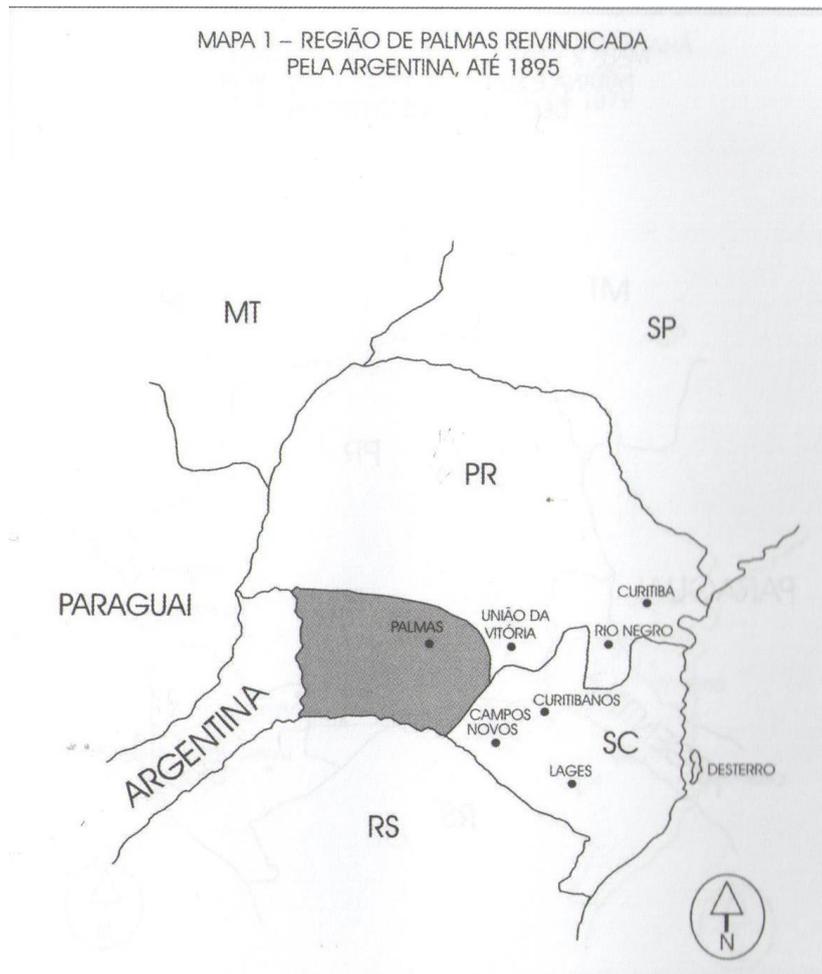
Fonte: Leite, 2012, p. 19.

O espaço, denominado, região do Contestado, foi, durante muito tempo, palco de litígios entre Paraná e Santa Catarina. Entretanto, havia um jogo, nem tão diplomático assim, que era maior. Meneguzzo (2012, p.7) afirma que “os antecedentes da Guerra do Contestado remetem-se à problemática luso-espanhola, onde os dirigentes de Portugal e Espanha não conseguiram estabelecer os seus limites territoriais na América”, a questão de Palmas.

Desde o período colonial, as unidades administrativas de Santa Catarina e São Paulo (e, a partir de 1853, do Paraná) disputam a jurisdição sobre a região do planalto serrano, mais especificamente das terras situadas a oeste, entre os rios Uruguai e Iguaçu, e ao sul de Rio Negro. O marco inicial da ocupação oficial e da colonização da região, com a fundação de Lages em 1766, foi a iniciativa do governo da Capitania de São Paulo, mediante ordens da Coroa, de regularizar o caminho por onde seguiam as tropas e assegurar a posse portuguesa sobre um território que era objeto de disputa com a Coroa de Espanha. (MACHADO, 2004, p.124)

Cada capitania baseava suas jurisdições conforme éditos reais. Cada qual puxando e ampliando os seus limites geográficos e diminuindo o do outro. Essa contenda jurídica durou praticamente todo o século XIX (FRAGA, 2012; MACHADO, 2004). A Figura 2 mostra a região de Palmas, reivindicada pela Argentina no século XIX.

Figura 2 – Mapa mostrando a região de Palmas, reivindicada pela Argentina até 1895



Fonte: Machado, 2012, p. 375.

Indefinidas as fronteiras, a contenda, nos tribunais, se arrasta de 1851 até 1916. Período inicial esse, em que o Paraná se desmembra da província de São Paulo, até o período republicano, quando se dá um acordo entre os Estados belicosos (AURAS, 1984; OLIVEIRA, 1985; VALENTINI, 2000; FRAGA, 2012).

Meirinho (*apud* FRAGA, 2012, p. 29) observa que o momento que desenhou o Contestado,

[...] se apresenta na forma de três questões contestadas: o Primeiro Contestado: disputa entre Paraná e Santa Catarina - desde o início do século XIX; o Segundo Contestado: a disputa entre o Brasil e a Argentina - a partir de 1881 e concomitante com o Primeiro Contestado; e o Terceiro Contestado: a repressão militar contra os caboclos que viviam na região-datada no período entre 1912-1916.

O litígio, dessa forma, dos tribunais foi parar nos campos, e, segundo Santos (2006, p. 11),

Envolve[u] uma enorme área territorial, o movimento teve a participação de mais de 20.000 pessoas, cerca de 13 expedições militares e um número expressivo de mortos. Na prática, promoveu-se uma “limpeza étnica”, libertando-se a região para as empresas criadas pelo magnata Percival *Farquhar*, e também para outras companhias de colonização, que promoveram a implantação de inúmeras colônias. O realinhamento da ocupação do espaço foi seguido pela mudança sociocultural e econômica própria do capitalismo emergente nesta parte do País. O trem que circulava nos trilhos da SP-RS assegurava novos mercados para a produção agroindustrial, ao mesmo tempo em que aproximava distâncias e facilitava a circulação de pessoas e capitais.

O entrave geográfico nos tribunais teve grande importância na Guerra do Contestado. Machado (2004, p. 123) sustenta que “a questão de limites foi decisiva para a adesão de comunidades inteiras à vida das ‘cidades santas’ e a solução institucional deste problema impediu o ressurgimento do levante sertanejo”. Expropriados de suas terras, os sertanejos começaram a se organizar em redutos ou cidades-santas.

A arrastada disputa político-geográfica entre Paraná e Santa Catarina teve seu fim somente em 1916, quando

[...] O desgastante desenrolar da guerra interminável contra os caboclos e a determinação do presidente Venceslau Brás que se utilizou do capitão-de-fragata Fleming como intermediário e se colocou pessoalmente como árbitro, apressaram o desfecho final da disputa até a assinatura do Acordo de Limites, em setembro de 1916. A cláusula 9 do Acordo de Limites viabilizou sua aceitação por parte de proprietários paranaenses que, vivendo em território contestado, ficavam agora sob jurisdição catarinense, mas teriam todas as certidões civis e de propriedades registradas em cartórios paranaenses validadas. (MACHADO, 2004, p. 137).

As consequências do conflito ainda são visíveis. Ainda em 2016, praticamente 100 anos depois, municípios do Meio-Oeste catarinense possuem as situações econômicas e sociais mais baixas do Estado. Parecem estar abandonados no tempo. Excetuando-se as cidades maiores, como Caçador e Videira, cidades de

economia de ponta e crescente, os municípios vizinhos, como Lebon Régis e Matos Costa, possuem infraestrutura precária (RANKING IDHM MUNICÍPIOS, 2010). Essa realidade é explicitada por Santos (2006, p. 11),

O Contestado, porém, continua lá e também aqui [...], se quisermos olhar para lutas que continuam sendo travadas no dia-a-dia presente pelas populações espoliadas, desprovidas de capital e do futuro. Nesse caso, o Contestado serve como um providencial espelho onde podemos ver refletidas as incongruências de nossa sociedade no presente.

É o que se vê, atualmente, quando se passa pela região do Contestado. Em suas andanças pelos campos contestados, 100 anos depois dos conflitos, vendo e vivenciando o que restara de tudo, o professor doutor geógrafo Nilson Fraga, em uma visita ao antigo reduto de Caraguatá, hoje a cidade de Lebon Régis, conta que

No meu subconsciente, e na inconsciência do momento vivido, sentia o barulho desencadeado durante os ataques “legais” ao reduto. Podia ver e sentir os corpos caindo em terra, os gritos, o pânico e o horror daqueles anos. Queria ver os milhares de casebres que ocupavam aquele espaço e formavam uma cidadezinha. Mas não restava nada, apenas o vazio. Tudo estava na minha memória construída com as leituras e informações obtidas numa vida de curiosidade e na tentativa de conhecer e entender este que é um dos maiores e mais expressivos momentos da história nacional. Quase tudo era representação minha (FRAGA, 2015, p. 301-331).

Com as “festividades”, em 2012, do centenário do início da Guerra do Contestado, os resquícios dos combates ficaram nas faces dos descendentes, nas almas dos que se foram e nas práticas de sociabilidade atuais das populações das cidades que hoje compõem a região do Contestado

Quando vivem no campo são peões ou agregados de grandes fazendeiros, raros são proprietários de lotes formalizados de terra. Hoje estão cada vez mais proletarizados e vivendo na periferia das grandes e médias cidades do estado. Boa parte da região onde viviam os sertanejos antes da guerra foi, ao longo de 1930 a 1950, objeto de ação de companhias particulares de colonização que, agindo de acordo com as autoridades públicas, lotearam antigas terras dos caboclos posseiros para descendentes de segunda e terceira geração de imigrantes europeus provenientes do Rio Grande do Sul. (MACHADO apud INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2012).

Vemos, dessa maneira, um bom panorama para que os estudos sobre o Contestado continuem sendo feitos. Conforme Fraga (2012, p. 23), “parece que este será o ano [2012] do centenário da Guerra do Contestado que perpassará por muitas possibilidades de rompimento da sua invisibilidade, indo da política,

passando pelas artes e chegando até os meios científicos”. As comemorações do centenário foram um recomeço para a história e as memórias da guerra na região do Contestado. Entretanto, essas memórias vinham, há muito tempo, sendo buscadas, seja por meio de produções historiográficas, seja a partir de locais de guarda.

### 1.1 O “DRAGÃO DE FERRO QUE COSPE FOGO” E OS GAFANHOTOS DE AÇO DA LUMBER

Estava certa a profecia do monge João Maria: logo chegaria à região do Contestado um dragão de ferro que cuspiam fogo pela boca. E, ele era o trem. O trem de ferro que veio serpenteando, de Itararé/SP, passando pelo planalto catarinense, e indo descansar em Santa Maria/RS. O Sudeste interligado ao Sul do país. O dragão de ferro que cospe fogo seria um dos responsáveis por mudanças profundas e significativas no planalto catarinense e na vida dos sertanejos que ali estavam. A ferrovia era sonho antigo dos governantes. Os esboços do

[...] projeto deste caminho de ferro, acalentado desde o período regencial e aprovado nos momentos finais do Império, era ousado e fundamental: cortava vastos espaços das províncias do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e deveria proporcionar o rápido deslocamento terrestre de contingentes militares em caso de conflito no Prata (VALENTINI *et al.*, 2012, p. 211).

O percurso dos trilhos era sinuoso e cheio de percalços geográficos, como rios, morros e rochas. A direção a ser seguida era o antigo caminho das mulas, aberto a facções, como se fazia antigamente. Era, primeiramente, espaço para passagem de carroças, passeio a pé ou com animais. Tudo era indefinido, desconhecido (FRAGA, 2012).

A criação do “dragão que cospe fogo” começa ainda em fins do Império, quando Dom Pedro II outorga, em 1889, a concessão para a construção de uma estrada de ferro ao engenheiro João Teixeira Soares, que já possuía os desenhos do “dragão”, desde 1887 (QUEIROZ, 1966; THOMÉ, 1983, 1995; ESPIG, 2005; VALENTINI *et al.*, 2012; SANTOS, ANTONELLI, 2015). E continua República adentro, com o advento das companhias estrangeiras de exploração e colonização.

O trem ligaria, pelo interior, São Paulo aos países vizinhos, principalmente à Argentina e ao Uruguai. Era um meio do governo escoar a produção e fortalecer o comércio com os países vizinhos (ESPIG, 2005; FRAGA, 2012).

A construção da estrada de ferro, no trecho norte-sul, entre Itararé/SP e Porto União/PR, começou em 1897 e terminou em 1905. (ESPIG, 2005). O dragão tomava forma. E ele não vinha sozinho.

A chegada do trem transformou completamente a situação no interior do Meio-Oeste catarinense. Segundo Valentini, em fins do século XIX e início do século XX, o mundo vivia “a época clássica do fenômeno imperialista, definido como constitutivo de um sistema capitalista internacional” (2015, p.195), e esse sistema veio alterar os modos de produção e de vivência do país. No interior, especialmente na região do que viria a ser o Contestado, esse fenômeno aliado ao dragão de ferro (trem) modificou o uso da terra, pois

[...] o contato com os centros urbanos quebrou o isolamento secular da população que vivia na Região. Neste sentido, a Ferrovia São Paulo-Rio Grande carregou em seu bojo a exploração comercial da madeira, a colonização e a institucionalização da propriedade privada, fatores esses decisivos na deflagração da crise que submete o sertanejo à progressiva marginalização (VALENTINI, 2015, p 196).

No início do século XX, chega ao Brasil o empresário norte-americano Percival Farquhar, responsável pela construção de dois ramais ferroviários que interligariam o Brasil ao exterior: Madeira-Mamoré, ao Norte; e ao Sul, a São Paulo-Rio Grande (THOMÉ,1983). Farquhar possuía várias concessões ferroviárias nos Estados Unidos e em países da América Central, era ligado ao setor de iluminação e energia elétrica.

No país, Farquhar e suas empresas *Brazil Railway Company* e *Southern Brazil Lumber & Colonization Company, a Lumber*, espalham os gafanhotos de aço, trens e máquinas de extração de madeira, de norte a sul. Em 1908, o Programa Farquhar (VALENTINI, 2015) se torna realidade no Sul, com a compra da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG). E, com isso, estende as suas participações no país, explorando não só a malha ferroviária, mas também a flora que sobre esses espaços existia. Nesse ínterim, prevendo o lucro que teria com as florestas de araucária e imbuia que cobriam as terras disputadas

por PR e SC, o empresário norte-americano já havia erigido a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*.

O governo brasileiro, pelo contrato de concessão da ferrovia, doava essa área à exploração estrangeira, no caso, à *Lumber* (VALENTINI, 2015). O cenário de agricultura de subsistência e a exploração da natureza mudariam radicalmente: a paisagem natural e cultural da região contestada se transformaria para sempre.

No contrato de concessão da linha, o governo permitiu à *Brazil Railway Company* duas grandes benesses: 30 contos de réis por km construído e 15 km de cada lado da ferrovia para exploração, como terras devolutas. A companhia se aproveitou disso, aumentando o percurso da linha com curva, desapropriando 6.696 km<sup>2</sup> de terras ocupadas na região Sul do PR e Norte de SC. Esquecendo-se, tanto a *Brazil Railway* como o governo, de que ali não eram terras devolutas e muito menos desabitadas. O percurso que veio a ser ocupado pela estrada de ferro, entre SP e RS, fazia parte do Caminho das Tropas e era local de moradia de sertanejos /caboclos que viviam da extração da erva-mate, criação de gado, porcos e galinhas, e agricultura de subsistência (QUEIROZ, 1966; AURAS, 1984; MACHADO, 2004; ESPIG, 2005; FRAGA, 2012; VALENTINI, ESPIG e MACHADO, 2012). Um estranhamento era iminente: o “outro” *versus* o nativo.

Para executar os trabalhos na malha ferroviária de São Paulo ao Rio Grande do Sul, o engenheiro Achilles Stenghel foi convocado a assumir a parte técnica das obras. Recrutou pessoas da região e mais de quatro mil homens em várias partes do país e do exterior, chegando a ter, sob seu comando, oito mil trabalhadores, que assentavam, com pás e picaretas, 516 metros de trilhos por dia. Sem quase nenhuma tecnologia, os construtores venceram fácil os 372 km entre Itararé/SP e o Rio Iguaçu, em Porto União/SC (ESPIG, 2005). Até a inauguração da estrada de ferro, em 1910, tudo parecia ter ocorrido no ritmo dos tempos modernos, com produção de trilhos, dormentes e locomotivas. Os trens e as máquinas de extração de madeira iam engolindo as matas e seus habitantes, que já não tinham mais chão para chamar de seu.

Terminadas as obras, ficaram à mercê, de seu próprio destino, os turmeiros (ESPIG, 2015), trabalhadores da estrada de ferro, e os habitantes da região, muitos também empregados na construção da linha. A *Brazil Railway* não cumpriu seus compromissos com esses trabalhadores, e mais de quatro mil homens se uniram à população cabocla expropriada de suas terras. A região do Meio-Oeste catarinense

e Sul do Paraná estava prestes a sofrer seu maior revés (ESPIG, 2015; VALENTINI, 2015). A região passa a ter grande número de pessoas sem acesso às terras e sem assistência alguma.

Espoliada de suas terras, abandonada em um sertão longínquo, a população sertaneja do Contestado tem seu modo de vida transformado com a chegada da estrada de ferro. A rotina cabocla era diferente daquela que estava começando a se instalar na região. As decisões sobre o uso da terra, antes coletiva devido ao sistema de produção dos caboclos, agora partem das grandes cidades. O capitalismo começa a ditar as regras nos sertões. A construção da estrada de ferro e a exploração das florestas de araucária acabam por tornar o sistema de vida do sertão diferente. Os fluxos migratórios colocam uma nova configuração, que Queiroz assim classifica “a) coroneis, b) fazendeiros, c) criadores ou meio fazendeiros, d) lavradores, e) agregados, f) peões” (QUEIROZ, 1966, p.37), além dos

[...] curandeiros, puxadores de terços e “monges”, através dos quais aquela sociedade arcaica e patrimonialista acreditava poder alcançar num plano sobrenatural o que lhe era negado pelo atraso técnico ou pela injustiça - real ou imaginária - das relações existentes entre os homens (QUEIROZ, 1966, p. 51).

Ao sertanejo restava a fé, a crença no além, e a ode à monarquia. O sertanejo, antes pacato e trabalhador, nessa situação é jogado ao mundo capitalista do início da Primeira República. Essa mesma república gerava rancor e medo, pois as “gentes das Oropa” tiraram suas terras, como diziam os caboclos, em referência aos estrangeiros, americanos e europeus, que vieram explorar economicamente a região. O ódio à república crescia, com ela vinha a mudança brusca do modo simples de vida da região. O caboclo, segundo os jornais e os documentos do exército da época, é transformado num jagunço, ou num “demônio de fúria, coragem, inventiva e pertinácia” (QUEIROZ, 1966, p. 2). E, necessita de um líder. É aí que as figuras dos três monges, João Maria, João Maria de Jesus e José Maria se tornam decisivas na região, pois, como declara Queiroz sobre o messianismo do Contestado,

[...] é todo aquele em que um número maior ou menor de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, se reúnem no culto a um indivíduo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se mantêm reunidas na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e (ou) ingressarão ainda em vida num

modo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal [...] (1966, p. 251).

Os tempos são de pouco pasto e muito rastro, já dizia João Maria. O governo começa a ver com maus olhos a movimentação em torno dos monges e as aspirações monarquistas sertanejas de que a república voltasse a ser monarquia e, assim, a exploração estrangeira também desaparecesse e tudo voltasse a ser como antes. E, seguem à espera do messias. O Combate do Irani, em outubro de 1912, entre o Exército Brasileiro, polícias do Paraná e Santa Catarina, além de jagunços, contra os caboclos, foi o início de quatro anos de intensas batalhas, formações de cidades-santas, genocídio, exploração estrangeira, limpeza étnica e de empobrecimento das populações da região contestada (VALENTINI, 2000; Fraga, 2012 e 2015).

## 1.2 JOÃO QUE ERA MARIA E QUE ERA JOSÉ

A presença dos monges na região do Contestado é muito latente. Cem anos depois, os visitantes do Museu do Contestado lembram-se de falas e causos de familiares referentes aos “messias” da região. Durante a Guerra do Contestado, essa presença foi imprescindível.

O caboclo é um ser formado por três etnias, branco, negro e índio, que lhe conferiram características religiosas peculiares. Segundo Thomé (1997, p. 21), “do índio, o cristianismo do europeu recebeu influência do animismo, e do negro, o feiticismo, fazendo florescer uma espiritualidade cristã católica com boa base de crenças profanas [...]”, criando assim, o que os estudiosos chamam de catolicismo rústico, baseado mais na fé e na crença do que numa corrente religiosa, com preceitos e dogmas (MONTEIRO, 1974; THOMÉ, 1997; MACHADO, 2004). Os caboclos, então, tinham a religião à sua maneira, acreditavam no poder do chá, da cura pelas coisas da natureza, ao mesmo tempo em que acreditavam no Divino Espírito Santo, e na volta do messias.

Pela região do Contestado passaram três indivíduos dotados de conhecimento natural, cura por chás e benzeduras; e de conhecimento erudito, pelas rezas, ladainhas e aconselhamentos. Cada qual com seus “métodos próprios

para curar, evangelizar e aconselhar, ou rituais que repetiam a cada parada das peregrinações” (THOMÉ, 1997, p. 20).

O primeiro monge, João Maria D’Agostini (Fig.3), era italiano, de nome Giovanni de Agostini. Era leigo, mas vestia hábitos religiosos. Tentou vida em mosteiros, mas, não se adaptando, foi seguir a vocação fora da clausura. Percorreu diversos países europeus e chegou à América, em 1838. Permaneceu no Brasil, entre 1843 e 1852, peregrinando e fazendo sermões, já que tinha fluência em línguas e no evangelho. Faleceu em 1869, no Novo México/Estados Unidos, após anos de peregrinações. Suas preces e trejeitos, profecias e rezas ficaram de herança aos caboclos (THOMÉ, 1997; KARSBURG, 2014).

Figura 3 – Monge João Maria D’Agostini, Santa Fé/Estados Unidos, 1867

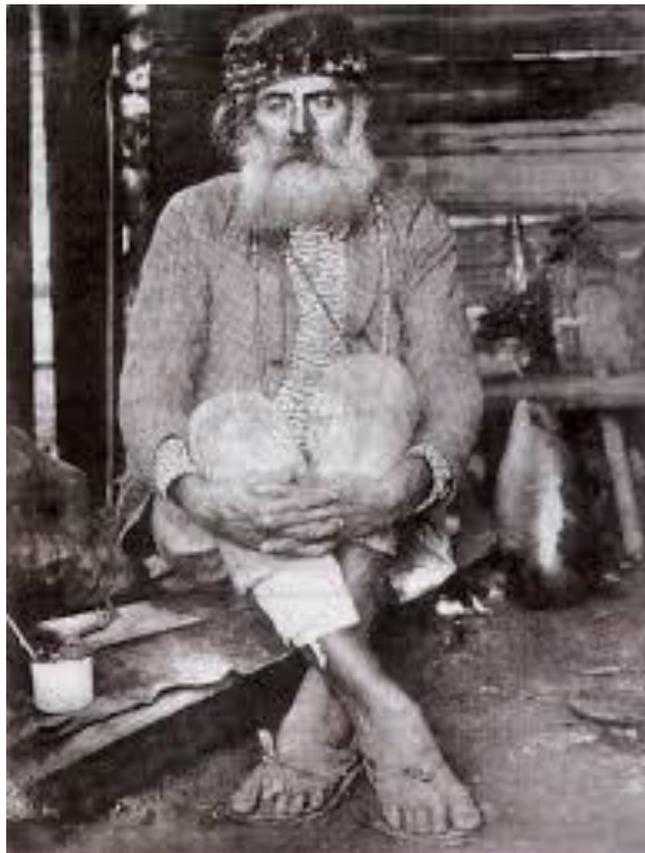


Fonte: Karsburg, 2014, p. 384.

O segundo monge, João Maria de Jesus (Fig. 4), é muito confundido com o primeiro. Sobre João Maria de Jesus, as informações não são muito precisas. A maioria dos dados foi obtida por fontes orais, que quase se confundem com a figura do monge italiano D’Agostini. E, há divergência nas datas com relação à presença dos dois na região do Contestado (THOMÉ, 1997). O que se sabe é que era

argentino, de provável nome Anastas Marcaf. Vestia traje civil simples, carregava poucos pertences e pernoitava em cavernas ou em tendas, além de criticar veementemente a república em seus sermões. Acredita-se que, “esteve na região [do Contestado] por 30 anos, tendo ele mesmo dado a sua penitência por encerrada em 1897, partindo para não se sabe onde especificamente” (THOMÉ, 1997, p. 42).

Figura 4 – João Maria de Jesus, [s.l.], [1840?]



Fonte: Thomé, 1997, p. 67.

João Maria de Jesus registrou presença, também, no Rio Grande do Sul e nas fronteiras com a Argentina e o Uruguai. Interessante perceber que, durante a sua peregrinação,

[...] as lendas começaram a nascer; os milagres operados por sua interseção a se multiplicar; as suas pregações a ter mais vida; os patuás, invocando o seu nome, a se difundir profusamente; os cruzeiros, levantados pro mãos escarnadas, a ser objeto da devoção sertaneja. Tornou-se, enfim, por esta estranha canonização (sic), o padroeiro do sertão catarinense. (LUZ, 1952, p. 88).

Suas lendas e profecias, misturadas às do primeiro monge, constituem rica herança religiosa dos caboclos do Contestado. A sua foto é encontrada em vários altares de famílias da região.

De nome Miguel Lucena de Boaventura (Fig.5) o terceiro monge do Contestado tem história controversa e polêmica. Autores acreditam que ele possa ter sido desertor da polícia do Paraná. Outros, que era irmão de João Maria de Jesus. Conta-se que era letrado, possuía muito conhecimento sobre ervas e curava com rezas, como faziam os monges anteriores. Na época da Guerra, foi acusado de uma série de crimes, que incluíam abuso sexual e charlatanismo, devido à crença religiosa nas virgens e na cura pela natureza (MACHADO, 2004). No coração caboclo, ficou como mártir, morrendo na primeira batalha, em Irani, 1912, num confronto com a polícia paranaense.

Figura 5 – Miguel Lucena de Boaventura e as virgens, [s.l.], [1912?]



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, 2016.

Sobre os monges e suas relações com a região do Contestado, é possível afirmar que

De vez em quando, os caboclos se punham a comparar o atual monge com o anterior, com o velho e bondoso João Maria do qual seus pais falavam sempre, venerando profeta que havia sido padrinho de todos eles. Muitos dos componentes do reduto haviam-no conhecido pessoalmente[...]. Do confronto, José Maria saía perdendo sempre. O santo era alto, não bebia álcool, não comia carne, não andava rodeado de mulheres, jamais aceitara

dinheiro. José Maria era baixo e corpulento, pernas e braços curtos, em desproporção com o tronco avantajado. João Maria, sem favor nenhum, podia ser classificado como um ancião de boa aparência. O monge atual, de belo não tinha mesmo nada: o nariz grande e chato, os lábios grossos, os dentes podres e encardidos. E, se não tinha o olhar bondoso e sereno do outro, de gênio também diferia – zangava-se facilmente, era colérico e vingativo. Mas João Maria não voltara, não obstante a promessa feita. Ninguém sabia por onde andava ele, nem se ainda era vivo. Mandara o irmão para cuidar da sua gente. José Maria, apesar dos defeitos, era irmão do outro, santo e milagroso por sua vez. Os caboclos acreditavam nele. Era o jeito. Em nada mais acreditavam. Não tinham no quê. (SASSI, 2012, p. 45).

A história dos monges chegou até a atualidade via fontes orais, de pessoas que acompanharam suas peregrinações, das autoridades militares; e por fontes escritas, dos jornais, dos registros militares e jurídicos. São três histórias que se misturam, e a outras, como dos Monges Barbudos e do Canudinho de Lages, (MACHADO, 2004), num período conturbado da República Brasileira, quando a salvação parecia vir dos céus.

### 1.3 OS HABITANTES DO PLANALTO E A IDENTIDADE REGIONAL

Para entendermos como se dão as questões das identidades no Museu do Contestado, objeto de análise, primeiramente é necessário entender o que é o caboclo: um dos agentes fomentadores e participantes da Guerra do Contestado.

O termo caboclo, por si só, ainda gera discussões. A fim de compreender a origem desse conceito, procurou-se a definição específica em autores que trabalham com o caboclo do Contestado. Richard Pace, antropólogo estadunidense, ao definir os caboclos da Amazônia, afirma que

É provável que o termo “caboclo” se origine da palavra tupi *caa-boc*, que significa “o que vem da floresta”, utilizado, originalmente, pelos grupos indígenas que viviam na costa para designar os grupos que viviam no interior. Durante o período colonial, o termo referia-se aos índios catequizados e descendentes da miscigenação entre o índio e o europeu. Por volta do século XIX, o termo era comumente utilizado para designar, de forma genérica, os habitantes rurais da Amazônia. Atualmente, o termo é frequentemente aplicado às populações tradicionais, não indígenas, da região, que perfazem um total de aproximadamente dois milhões de habitantes, excluindo-se os imigrantes que chegaram a partir da década de 1960, conhecidos como colonos (PACE, 2006, p 80).

O mesmo autor reconhece que existem diferentes definições nas diferentes áreas acadêmicas. A maioria delas coloca o termo caboclo como “uma mistura da

população indígena com a europeia ou das populações indígenas, europeia e africana” (PACE, 2006, p. 80). Ou, mesmo, os caboclos tendo origem nos camponeses indígenas com mais de trezentos anos de existência.

No Contestado, o surgimento do caboclo não foi muito diferente daquele da Amazônia, estudado por Pace. Em um espaço onde só havia matas, temos a formação do caboclo pardo, ou o homem do Contestado, segundo Thomé (2011), a partir de uma mistura do branco com o negro e o índio. Seria o “filho do curiboca com o mameluco, herdeiro da cultura dos descobridores e da cultura autóctone [...], marcado pelos traços das tradições ibéricas [...]” (THOMÉ, 2011, p. 124-125), além de características gaúchas, paranaenses e paulistas.

Paulo Pinheiro Machado, na introdução do livro **Lideranças do Contestado** (2004), fala sobre o conceito por ele usado, em toda a obra, quando se refere aos caboclos,

Utilizo a palavra “caboclo” no mesmo sentido empregado pelos habitantes do planalto, ou seja, o habitante pobre do meio rural. Embora não haja uma conotação étnica nesta palavra, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro. Mas a característica principal desta palavra é que distingue uma condição social e cultural, ou seja, são caboclos os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões que vivem em economia de subsistência e são devotos de São João Maria. Desta forma, havia também brancos caboclos, alemães e polacos acaboclos. (MACHADO, 2004, p.48).

Para este trabalho, considerou-se o uso do termo caboclo na definição acima exposta pelo professor Paulo P. Machado, pois entendeu-se que esta é a definição mais adequada do termo caboclo, o habitante do Meio-Oeste catarinense, haja vista a questão da depreciação do caboclo, ou do termo caboclo, presente, por muito tempo, em tantas publicações sobre a Guerra, como salienta Valentini

Por muito tempo o estudo sobre o conflito refletiu todos os preconceitos que existem sobre as populações rurais em geral e, em especial os caboclos. “Matutos”, “tabaréus”, e outras denominações pejorativas aos habitantes nacionais indicavam uma mistura de preconceito racial (contra negros, indígenas e mestiços) associado ao preconceito urbano e de classe, contra os camponeses em geral. Esta população [...] era tratada como um povo ignorante, desprovido de civilidade, despreparado para qualquer política de modernização, preso às superstições e guiado por charlatães e exploradores de sua fé ingênua. [...] Os sertanejos eram vistos por suas carências e pelo que não eram. (VALENTINI *et al.*, 2012, p. 16).

Entretanto, como afirma Kummer (2011, p. 32), “há que se deixar claro que embora exista um processo de exclusão e silenciamento da cultura cabocla, a partir de sua historiografia, não podemos [...] igualmente mitificar o caboclo”. O caboclo matou e morreu. Sobreviveu lutando, mas também, teve de matar:

A Guerra do Contestado começou com um líder considerado santo — o monge José Maria — e terminou com outro tido como o próprio diabo — Adeodato Ramos. “O demônio está encarcerado”, anunciou em agosto de 1916 o jornal *O Imparcial*, de Canoinhas (SC), referindo-se à captura de Adeodato, que tinha fama de assassino e era temido pelos próprios companheiros. O repórter do jornal *O Estado*, de Florianópolis, porém, se surpreendeu ao entrevistar Adeodato na prisão. “Nós, que esperávamos ver o semblante perverso de um bandido, cujos traços fisionômicos estivessem a denotar sua filiação entre os degenerados do crime, vimos, pelo contrário, um mancebo em todo o vigor da juventude, de uma compleição física admirável, esbelto, olhos de azeviche [pretos], dentes claros, perfeitos e regulares, e ombros largos”, escreveu, destacando a postura recatada do “célebre bandoleiro”. (AGÊNCIA SENADO, 2016).

A historiografia mostra a complexidade do sertanejo, os primeiros habitantes da região. Será que isso é perceptível na exposição sobre o Contestado no Museu do Contestado? Que sertanejo aparece nesse museu? Afinal, qual é a identidade regional que está representada nas exposições de longa duração do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado? O “fanático”, o “jagunço”, ou o camponês espoliado?

#### 1.4 HISTORIOGRAFIA DA GUERRA

Durante muito tempo, o tema Contestado sofreu com um silenciamento. Jogos de poder entre os coronéis, os jornais, e o próprio processo de imigração para a região fizeram com que as vozes dos sertanejos sobreviventes, ou de seus descendentes, fossem caladas. Era feio falar do Contestado. Gerações de famílias sofreram não só com a espoliação de terras, mas também com a mordança sobre o conflito. Era traumático revelar o que se viu e viveu nos redutos durante a Guerra (MACHADO, 2004 e 2011; FRAGA, 2012 E 2015). Ao analisarmos esse processo, verificamos, ainda hoje, a existência de um silêncio dolorido na região, que vem sendo quebrado, aos poucos, com novos estudos sobre o tema, com a presença de movimentos sociais mais estruturados e espaços de memórias para o conflito, como o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de Caçador/SC.

Segundo Machado (2011, p. 178),

[...] por muito tempo existiu uma espécie de silêncio público sobre a Guerra do Contestado. Desde o final da guerra até a década de 1980, esse assunto não foi objeto da atenção pública, embora já houvesse uma farta produção de militares e acadêmicos sobre o tema. A partir dos anos 1980, como parte do processo de redemocratização do país, o conflito do Contestado passou de distintas maneiras, a ser lembrado por movimentos sociais, órgãos de Estado e pesquisadores acadêmicos.

Se a historiografia vem mudando e acrescentando novos olhares/estudos sobre o conflito, o que dizer dos museus e centros de memória sobre a guerra? Os descendentes do conflito têm suas vozes ouvidas nesses espaços? Para entender como se deram essas questões do Contestado e como as exposições do Museu do Contestado se constituíram, uma análise do que foi escrito sobre o tema se faz necessária.

As fontes primárias sobre o conflito são, basicamente, relatos de militares e artigos de jornais (MACHADO, 2004). As fontes orais, como viu-se, foram silenciadas, por medo ou por vontade própria de esquecer a dor (FRAGA, 2015). Os escritos mais efetivos do conflito surgem pouco tempo depois de seu fim. Conforme Espig (2005, p.1), “a produção historiográfica sobre o Contestado inicia-se com os dois capítulos sobre o assunto, publicados por Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador e médico catarinense, em um manual de 1937”. Esse manual serviria de base para os estudos de Aujor Ávila da Luz, também médico, sobre o Contestado, no livro **Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos**, de 1952; e, do historiador e jornalista Brasil Gerson, **Pequena história dos fanáticos do Contestado**, de 1955. Segundo Machado (2004), essas primeiras publicações e, por um bom tempo, as produções historiográficas posteriores repetiam os mesmos conceitos depreciativos utilizados pelos jornais e pela documentação do exército, para se referirem à população da região do Contestado.

A imprensa revelou-se uma fonte muito pobre sobre o conflito. Ela revela mais claramente a visão das elites e da intelectualidade do litoral sobre a guerra do que propriamente informações diretas sobre os acontecimentos do planalto. [...]. Normalmente, os jornais transcreviam alguns telegramas do governador e de chefes militares e algumas notícias eram plantadas por políticos serranos de passagem pela capital do estado. [...]. Nenhum jornal do litoral catarinense ou da grande imprensa nacional enviou repórteres para a região do conflito. Mesmo assim, a postura da imprensa não era uniforme [...]. (MACHADO, 2004, p. 46-47).

Concomitante a Aujor da Luz e Brasil Gerson, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz e seu **A Guerra Santa no Brasil: movimento messiânico no Contestado**, publicado pela primeira vez em 1957; no qual, a autora desde seus estudos iniciais passou

A se interessar pelos Messias, que percorreram (e ainda percorrem por vezes) o interior brasileiro, atraindo as massas deserdadas e inquietas para juntos construírem uma Nova Jerusalém. [...] mostrava já a precariedade do modelo: o messianismo aparece, nesta obra, não como um Apocalipse, mas como a conquista da alegria e do prazer; em oposição ao catolicismo do litoral, que sacerdotes estrangeiros pretendem impor aos roceiros, - catolicismo dogmático, moral e puritano, - o messianismo exprime o desejo de transformar a vida cotidiana numa Festa perpétua; uma festa católica, certamente, mas realmente festa, com procissões, cavalhadas, desafios de viola. (BASTIDE, 1976, p. XV).

O trabalho da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz introduz as pesquisas sobre as questões do messianismo e seus desdobramentos nos movimentos populares da Primeira República (1889-1930), em especial, na Guerra de Canudos (BA, 1896-1897) e na Guerra do Contestado (PR-SC, 1912-1916). Um olhar acadêmico sobre um assunto que era sempre tratado como fanatismo por outros autores. A manifestação de fé e o inconformismo com o modelo de governo transformou simples sertanejos em fanáticos e hereges. A autora traz uma nova forma de estudar e compreender as comunidades em momentos de crise, e como elas superam esse obstáculo, lutando ou se opondo à religião oficial, até mesmo incorporando elementos dessa na vida cotidiana. Não uma aculturação, mas uma forma nova de professar a fé (QUEIROZ, 1976).

Seguindo os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, pode-se acrescentar, também, a pesquisa do antropólogo Maurício Vinhas de Queiroz, com o livro **Messianismo e Conflito Social**, de 1966,

Só no início dos anos 50 o Contestado se tornaria uma presença [...]. Apareceu em Florianópolis o Maurício Vinhas de Queiroz, pensando em permanecer em Santa Catarina uns seis meses; ia percorrer toda a região do Contestado a fim de escrever um livro. Sediado em Florianópolis, mapeou a região, saía a campo por uns quinze dias, voltava para organizar o material que havia coletado. (MIGUEL, 2006, p. 13).

O trabalho de Vinhas de Queiroz é considerado “sem dúvida o mais extenso, completo e detalhado levantamento empírico realizado sobre o conflito do Contestado” (MACHADO, 2004, p. 39). Por duas vezes, o autor esteve na região do

Contestado, entre 1953 e 1954, onde recolheu alguns depoimentos de caboclos e policiais, e, em 1961, quando teve acesso a manuscritos sobre a Guerra (MACHADO, 2004, p. 52). Para Vinhas, “o movimento do Contestado ainda era uma ‘revolta alienada’ que revelava um autismo, um isolamento patológico dos sertanejos em relação à sociedade circundante” (MACHADO, 2012). Com Maria Isaura Pereira de Queiroz e Maurício Vinhas revela-se “atenção e destaque às condições de vida, à figura do caboclo, ao contexto histórico-sociológico e às singularidades da mentalidade regional” (ESPIG, 2005, p. 4).

Em 1974, temos outro clássico sobre o Contestado, **Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado**, de Duglas Teixeira Monteiro, que trouxe um novo olhar sobre a população do planalto catarinense. Ao comentar a obra de Teixeira Monteiro, Paulo Pinheiro Machado (2012, p. 31) ressalta que, para ele,

[...] os participantes do movimento sertanejo eram “pessoas normais”, afastando qualquer noção de loucura ou irracionalidade e ressaltando os aspectos culturais da população, as expectativas milenares, de desencantamento com o mundo dos Coronéis e da Estrada de Ferro e reencantamento com o mundo das “Cidades Santas” formadas pelas irmandades caboclas.

Machado revela, assim, o caráter pacífico ou não belicoso do sertanejo.

Prossegue Paulo P. Machado sobre os trabalhos de Teixeira Monteiro, falando sobre a importância desse autor na discussão sobre os modos de vida e a cultura dos sertanejos; não apenas o lado psicológico e considerado violento dessa população:

A partir dele, toda uma nova geração de pesquisadores tem procurado investigar os traços culturais, as experiências políticas e a tradição local que deu sustentação à invenção cabocla das “Cidades Santas”, o verdadeiro projeto da “Monarquia Cabocla”, que não procurava a restauração dos Braganças, mas sim a construção de um regime de justiça e bem-estar (MACHADO, 2012).

Essas publicações de cunho sociológico e antropológico se tornaram bases para o estudo da temática, partindo da análise do espaço e do habitante ali presentes, e não mais retratando os personagens da guerra como fanáticos e outros adjetivos depreciativos.

Durante o período militar, regime de exceção, tudo o que fosse publicado referente ou fizesse menção a distúrbios à ordem pública ou mesmo a revoltas populares era vedado. Isso contribuiu para a diminuição da produção historiográfica nacional sobre o Contestado (RAMILO, 2009).

Entretanto, é possível encontrar alguns trabalhos pontuais, também considerados clássicos. Capiteados pelo jornalista, historiador e arqueólogo Nilson Thomé, temos o livro **Trem de Ferro**, de 1980, considerado o primeiro trabalho relevante sobre a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, no qual aborda as questões dos primórdios das ferrovias no país, passando pela ferrovia do Contestado e suas consequências. Outra obra do jornalista reúne um pouco a história do americano Percival Farquhar, sob o título: **Civilizações primitivas do Contestado**, de 1981. Como resultado das pesquisas de campo arqueológicas, realizadas por Nilson Thomé e pelo Pe. Thomas Pieters após percorrerem a região do Contestado buscando vestígios materiais da presença mais antiga na área (THOMÉ, 1981), publicou-se **A aviação militar no Contestado**, em 1986, um estudo inicial sobre o pioneiro uso da aviação em eventos de guerra, e sobre a ligação entre o Capitão Ricardo Kirk, morto no Contestado, com a queda do avião e Santos Dumont, pioneiro da aviação brasileira (THOMÉ, 1986). Já **A insurreição xucra no Contestado**, de 1987, apresenta a biografia do personagem símbolo do Contestado: o sertanejo e todo o contexto formativo da região contestada. Esse trabalho foi desenvolvido

Quando Nilson Thomé desempenhava as funções de Coordenador do Projeto Contestado, para o Estado de Santa Catarina, a convite do Governador Sr. Esperidião Amin Helou Filho. Concluído no ano seguinte, o ensaio teve a intenção de apresentar à sociedade a visão histórica do autor [Nilson Thomé] sobre a Guerra do Contestado. Este texto foi selecionado para compor o livro-álbum Editora Index, do Rio de Janeiro, para o qual Nilson Thomé foi convidado a organizar e dele participar, como co-autor, para apresentar a “versão cabocla” do conflito. Como o texto foi resumido para a inserção naquela mega-promoção, [o autor] entendeu que se perderam algumas valiosas informações, o que o levou a, paralelamente, a editar a versão original, num pequeno livro. (THOMÉ; SGARBE, 2016)

Nos anos posteriores ao fim do regime militar, tem-se uma intensa produção historiográfica de Nilson Thomé. **Sangue, suor e lágrimas no chão contestado**, de 1992, aborda, antropologicamente, a cultura cabocla e as consequências do conflito do Contestado para essa etnia (THOMÉ, 1992). **Ciclo da madeira: história da indústria da madeira no Contestado**, de 1995, trata da exploração da floresta de

araucária na região do Contestado (THOMÉ, 1995). **São João Maria na história do Contestado**, de 1997, é um dos primeiros trabalhos sobre a religiosidade cabocla sob a ótica da vida dos dois monges que passaram pelo Contestado antes da guerra e usaram a alcunha de João Maria (THOMÉ, 1997). **Os iluminados**, de 1999, apresenta um estudo antropológico por figuras da história do Contestado, que, com o passar do tempo e da conjuntura psicológica e impactante da guerra, se tornaram monges, videntes, curandeiros, como João Maria, Maria Rosa e o segundo João Maria (THOMÉ, 1999). Em **A política no Contestado**, de 2002, encontra-se um estudo de história política, em que o autor mostra a construção dos processos sociopolíticos da região, desde os primórdios da República ao período militar, e as consequências para a governabilidade da região do Contestado (THOMÉ, 2002). **Uma nova história para o Contestado**, de 2004, traz o arrazoado sobre os 30 anos de trabalho de Nilson Thomé em contato com o Contestado, sendo esse livro essencial para a pesquisa de fontes e referências teóricas ligadas à história do Contestado (THOMÉ, 2004). Acrescenta-se, também, **Breve história da Guerra do Contestado**, de 2005, uma síntese sobre o conflito, mostrando o embate social-militar e suas consequências para a região. Os estudos de Nilson Thomé sobre o Contestado começam em 1965 e terminam em 2014, com o seu falecimento. Suas obras sobre o tema passam de 30. Ele é considerado um dos maiores pesquisadores sobre o Contestado.

Nos anos 2000, próximo às comemorações do centenário do início dos conflitos do Contestado, que se deu em 2012<sup>2</sup>, temos ainda mais publicações sobre o tema. **Da cidade santa à corte celeste**, de 2000, é a dissertação de mestrado que virou livro, com autoria de Delmir Valentini, e conta com a construção da história da Guerra do Contestado por meio de entrevistas com sobreviventes e descendentes de sobreviventes da guerra, além de abordar o contexto histórico e geográfico do conflito e a figura do líder sertanejo Adeodato (VALENTINI, 2000). **Chica- Pelega do Taquaruçu**, de 2000, escrito por Cirila Pradi, parte de relatos orais, livro em que a autora conta a história da menina Francisca Roberta, considerada liderança cabocla/sertaneja nos primórdios do conflito (PRADI, 2000). **Folclore Itinerante da Epopéia do Contestado: História em Música**, de 2002, reúne uma coletânea de

---

<sup>2</sup> Lei nº 15.726, de 04 de janeiro de 2012, que institui o dia 22 de outubro de 2012 como a data do centenário da Guerra do Contestado. Disponível em: <http://www.pge.sc.gov.br/index.php/legislacao-estadual-pge>. Acesso em: 30 nov 2015.

temas sobre o Contestado, organizada pelo folclorista e músico Vicente Telles (TELLES, 2000). **Lideranças do Contestado**, de 2004, por Paulo Pinheiro Machado, é trabalho que sai do eixo monges-irmandades e vai “fazer um levantamento e a análise das origens sociais e da formação e atuação política das lideranças sertanejas do Contestado, principalmente da fase final do conflito (julho de 1914 a janeiro de 1916), (MACHADO, 2004, p. 23-24). Em **O Contestado**, do dramaturgo, musicista e historiador Romário Borelli, registra-se a peça teatral escrita na década de 1970, referência quando se coloca o conflito do Contestado em cena. Tal obra acaba virando livro em 2006, e hoje é uma das peças mais encenadas no Sul do país, recebendo várias versões (BORELLI, 2006). **Contestado: a guerra dos equívocos**, de 2009, é um romance no qual o escritor Walmor Santos vai explorar os equívocos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, que vão culminar com o conflito bélico do Contestado. **História do trem no Contestado, O ciclo da madeira no Contestado, Chão contestado: cenário de violências, Índios no espaço livre do Contestado, A fragilidade das fronteiras nas terras contestadas, Gaviões do governo no céu Contestado**, todas de 2010, com autoria de Nilson Thomé, que retoma, repagina e aprofunda algumas de suas antigas obras, tratando, nas mais recentes, da chegada da ferrovia, do ciclo da exploração da araucária na região, da região contestada sendo palco de violência desde a presença dos bugreiros até as intrigas coronelistas e a passagem da Coluna Prestes pela área. Também aprofunda a questão da presença primeira do indígena no Contestado, as fronteiras entre os Estados e, novamente, a presença militar na região, respectivamente. **A república dos coronéis contra a Irmandade de São Sebastião**, de 2011, por Wilmar da Rocha D’Angelis, analisa a situação do local pelo prisma da dicotomia: religiosidade sertaneja *versus* coronelismo. **Guerra do Contestado**, de 2012, publicação de Jakzam Kaizer, é um livro que utiliza recursos cartográficos e visuais para tornar a história do Contestado mais acessível aos leitores. **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**, de 2012, apresenta uma coletânea de artigos organizada por Delmir Valentini, Marcia J. Espig e Paulo P. Machado, oriundos do Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional (1912-2012), que ocorreu no mesmo ano da publicação, em Florianópolis e Chapecó/SC, e em Pelotas/RS. **História do Contestado**, de 2012, foi organizado por Delmir Valentini, Fernando Tokarski, Sandro Cesar Moreira, Nilson Thomé e M.

C. P. Amador, reunindo textos sobre os diversos momentos da Guerra, lançado em comemoração ao centenário de início do conflito. A obra **Contestado em Guerra, de 2012**, também traz uma coletânea de artigos sobre diversos temas referentes ao Contestado, organizada pelo geógrafo Nilson Fraga. Produzido pelo Memorial do Ministério Público de Santa Catarina e organizado por Arno Wehling, Augusto César Zeferino, Aureliano Pinto de Moura, Gunter Axt e Helen Crystine Corrêa Sanches, o livro **100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio**, de 2013, é resultado do Seminário Nacional 100 Anos da Guerra do Contestado, realizado no ano anterior, em Florianópolis. **A sangrenta Guerra do Contestado**, de 2013, de Paulo Ramos Derengoski, livro ilustrado com fotos, conta os principais momentos do conflito social do Meio-Oeste catarinense. **Contestado: fronteiras, colonização e conflitos (1912-2014)**, organizado por Delmir Valentini e Rogério R. Rodrigues, de 2015, é obra fruto dos vários artigos apresentados no II Simpósio Nacional sobre o Centenário do Movimento do Contestado: fronteiras, colonização, conflitos e meio ambiente (1912 – 2014), em 2014, na cidade de Chapecó/SC. **O Eremita das Américas**, de Alexandre Karsburg, de 2014, discorre sobre a vida, a peregrinação e a morte do primeiro monge do Contestado: João Maria D' Agostini. Em **Vale do Contestado: o Contestado visto e sentido**, de 2015, por Nilson Cesar Fraga, o autor conta suas andanças pelo chão contestado durante as pesquisas acadêmicas com alunos. **Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas**, também organização de Nilson Fraga, de 2016, reúne artigos coletados por meio das pesquisas recentes dos discentes em várias cidades da região do Contestado; entre outras bibliografias de abordagens diferentes, mas que falam, em suma, do mesmo tema: Contestado.

As produções historiográficas sobre o Contestado, em diferentes perspectivas teóricas, mostram que esse tema não se esgota. Verificando as bibliografias para este trabalho, viu-se que as produções contam com novos estudos aprofundados e novos atores (pequenos proprietários rurais, empresários locais, mulheres) sobre os temas norteadores da guerra (combates, questões de limites, messianismo, ferrovia). Um novo olhar se dá sobre os temas recorrentes (caboclos como nem fanáticos, nem jagunços; e atuação militar, por exemplo), diferente “das primeiras gerações de historiadores a tratar do tema, [que] repetiram acriticamente os termos utilizados pelas fontes originais” (VALENTINI *et al.*, 2012, p. 7).

A partir de 2016, ano do centenário do fim da Guerra, vê-se muitos trabalhos acadêmicos revisitando o tema e acrescentando novos olhares, associações de história, como as de Santa Catarina e do Paraná, organizando encontros para debaterem o tema e gerarem novos trabalhos sobre o Contestado. Somam-se também Prefeituras, Câmaras Municipais e movimentos sociais das cidades<sup>3</sup> do Contestado buscando formas de comemorar, ou melhor, lembrar, pois, toda produção historiográfica sobre o conflito é fonte para os trabalhos museológicos do Museu do Contestado.

---

<sup>3</sup> Alguns exemplos: Associação de Caboclos de Lebon Régis/SC; Observatório do Centenário da Guerra do Contestado, da Universidade de Londrina/UEL, e da Universidade Federal do Paraná, UFPR, ambas do Paraná; Cavaleiros do Contestado, de Lebon Régis/SC; Pastoral Cabocla Diocesana, de Caçador/SC; Romaria do Centenário do Contestado, em Timbó Grande/SC; Associação Puxirão dos Caboclos, de Saudades/SC, Sociedade Amigos da Viola e Associação Amigos da Roda de Viola Cabocla, de Chapecó/SC.

## 2 MUSEUS E MEMÓRIAS: O MHARC

Para contar uma história, várias versões são possíveis. A de quem ouviu falar e a de quem realmente a vivenciou e mesmo tratando-se destes, ainda existem diferentes versões. É interessante perceber que essa máxima popular se reflete muito bem nos museus, ou deveria, pelo menos. De local de guarda de objetos, os museus, em pleno século XXI, assumem caráter inovador e transformador, na maioria das vezes, transgressor. Muito mais que espaços de guarda e conservação, os museus se tornam lugares de memórias (NORA, 1993). Segundo Pinto (2013, p. 90), “o museu pode ser a lembrança de gente deixada pelo objeto, ou lembranças que incitam a busca de outras histórias: história de pessoas, história de lugares”. E, isso auxilia muito no estudo de uma instituição museológica, que faremos a seguir. Para entender a construção museológica do MHARC, recorreremos a Nora (1993), que nos deixa claro que o momento é de aceleração da história e, conseqüentemente, de desligamento, ou um não tempo do passado, que já não está mais, está morto ou mesmo já não é percebido. Isso levanta o interesse nos lugares de memórias, que são

[...] antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.12 - 13).

Aí vemos o grande interesse e/ou “uma vontade incontrolável de criar arquivos [museus] gerados para a lembrança, para o desejo de não esquecer e não ser esquecido, memória que são restos, rastros de uma história” (PINTO, p. 90). Nora (1993) afirma que, se a memória estivesse em permanente processo de rememoração, não haveria necessidade de lugares feitos especialmente para guardá-las. Alguns lugares de memória, atualmente, parecem ter saído da mente fantasiosa de Jorge Luis Borges e seu conto Funes, o Memorioso, em que

[Funes] podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, já tinha requerido um dia inteiro. Disse-me: "Mais recordações tenho eu sozinho que as que tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo". E também: "Meus sonhos são como a vigília de vocês". E, igualmente, próximo do amanhecer: "Minha memória, senhor, é como despejamento de lixos" (BORGES, 1998, p. 56).

Assim como em Borges e seu Funes, retomamos Nora (1993) para trabalhar a questão da "memória verdadeira", aquela dos hábitos e ofícios, dos saberes, dos silêncios. Mesmo universalizada, ela não perde seu caráter de unicidade que a constitui. É aí que o autor diferencia a memória da memória arquivística, aquela que guarda tudo. É exatamente o que acontece na contemporaneidade, uma ânsia em guardar e preservar tudo. Ou o mal de arquivo, como fala Pinto (2013), onde há excesso de documentos e materiais, mas falta de escrita, pesquisa. Para a autora, o que falta à maioria das instituições, hoje, é trabalhar as questões do sentimento de pertencimento, da presentificação, pois é "preciso trazer para o lugar de memória o sentimento de pertencimento no presente, em sua agoridade" (PINTO, 2013, p. 92).

Esse processo de memória e patrimônio ou pertencimento gerou o que Winter (2006) chama de *boom* da memória, que leva ao processo de musealização ou arquivamento, um jogo de poder entre a memória e o esquecimento. Esse *boom*, conseqüentemente, está ligado à memória do poder, pois, "observa-se que a maioria dos museus, durante o século XX, construiu uma memória pautada no arquivamento, na guarda e patrimonialização dessa memória, cuja necessidade de preservar vai produzir as instituições culturais" (PINTO, 2013, p. 92).

É o que Chagas (2006) fala quando sugere que em cada museu deve haver uma gota de sangue. É um jogo de poder, entre "o esquecimento e a resistência. Este jogo concreto é jogado por indivíduos e coletividades em relação. Não há sentido imutável, não há orientação que não possa ser refeita [...]" (CHAGAS, 2009, p. 69). A dual relação entre memória e esquecimento está na gênese do museu.

Pinto (2013, p.92), quando fala da memória

[...] que é construção, situada na dimensão inter-relacional entre os seres, e entre os seres e as coisas. E que os museus, mesmo sendo memória do poder, não deixam de trazer, de modo explícito ou não, um indelével "sinal de sangue". Sinal de subjetividades, singularidades, restos, fissuras que precisam ser explicitadas.

Tal debate ou apontamento nos faz lembrar um elemento-chave que norteia a atual discussão dos museus e, principalmente, da museologia, e corrobora as questões relativas à memória e às instituições museológicas: o fato museal, que é

[a] relação profunda entre o homem–sujeito conhecedor–e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem “admira o objeto”. (RÚSSIO cf. BRUNO, 2010, p. 123).

Assim sendo, percebe-se que as instituições museológicas estão intimamente ligadas às questões de memória, individuais ou coletivas (HALBWACHS, 2004; POLLAK, 1989). Nesse processo, o presente estudo revela o museu, não mais como um espaço de comemoração, mas, sim, de subjetivação, como declaram Nora (1993) e Guarnieri (1990). Tal percepção provoca alguns questionamentos sobre a atuação contemporânea dos museus: continuam sendo gabinetes de curiosidades ou são espaços de “deixar vir os fantasmas de tempos diante de um não tempo, de um não-dito, de um não-lugar. Memórias de um grupo singular e não de um sujeito institucionalizado”? (PINTO, 2013, p.91)? Promovem a fruição, o aprendizado e a subjetivação, ou ainda “são capazes de ordenar, civilizar e disciplinar grandes setores da população”? (SANTOS, 2004, p. 55). E, os visitantes, como ficam nesse processo todo? Apropriam-se desses lugares de memória ou são apropriados, ou mesmo desapropriados? Como essa relação se dá no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, centro de memórias de um conflito civil que ocorreu há 100 anos, e que tem, entre outros temas constituintes, a Guerra do Contestado, considerado o maior conflito civil da Primeira República brasileira (FRAGA, 2012; MACHADO, 2004, THOMÉ, 2010)?

## 2.1 MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

Considerado o mais importante museu que trata do tema da Guerra do Contestado (ROMERO, 2012; OLIVEIRA, 2006), o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado tem criação interessante, que tanto o liga com as questões políticas da década de 1980, quanto à sua construção efetiva, na cidade de Caçador, Meio-Oeste de Santa Catarina.

Criado pelo historiador, jornalista, escritor e arqueólogo autodidata Nilson Thomé e pelo padre e antropólogo Thomas Pieters, dois estudiosos da causa contestada, o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, conforme a Resolução 01/74 (Anexo), tem início, em 1974, em uma sala na Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe (Fearpe), onde estava o acervo arqueológico, pré-colonial, fruto de coleta dos dois pesquisadores. Segundo o atual coordenador do Museu do Contestado, Júlio Corrente, a participação de Thomé e Pieters foi imprescindível para o desenvolvimento da instituição, pois

Desde sua criação, a pessoa que sempre se colocou ali foi o Nilson Thomé. O Museu do Contestado foi criado em 74. Ele é criado numa sala. Até inclusive, a Igreja Católica, [...] tem uma influência muito grande nesse processo. O Padre Thomas Pieters, que é um dos idealizadores, foi um dos pioneiros, vamos dizer, o primeiro percursor de pesquisa sobre a área antropológica e da Guerra do Contestado, a partir da década de 60 ainda. [...] Aí o Nilson assume esse papel fundamental [...] com diversas obras sobre o tema do Contestado, o homem do Contestado, o caboclo em si. E, a partir de 86, o grande projeto, no governo Amin, que ele vai edificar o Museu do Contestado aqui. Ele vai colocar esses monumentos, espalhando 19 monumentos por toda a região onde aconteceram os conflitos armados (CORRENTE, 2016).

A Figura 6 mostra a primeira instalação do MHARC, na década de 1970. O museu, nessa época, “era o Museu Antropológico de Caçador. O que se evidenciava [...] era o acervo material, lítico, pétreo, que estava relacionado ao padre Thomas Pieters. Uma ligação mais com a Antropologia, o índio” (CORRENTE, 2016). Não somente indígena, mas pré-colonial também. Material esse ainda a ser estudado.

Figura 6 – Coleção de arqueologia do Museu do Contestado, em 1974



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

A missão do Museu do Contestado é “documentar, restaurar, preservar e guardar viva a memória e a cultura do Contestado, e ser fonte permanente de pesquisas, visando à construção do conhecimento histórico e transmissão da herança cultural do Contestado” (THOMÉ, CHAPIEWSKI, 2004). Sua origem, entretanto, está intimamente ligada ao período político catarinense da década de 1980, quando as políticas governamentais catarinenses, com o governador Espiridião Amin, em especial, estavam voltadas para a construção de uma identidade regional (MACHADO, 2004; OLIVEIRA, 2007). Dessa maneira, tem-se o que deveria ser a base do Museu do Contestado: a importância, ou melhor, a criação do homem do Contestado. Em seu mandato, lança o projeto de resgate da memória do homem do Contestado, no qual se previu, desde a restauração de documentos históricos relativos ao período da Guerra, exposições, publicações de livros e cartilhas, apresentações artísticas, e a criação de instituições culturais; até a construção de marcos arquitetônicos sinalizando os lugares dos conflitos (OLIVEIRA, 2006).

É como parte desse projeto que, em 1986, nasce, com terreno cedido pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima- RFFSA, o Museu do Contestado, com sede própria, cuja construção é ilustrada na Figura 7.

Figura 7 – Construção da sede própria do Museu do Contestado



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

A Figura 8 mostra aspectos da inauguração do museu, em 1986. O evento reuniu grande parte da população da cidade, além de políticos municipais e estaduais que prestigiaram a inauguração.

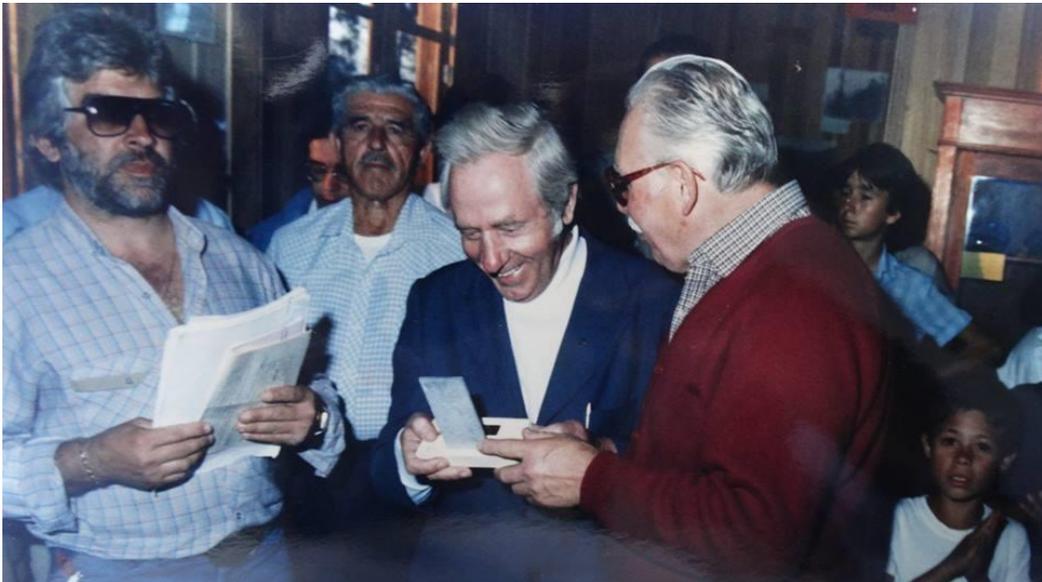
Figura 8 – Inauguração do Museu do Contestado em sede própria



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Os incentivos políticos do governo catarinense tornaram realidade os desejos de Nilson Thomé e Thomas Pieters (Fig. 9). O museu, agora com sede própria, construído e idealizado para ser a casa das memórias do homem do Contestado, continuou sob a manutenção da Fearpe (mais tarde, Universidade do Contestado, UnC, e depois, Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe, UNIARP). Teve o historiador Nilson Thomé como um dos diretores, até 2010, quando a UNIARP passou, em modo de comodato, a instituição museológica à municipalidade caçadoreense.

Figura 9 – Nilson Thomé (de óculos escuros, à esquerda) e Thomas Pieters (recebendo placa de inauguração) na abertura do Museu



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Os motivos de transferir o Museu do Contestado para a municipalidade ainda são incertos e carecem de pesquisa mais profunda<sup>4</sup>. A partir dos anos 2000, o Museu do Contestado já contava com serviços museológicos específicos, tendo diretoria formada em museologia, Michele Chapiweski, que assumiu em 2004, e Caroline Martello, entre 2003 e 2010, esta primeiramente como estagiária, depois museóloga. Nos primeiros anos depois de estabelecido o prédio do Museu, o mesmo apenas abrigava o acervo, sem nenhum serviço de mediação, apenas um guarda, que abria e fechava a instituição. Nos anos 2000, com a contratação de profissionais

<sup>4</sup> Segundo fontes próximas ao historiador Nilson Thomé (falecido em 2014) e não confirmadas, a motivação maior foi uma disputa política e ideológica entre o historiador e a então direção da Universidade.

específicos da área de museus ou de história, o Museu passou a oferecer um serviço de mediações mais efetivo. Os princípios de um regimento interno (ainda hoje em construção) e um setor de ações educativas e culturais (hoje desativado) estiveram ativos. O Museu ainda pertencia à universidade e trabalhavam, ali, cerca de sete pessoas.

Após o ano de 2010, com a entrega do Museu para a municipalidade, a equipe de profissionais diminuiu. Em 2012, havia apenas o coordenador e a auxiliar de serviços gerais. No ano seguinte, contratou-se a museóloga e uma estagiária de Pedagogia. Atualmente, Letíssia Crestani, autora desse trabalho, é responsável pela parte museológica da instituição. A equipe contava, até o final de 2016, também com o coordenador Julio Corrente, responsável pela gestão da instituição. Junto a esses profissionais, trabalha a auxiliar de serviços gerais Filomena Lazaris e a estagiária Kamila de Oliveira, totalizando quatro pessoas.

Atualmente, os trabalhos de mediação são feitos pela museóloga, pelo coordenador e, eventualmente, por um estagiário, em sistema de rodízio. O atendimento é oferecido às escolas, com agendamento ou sem, e ao público espontâneo. A mediação dura cerca de 45 minutos, podendo ser estendida com a exibição de filmes sobre Caçador e o Contestado. Pelo número exíguo de funcionários, a equipe considera positivo que esse serviço ainda seja oferecido, demonstrando, assim, a preocupação dos gestores com seus públicos.

Os pormenores das exposições, ou aquilo que não está escrito na expografia, ficam a cargo de quem vai fazer a mediação. A implementação de uma política de acervos mais efetiva, por exemplo, se faz necessária. É nessa normativa que deverão aparecer os meandros de constituição, pesquisa e comunicação dos acervos. Com isso, a instituição se planeja, por meio do próprio material, para melhor apresentar a história da região do Contestado aos seus visitantes.

A história do Contestado, no MHARC, é apresentada em quatro salas ou nichos expositivos que serão vistas a seguir.

## 2.2 NÚCLEOS EXPOGRÁFICOS DO MUSEU HISTÓRICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

O Museu do Contestado tem sua arquitetura representando a réplica ampliada da primeira Estação Ferroviária de Rio-Caçador (hoje a cidade de Caçador), fundada em 1910, (Fig. 10).

Figura 10 – Primeira Estação Ferroviária de Rio-Caçador



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Com dois pavimentos, a sede do MHARC (Fig.11) abriga quatro salas ou núcleos expositivos no térreo; e uma sala multiuso, além de laboratório de conservação, reserva técnica, sala administrativa e sala de ações educativas, no andar superior.

Figura 11 – Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, 2016



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

A instituição possui um acervo com pouco mais de cinco mil peças, incluindo uma locomotiva com dois vagões (Fig. 11), que está do lado externo do Museu, além de um monumento em homenagem ao monge João Maria (Fig. 12).

Figura 12 – Monumento ao monge João Maria



Fonte: Da autora, 2016.

Externamente, ainda, é possível encontrar um dos vinte marcos do Contestado (Fig. 13) e o obelisco da aviação militar (Fig. 14). Os vinte marcos do Contestado foram construídos durante o governo de Esperidião Amin Helou Filho (PDS), década de 1980, em diferentes cidades da região do Meio-Oeste catarinense, com o apoio de historiadores, num movimento de valorização e comemorações acerca desse conflito. Além dos marcos, foram colocadas placas em locais considerados mais significativos do conflito, como por exemplo, onde ocorreram batalhas, redutos, entre outros pontos relevantes.

Figura 13 – Monumento ao 70º Aniversário do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina



Fonte: Da autora, 2016.

Também chamado de monumento da aviação (Fig. 14), o obelisco foi erigido em memória da utilização de aviões em batalhas, pioneira no país. A homenagem se estende ao capitão Ricardo Kirk, primeiro oficial aviador do Exército Brasileiro, que veio ao Contestado como piloto de guerra. (THOMÉ, 1986).

Figura 14 – Obelisco da Aviação Militar no Contestado



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

O Museu do Contestado possui quatro salas articuladas entre si: uma de cultura indígena, denominada Sala Thomas Pieters; uma sobre a ferrovia do Contestado, chamada Osiris Stenghel; a Sala Victor Kurudz, referente ao povoamento e à colonização; e uma sala sobre a Guerra do Contestado, denominada Sala Espiridião Amin Helou Filho (Fig. 15).

Figura 15 – Planta baixa do primeiro andar do MHARC



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Segue-se a apresentação das salas do MHARC.

### 2.2.1 Sala Thomas Pieters

A sala que leva o nome de um dos fundadores do Museu tem como acervo exposto peças arqueológicas coletadas pelo padre Thomas Pieters e pelo historiador Nilson Thomé, o embrião da construção do Museu (Fig. 16). Urna funerária, ossada humana de sambaquiano, mãos de pilão, mãos de mó e cestaria são os elementos expostos nesse nicho.

Figura 16 – Sala Thomas Pieters



Fonte: Da autora, 2016.

Os diários de campo dos pesquisadores ainda não foram encontrados, fato que pode explicar, em partes, a falta de informações sobre algumas peças arqueológicas expostas nessa sala. Apesar da coleção arqueológica e antropológica ser riquíssima na instituição, ela não deixa muito claro que, antes da construção da estrada de ferro, havia presença milenar, no planalto catarinense, dos grupos de Xoklengs e de Kaigangs (MACHADO, 2004; THOMÉ, 2011; VALENTINI, ESPIG e MACHADO, 2012; FRAGA, 2012; MURARO e VALENTINI, 2015). Esses grupos tinham os próprios meios de subsistência, seus rituais, enfim, sua sociabilidade. Os resquícios dessas vidas se encontram em exposição no Museu (Fig. 17), em vários expositores e armários.

Algo que causa estranhamento nessa sala, e ainda carece de pesquisa, é o fato de uma ossada de habitante do litoral estar presente numa exposição que aborda as origens do homem do planalto ou do Contestado. Teria esse acervo sido fruto de coleta ou doação?

Figura 17 – Parte do acervo relacionado à cultura indígena



Fonte: Da autora, 2016.

Sem o auxílio de mediação, esses resquícios são apenas “objetos dos índios”, e ficam completamente descontextualizados para o visitante (Fig. 18).

Figura 18 – Acervo indígena



Fonte: Da autora, 2016.

Considerando que há acervo não pertencente à região do Contestado nessa sala, verifica-se, também, que em vez de ela apresentar os primeiros habitantes do planalto, ela apenas cita os ramos indígenas presentes na região e as legendas só descrevem o nome do objeto e sua função.

### 2.2.2 Sala Osiris Stenghel

Além das disputas territoriais, o Contestado foi marcado por outros elementos que ajudam a compreender a ebulição e a necessidade de uma guerra civil. A chegada da estrada de ferro, no final do século XIX, trazia promessa de progresso para a região Sul do país.

Com o trem de ferro, vieram personagens para a consolidação da ferrovia, como Percival Farquhar e sua empresa *Brazil Railway Company*, com o engenheiro Achilles Stenghel capitaneando a construção do trecho, além da criação de sua subsidiária *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, empresa de colonização que adentrou o planalto catarinense para “ocupar” as terras aqui existentes (MURARO e VALENTINI, 2015; FRAGA, 2012; MACHADO, 2004; THOMÉ, 1995; QUEIROZ, 1966). O “progresso” trazido por esses desbravadores tem elementos importantes que dão à Sala Osiris Stenghel um ar pesado, solene, com muitos objetos em ferro, representativos da produção ferroviária. A presença dos barões da ferrovia se mostra em quadros, fotos e documentos da época do funcionamento da linha São Paulo-Rio Grande.

O acervo da ferrovia (Fig.19), pertencente à extinta RFFSA, hoje presente no museu, retrata um pouco da história da Ferrovia do Contestado.

Figura 19 – Perspectiva da sala da Ferrovia do Contestado



Fonte: Da autora, 2016.

A sala Osiris Stenghel (Fig. 20 e 21) apresenta, também, muitos objetos referentes a elementos estruturais dos trens, trilhos, instrumentos de medição, mobiliário das estações, vestuário de época; além de material de escritório e livros de contabilidade, manutenção e de passageiros.

Figura 20 – Parte do acervo da ferrovia



Fonte: Da autora, 2016.

Figura 21 – Objetos da ferrovia



Fonte: Da autora, 2016.

Compõe a sala, também, um painel com cópias de fotografias (Fig. 22) que mostram o trabalho e a sociabilidade na empresa *Southern Brazil Lumber Colonization Company*, instalada nas cidades de Três Barras e Calmon/SC.

Figura 22 – Painel com fotos da *Lumber*



Fonte: Da autora, 2016.

Vislumbramos na sala apenas a presença tridimensional da ferrovia. Excetuando-se o banner, visto na Fig. 20, que fala, resumidamente, da chegada da ferrovia à região do Contestado, a presença humana, motriz da construção e concretização da ferrovia, como por exemplo, o papel dos engenheiros, dos trabalhadores e dos sertanejos espoliados, não aparece. Os objetos parecem estar dispostos só para mostrar que na região passavam trens.

### 2.2.3 Sala Victor Kurudz

Esta sala “retrata” (Fig. 23) os pioneiros de Caçador e do Alto Vale do Rio do Peixe. Leva o nome de Victor Kurudz, um dos agrimensores da multinacional *Brazil Development and Colonization Company*, braço da *Brazil Railway Company*, que intermediou a construção da ferrovia e todas as questões de grilagem e expulsão dos nativos e sertanejos das terras contestadas (PANSERA, 2016). O acervo, da mesma forma, está disposto a representar os pioneiros, no caso, aqui, os imigrantes (alemães, italianos, ucranianos, árabes) vindos no período pós-Guerra do Contestado para ocupar as terras “devolutas” dos sertanejos (FRAGA, 2012; ESPIG, 2005; MACHADO, 2004; VALENTINI, 2000).

Figura 23 – Sala Victor Kurudz



Fonte: Da autora, 2016.

Os pioneiros, aqui, são representados sempre como trabalhadores que tiveram vida difícil nos primórdios de Caçador e da região do Contestado (FRAGA, 2012; VALENTINI, 2000). A extensa bibliografia sobre o Contestado vem mostrando cada vez mais as diferenças e semelhanças culturais de cada etnia, componentes do espaço regional do Contestado. Já o discurso expositivo, entretanto, continua a mostrar quem se deu melhor nesse percurso: os imigrantes que vieram ocupar as terras expropriadas dos sertanejos pela empresa colonizadora. Objetos que mostram o trabalho, tanto feminino (ferros, máquinas de costura), quanto masculino (plantadeiras), desses imigrantes, nada fazem relação com a sala anterior, sobre a ferrovia, ou com a posterior, sobre a Guerra do Contestado, em si (Fig. 24).

Figura 24 – Objetos dos imigrantes referentes ao trabalho feminino



Fonte: Da autora, 2016.

Os objetos apenas estão ali expostos para confirmar um discurso de hegemonia dos imigrantes (alemães, italianos, poloneses, ucranianos, entre outros) sobre os sertanejos, dando uma impressão de que só o imigrante era trabalhador (Fig. 25).

Figura 25 – Objetos dos imigrantes referentes ao trabalho masculino



Fonte: Da autora, 2016.

O que responderiam os descendentes dos sertanejos que participaram da guerra, se questionados sobre seus ancestrais, se viviam apenas de sombra e água fresca? A resposta seria negativa, como demonstra a atual bibliografia sobre o cotidiano dos sertanejos (MACHADO, 2004; FRAGA, 2012). Observa-se na sala a dicotomia memória-esquecimento. Há uma clara exaltação ao colono migrante, que veio de outras regiões do país ou mesmo das últimas levas de imigrantes europeus, com instrumentos já modernos, e um esquecimento do modo de vida do caboclo, do seu trabalho, sua sociabilidade.

#### 2.2.4 Sala Esperidião Amin Helou Filho

O espaço que leva o nome do ex-governador Espiridião Amin trata, especificamente, do acervo da Guerra do Contestado (Fig. 26).

O nome da sala faz referência a toda a ajuda política, cultural e financeira desprendida por aquele governo para a construção do Museu do Contestado (THOMÉ e CHAPIEWSKI, 2004; OLIVEIRA, 2007; ROMERO, 2012). É constituída por objetos (munição e armas brancas e de fogo) oriundos de doações e coleta nos antigos campos de batalha da região contestada.

Figura 26 – Acervo da Guerra do Contestado



Fonte: Da autora, 2016.

Está exposto, em sua maioria, armamento bélico dos exércitos e polícias (Fig. 27).

Figura 27 – Expografia da exposição Guerra do Contestado



Fonte: Da autora, 2016.

O material representativo dos sertanejos, de seu poderio bélico, caso dos facões de pau, quase não aparece num primeiro olhar (Fig. 28).

Figura 28 – Objetos referentes aos caboclos



Fonte: Da autora, 2016.

Novamente, a presença do vencedor está latente nessa sala. O sertanejo é relegado a segundo plano. Dos expositores com armamentos, contamos quatro, na vertical, mais um expositor, na horizontal, com armas brancas, espadas. Todos com armamento bélico militar. O armamento caboclo, podemos assim dizer, como o facão de pau ou a espingarda de percussão, vão aparecer em apenas um dos expositores, como vemos na Fig. 29, onde os facões de pau são colocados na base do expositor, dificultando sua visualização pelos visitantes, enquanto que as armas militares ficam em primeiro plano.

Figura 29 – Detalhe do expositor com facões de pau



Fonte: Da autora, 2016.

A explicação sobre o que foi a Guerra do Contestado está num banner pendurado numa das paredes da sala (Fig. 30).

Figura 30 – Banner sobre a Guerra do Contestado



Fonte: Da autora, 2016.

O material “explicativo” do banner nada mais é do que uma compilação de dados da Wikipedia, colocados com figuras e mapas para corroborarem esses dados. Com letras pequenas e excesso de informações, o banner foi criado para as comemorações do centenário do Contestado, em 2012, e nunca foi trocado ou reformulado, pois a instituição não conta com setor de pesquisa e o número de funcionários é aquém da necessidade para tal fim.

Nessa sala, há dois acervos importantes e que ajudam, minimamente, a ver a presença do “outro” no museu. Na década de 1990, a instituição recebeu a doação de um conjunto de bonecos de marionete da peça “Pelados e Peludos: a Guerra Camponesa no Contestado”, pelo grupo teatral Filhos da Lua, de Curitiba/PR, (Fig. 31). Cada boneco faz referência ou representa um personagem da guerra, há os caboclos e o exército.

Figura 31 – Bonecos da peça Pelados e Peludos



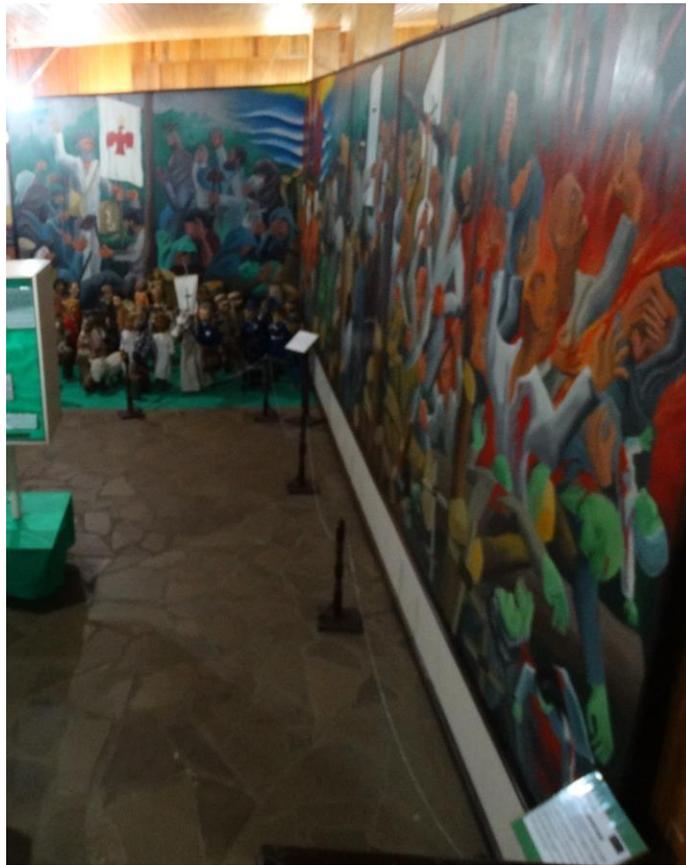
Fonte: Da autora, 2016.

Entretanto, essa presença só é percebida pelos visitantes que possuem o mínimo de conhecimento sobre o tema da Guerra do Contestado.

O segundo ponto vem, em 2012, com a chegada ao Museu do quadro “O Contestado-Terra Contestada” (Fig. 32), obra de Hassis Corrêa, vinda da UNIARP. São sete painéis que mostram os principais momentos da guerra. A obra é considerada a Guernica do Contestado (CORRENTE, 2016). Paranaense de nascimento, mas catarinense por adoção, Heidy Assis Corrêa<sup>5</sup>, 1926-2001, foi pintor, artista gráfico, gravurista, fotógrafo, arquivista, cineasta e escultor. Pintava usando uma profusão de cores, temas diferentes sobre a paisagem de Florianópolis, o cotidiano da Ilha, o Carnaval, além de temas históricos como a Guerra do Contestado.

<sup>5</sup> Ver site da Fundação Hassis: <http://www.fundacaohassis.org.br/>

Figura 32 – Quadro “O Contestado-Terra Contestada”, Heidy Assis Corrêa, 1984



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

O quadro, umas das obras mais contundentes sobre o Contestado, está logo atrás dos bonecos, finalizando assim, o percurso da sala (Fig. 33).

Figura 33 – Percurso da sala Guerra do Contestado



Fonte: Da autora, 2016.

O visitante, ao chegar à sala, passa por uma mesa com espadas, quatro expositores horizontais com armas de fogo e armas brancas, além de uniforme de um oficial do exército, fotografias e banners explicativos pelas paredes, encerrando com os bonecos e o quadro.

É possível avaliar que, há um descompasso na parte expográfica, entre aquilo que é dito e o que é exposto. Salienta-se, aqui, a falta de informações e documentação sobre a procedência do acervo, o que dificulta muito o processo de troca de experiências com os públicos. Muito é estudado sobre o tema do Contestado pelos gestores da instituição, mas a expografia do MHARC ainda é centrada na figura dos vencedores. Acredita-se que o fato de a exposição ainda não ter sido modificada, após tanto tempo, seja devido, provavelmente, a uma questão de gestão e não por motivos ideológicos.

### 2.3 EXPOGRAFIA X HISTORIOGRAFIA DO CONTESTADO

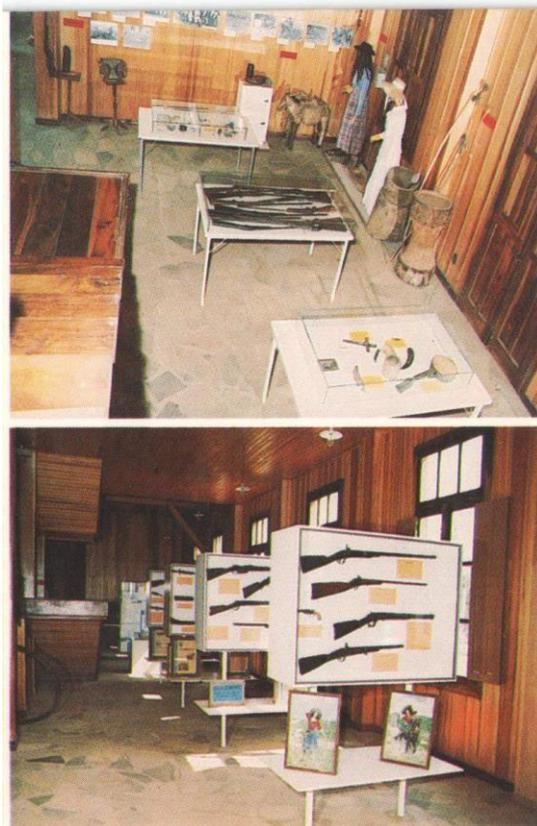
O que chama a atenção nas salas de exposição do Museu do Contestado, é que a instituição ainda carece da sua “gota de sangue”. O museólogo Fernando Romero, em 2012, faz uma brilhante análise sobre o Museu do Contestado em sua tese de doutorado, citada aqui para corroborar o pensamento crítico em relação ao processo de construção expográfica da instituição, quando fala que

[...] não se faz nenhuma conexão entre as secções do museu; as salas mostram realidades estanques, como se fizessem referência a temas muito distantes uns dos outros: o acervo indígena não tem nada a ver com a colonização, a ferrovia está levemente relacionada com a guerra, que, por sua vez, não tem nada a ver com a imigração. (ROMERO, 2012, p. 141).

Sente-se, sim, que a instituição ainda está presa aos preceitos políticos e culturais de décadas passadas, e que isso reflete, ainda, em sua forma expográfica. As produções historiográficas atuais estão aí para serem usadas, para aprofundar e tornar mais compreensível todo o processo histórico que culminou com a Guerra do Contestado. Se a intenção primeira sempre foi a de preservar e divulgar as questões do Contestado, por que o Museu não as contempla em sua narrativa expográfica?

Em relação à construção das exposições do Museu do Contestado, pode-se citar três momentos distintos de curadoria e pensamento expográfico: um, inicial, do ano de 1974 até 2008 (Fig.34); outro, entre 2008 e 2010; e o terceiro, de 2010 aos dias atuais.

Figura 34 – Exposição do MHARC em 1987



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

No primeiro momento, a atuação dos profissionais era centrada na figura do criador e diretor do museu, Nilson Thomé, e as exposições foram criadas puramente por intuição:

[...] a gente fazia muito empírico, muito intuitivo. [Com o Nilson era mais histórico?] Total! Era quase um gabinete de curiosidades. Na verdade, o que a gente sempre trabalhava? Temáticas [...] indígena, Guerra do Contestado, ferrovia e colonização. Então, mais ou menos de uma forma cronológica: indígenas chegaram, daí veio a ferrovia e veio a Guerra e teve a colonização. [...] Mas não tinha embasamento teórico pra isso. Não tinha. Era bem empírico mesmo (MARTELLO, 2016).

Um ponto a ser observado é o mobiliário usado (Fig. 35), que acondicionava e ainda acondiciona, no presente, o acervo da instituição.

Figura 35 – Acervo Guerra do Contestado, 1986



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Parte do acervo exposto em 1986 ainda continua em exposição no ano de 2016. O mobiliário utilizado é o mesmo. Em 2010, com o comodato do museu para a Prefeitura Municipal, o acervo e o mobiliário acompanham essa passagem. E servem, ainda, principalmente o mobiliário, de uso para as exposições de longa duração (Fig. 36).

Figura 36 – Acervo indígena, 1986, no momento da inauguração do museu



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

Acervo e mobiliário, da década de 1980, ainda sendo usados pelo museu (Fig. 37).

Figura 37 – Acervo indígena, 2016



Fonte: Da autora, 2016.

O que pode-se deduzir dessa situação: o mobiliário é muito resistente ou o Museu parou no tempo em termos de conservação de seus acervos ou, mesmo, como diz o atual coordenador da instituição, Júlio Corrente (2016), “o poder público, não está tão envolvido nesse espaço. [...] Ainda é muito tímido. Ele não aceita a relação de evidenciar muito o Contestado”. Em uma instituição que hoje é pública, o distanciamento por parte da administração municipal acaba por, também, imobilizar os trabalhos do Museu.

Um segundo período de mudanças expográficas foi de 2008 a 2010. A partir de 2008, tem-se uma expografia mais relacionada à museologia, com a presença da museóloga Caroline Martello. “A Caroline, então, que seria uma outra linha mais, presente com relação à museologia. Começa a fazer museologia. Acho que até cria relação com o momento histórico” (CORRENTE, 2016).

Por último, de 2010 até o presente momento. Questionado sobre as expografias do museu, Júlio Corrente assim declara que a criação das exposições segue

[...] uma corrente histórica. Porque a gente vê quem eram os gestores do museu, vamos colocar, diretores, coordenadores. Sempre estão relacionados a uma formação de Ciências Humanas, em História. Os dois principais gestores do período, aí de 74 a 2008, propriamente dito, tinham uma relação mais com a História. [...] Era o Nilson Thomé e a Micheli Chapiewski, também formada em História, [...] que seguia muito a linha do Nilson. (CORRENTE, 2016).

No último momento, a partir de 2010, há uma abertura maior do espaço das exposições. Foram tirados os TNTs pretos, que davam ao lugar um aspecto lúgubre (ver Fig. 17, 18, 23 e 24). No lugar, as quatro salas receberam cores: a cultura indígena ficou com o TNT amarelo; a ferrovia ficou com a cor azul, por ter relação à bandeira azul da RFFSA; a sala da colonização e povoamento, que possuía TNT branco (Fig. 38), ficou com o vermelho.

Figura 38 – Sala colonização e povoamento, 2010



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

A cor verde foi utilizada na sala Guerra do Contestado, devido à proximidade com a cor do exército. Houve acréscimo de vidros para proteção do acervo e a entrada do Museu mudou para o lado oposto, o da rua, com o objetivo de facilitar a visualização pelos visitantes e pedestres (Fig. 39). Anteriormente, a entrada era pelo lado da locomotiva.

Figura 39 – Museu e sua entrada atual



Fonte: Da autora, 2016.

Em 2008, surge a Associação de Amigos do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, que deixa a entrada do Museu diferente, dispondo de uma recepção (Fig. 40) e lojinha (CORRENTE, 2016; MARTELLO, 2016).

Figura 40 – Lojinha do Museu



Fonte: Da autora, 2016.

A lojinha é, talvez, o único lugar da cidade onde os visitantes podem ter ou comprar uma lembrança representativa de Caçador. Além, claro, de ser uma forma de publicidade da instituição.

Conhecendo o Museu, percebe-se que possui um grande e diversificado acervo, assim como ampla estrutura de e para exposições. A grande questão a ser analisada é se o Museu realmente está cumprindo a tríade preservação-pesquisa-comunicação, pois é ela “que confere sentido e atribui uso social nos objetos” (CHAGAS, 1996, p.46-47). Não basta preservar. Não basta pesquisar, seriam só arquivos. Comunicar é a chave. Dessa forma, estaria o Museu do Contestado se comunicando? E, se o faz, o que os visitantes pensam ou sentem quando visitam o museu? Aquilo que propaga em sua missão vale na prática museográfica? O visitante, principalmente o da região do Contestado, se vê ou se sente ali representado? O Museu do Contestado faz jus ao resgate das memórias participantes ou apenas reproduz discursos dominantes? Os acervos são realmente comunicados? Os visitantes percebem ou recebem essa comunicação?

### 3 MUSEUS E REPRESENTAÇÕES

A Guerra do Contestado foi um dos maiores conflitos civis da Primeira República brasileira. Deixou marcas na política, na economia e na sociedade da região do Contestado. O Museu do Contestado, espaço de salvaguarda da cultura do Contestado, foi criado para ser um centro de preservação, pesquisa e irradiação dessa cultura. Neste terceiro capítulo, buscou-se a compreensão de quais representações os visitantes do MHARC possuem sobre ele e sobre a Guerra do Contestado. Para tanto, utiliza-se a Teoria das Representações Sociais, apoiada pela Sociomuseologia e pela Estatística. A Sociomuseologia ajudará a entender algumas noções contemporâneas da Museologia, em especial a construção e a apropriação coletiva dos museus, e a Teoria das Representações Sociais a analisar e compreender como se dá a criação de representações por esses indivíduos. A Estatística foi necessária para determinar a amostra e mensurar os dados coletados pelos questionários aplicados aos visitantes do museu. Além da aplicação de questionários, para este capítulo, foram utilizadas entrevistas orais feitas com funcionários do MHARC; além da bibliografia pesquisada sobre o tema do Contestado e do MHARC.

#### 3.1 O MUSEU SOCIAL

Por muito tempo, os museus tiveram várias facetas. Durante o século XX que os museus passaram por um período de modernização e busca pela profissionalização dos trabalhos museológicos. Especialmente na década de 1970, tem início uma maior preocupação com as questões ligadas à função social dos museus. Atores contemporâneos do campo museológico, como os brasileiros Waldisa Russo, Manuelina Duarte Cândido e Mario de Souza Chagas e o francês Hugues de Varine-Bohan, deram embasamento para entender como funcionam os museus atualmente e quais papéis eles devem desempenhar na contemporaneidade. Acredita-se que as funções dos museus vão além do espaço físico e ampliam-se para o patrimônio imaterial, com participação mais efetiva das comunidades nos museus.

Conforme a época, as sociedades estabeleceram diferentes termos e formas de museus. Inicialmente, como templo das musas, ainda na Grécia Antiga, com as

oferendas deixadas por fiéis aos seus deuses, passando pelos gabinetes de curiosidades e as expedições exploratórias até os ecomuseus, que surgem na década de 1970.

Os museus não são formados apenas por objetos, mas também por outros patrimônios, como, por exemplo, “[...] conceitos, valores e práticas, representados concretamente por palavras, sons, expressões [...] rituais, histórias e lendas, tecnologias e práticas, imagens, coisas, artefatos, construções e monumentos” (HORTA, 2000, p. 15). Alguns museus não possuem acervos físicos, como o Museu da Pessoa<sup>6</sup>, de natureza virtual, imaterial, que reúne depoimentos das pessoas. Os museus não são a mera junção dos feitos físicos do homem, os objetos, num espaço, estanques, mas sim uma relação dinâmica, em que a interação homem-objeto num espaço, o fato museal (GUARNIERI, 1990; BRUNO, 2010), se concretiza, oportunizando “uma dinâmica de desenvolvimento, [pois] é preciso fazer o patrimônio falar, com uma linguagem acessível a todos” (VARINE-BOHAN, 2000, p. 10).

Os museus, “por retratarem vivências humanas e por se constituírem em guardiões dos elementos representativos da cultura e da sociedade, são a cristalização, ao menos parcial, daquilo que está presente no inconsciente coletivo” (CUSTÓDIO, 2000, p. 136). Precisam dessa dinâmica de desenvolvimento, precisam acompanhar as mudanças que a sociedade vem tendo e tentar se adequar a essas alterações. Vemos essas modificações, mais claramente, a partir da Revolução Industrial, com o auge no pós-Segunda Guerra Mundial. Muitos países sofreram mudanças, com acentuado desenvolvimento tecnológico e econômico, e tiveram que se adequar a essa realidade. A vida cotidiana também não foi mais a mesma. Na década de 1970, com o neoliberalismo e o arrefecimento do controle estatal, iniciou-se uma nova fase, muito mais global, da economia e de relações (CUSTÓDIO, 2000). Acompanhando essas mudanças, em Santiago, no Chile, 1972, acontece uma mesa-redonda capitaneada pelo Conselho Internacional de Museus, ICOM, reunindo museólogos e especialistas em áreas da Educação, Arquitetura e Urbanismo, Meio Ambiente, entre outras, em que se discutiu o papel dos museus em relação às comunidades em que se encontram, “papel social e central [...] no sentido de contribuir para a construção do seu desenvolvimento” (CUSTÓDIO, 2000, p. 136).

---

<sup>6</sup> Pode ser conferido em <http://www.museudapessoa.net/pt/home>.

Surgem desse movimento os ecomuseus, museus de território, museus de vizinhança, e outros espaços de cultura focados no desenvolvimento das suas comunidades. Seguem à mesa-redonda de Santiago, a Declaração de Quebec, 1984, e a Declaração de Caracas, 1992, todas com propósito de uma nova museologia, muito mais engajada, do real papel dos museus, que, segundo Custódio, é

[...] trabalhar para que os membros de sua comunidade venham a se constituir em sujeitos culturais, pois, como vimos, é no nível local que as mudanças efetivamente ocorrem. É aí que se concretizam as relações do trinômio patrimônio-território-comunidade. Portanto, especialmente os museus regionais **devem atuar como fatores de desenvolvimento crítico de suas comunidades**, como promotores de postos de trabalho com a revitalização artesanal, agrícola e industrial e adotar uma museologia ativa como modo de gestão do seu próprio futuro (2000, p. 140, grifo nosso).

Não esquecendo o papel das escolas, dos setores de turismo, bem como as administrações municipais, pois o trabalho em conjunto favorece a liberdade e, também, claro, o aporte financeiro para os museus desenvolverem estratégias e programas de trabalho com e para as comunidades.

Segundo o atual coordenador do Museu do Contestado, Júlio Corrente,

[...] o Museu tem de ter evolução. Tem que ter dinamismo para que as novas tecnologias sejam bem utilizadas e os visitantes também interajam. [...] hoje as pessoas vivem com tecnologia. [...] Mas o que garante que as pessoas busquem mais, que hoje, vamos dizer, uma criança que já nasce, propriamente dito, com um *smartphone*, um *Iphone* na mão, tecnologia *wifi*, tudo, né?!!! [...] Ela não vai só querer curtir o espaço como um espaço onde tem as legendas, onde tem o acervo tridimensional, iconográfico. Porque ela tem essa vivência e isso que o Museu tem que transformar nesse aspecto. Esse espaço e claro, né, sempre tentando também interagir com o público oferecendo também outros serviços. Serviços de pesquisa, de biblioteca, serviços, de até, possivelmente, um café, alguma coisa nesse sentido, né, para as pessoas interajam com o Museu (CORRENTE, 2016).

A contemporaneidade bate à porta, as novas diretrizes museológicas estão aí. Os processos sociais estão ainda mais dinâmicos e velozes, como é perceptível na fala do coordenador do museu. Entretanto, nem sempre o uso de tecnologias favorece a frequência de visitantes. Um museu convidativo é aquele que conhece, interpreta e realiza, na medida do possível, os anseios de sua comunidade/visitantes. E, isso, não necessariamente passa pela tecnologia.

Em **A Danação do Objeto**, Francisco Regis Lopes Ramos (2004, p. 133) traz uma importante reflexão sobre a questão expográfica, quando observa que “a montagem reprográfica do passado é aviltante, porque não só anula a distância temporal mas também joga o visitante em um misto de equívoco camuflado (ou abstenção de pensamento) e propaganda enganosa”. Ou seja, nos museus, discursos e ações deveriam andar juntos para dar aos visitantes a oportunidade de serem eles mesmos os atores e proponentes de novas facetas dos conteúdos e ações museais, além de serem multiplicadores de conhecimento.

### 3.2 OS VISITANTES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

O papel do museu anda conjunto aos seus públicos. A sistemática aquisição, conservação, documentação, pesquisa, comunicação se completa com o público tendo uma “experiência de apropriação de conhecimento” (CURY, 2005, p. 38). Ao se apropriarem de um conhecimento, as pessoas constroem representações sobre as coisas, sobre o mundo que as cerca, “os indivíduos formam teorias com o objetivo de interpretar o mundo e interagir nele” (MOSCOVICI, 2009 *apud* FERRARI, 2013, p.42) e, neste sentido, os museus ajudam a construir representações sobre as coisas e sobre eles mesmos. Ao conhecer as representações que o MHARC ajuda a construir sobre a Guerra do Contestado, fato social de grande relevância para o Estado de Santa Catarina e objeto de análise deste museu, é possível entender a maneira que essa instituição está interagindo com seus públicos. O conhecimento básico, trivial, aquele adquirido por meio de conversas, no dia a dia, seria o que Moscovici (2007) chama de conhecimento de senso comum, o conteúdo das representações (CRUSOÉ, 2004), “que permite aos sujeitos interpretarem o mundo e orientarem a comunicação entre eles” (CRUSOÉ, 2004, p. 107). Os indivíduos, a partir do senso comum, e de outras informações que obtém no seu dia a dia, quando entram em contato com algum objeto, o representam, e criam mecanismos que vão direcionar suas práticas (CRUSOÉ, 2004).

A questão das representações remonta à História Nova<sup>7</sup>, na década de 1970, com os historiadores tratando da questão das mentalidades. Ali os historiadores vão se deter no que está explícito nos documentos, mas implícito nas formas de pensar e viver das pessoas em determinado espaço. Anos depois, Roger Chartier retoma o termo mentalidades e o troca por representações (FERRARI, 2013), em que estas seriam “sistema de relações, de significações e operações para a expressão e o recebimento de mensagens. É a reconstrução sempre parcial daquilo que se acredita ser a realidade” (FERRARI, 2013, p. 36). Ou seja, as representações são o que foi pensado, imaginado pelos indivíduos nos diferentes momentos (PESAVENTO, 2006, *apud* FERRARI, 2013). Da mesma maneira que na História, as representações constituem, também, objeto da Psicologia Social.

A Psicologia Social estuda a sociedade. Seus espaços, com isso, estão sempre amplos, de forma a coadunar tanto com a História (FERRARI, 2013), quanto com outras áreas do conhecimento. A Teoria das Representações Sociais, subárea da Psicologia Social, amplia ainda mais o campo de pesquisa, incluindo a Museologia, com o estudo das representações em museus.

Foi o psicólogo social romeno Serge Moscovici, que, por meio de estudos sobre o senso comum, apresentou a Teoria das Representações Sociais dentro da Psicologia Social. A Psicologia Social, praticada na década de 1960, foi muito criticada por Moscovici, por ser lenta, principalmente a corrente europeia, que, segundo o autor, não se preocupava com problemas reais (MOSCOVICI, 2007; FERRARI, 2013), ao contrário da Psicologia Social praticada nos Estados Unidos, mais ativa e ideológica. A ampliação dos horizontes da Psicologia Social, por meio da Teoria das Representações Sociais, foi uma grande contribuição de Moscovici.

Dessa maneira, ao diagnosticar o(s) perfil(is) do(s) público(s) do Museu do Contestado, a partir de questionários, a intenção não é uma mera pesquisa de público, mas, uma forma de compreender o que cada grupo social pensa ou sabe sobre a Guerra do Contestado, e como esses pensamentos se modificaram após a visita ao museu. Dessa forma, foi possível entender também, o próprio papel do museu como interlocutor de conversas com os públicos por meio de suas exposições.

---

<sup>7</sup> Chamada em francês *Nouvelle Histoire*, é considerada terceiro período da Escola dos *Annales*. Tem expoentes como Pierre Nora e Jacques Le Goff.

Para aferirmos as representações sociais dos visitantes sobre a Guerra do Contestado e sobre o museu, foram analisados 91 questionários (Apêndice A) aplicados às pessoas<sup>8</sup> nas dependências do Museu do Contestado e no centro da cidade de Caçador, local de maior fluxo populacional, durante os dias 12 e 17 de dezembro de 2016. A amostra corresponde a, aproximadamente, 2% do total anual de visitantes do Museu do Contestado<sup>9</sup>. Foram abordadas 102 pessoas, entre homens e mulheres, maiores de 18 anos, mas consideradas as respostas apenas daqueles que declararam ter visitado o MHARC. Os participantes eram questionados e respondiam conforme sua condição, sendo que a resposta aproximada era marcada nas alternativas elencadas, pela pesquisadora, no questionário.

Dos 102 respondentes, 11<sup>10</sup> declararam nunca ter visitado o museu, fato que os impediu de fazerem parte da amostra, mas que serve de incentivo para outro trabalho. Esses questionários de não-visitantes mostraram o seguinte cenário: os 11 respondentes são assalariados, com faixa salarial de R\$ 880-R\$ 1760; cinco declararam não saber que o museu existia (são de cidades de fora de SC; neopentecostais ou evangélicos; e, como grau de instrução, possuem entre primeiro grau incompleto e segundo grau completo); dois respondentes afirmaram não ter interesse em museus (são de fora de SC; possuem segundo grau incompleto; um deles se declarou sem religião; outro, neopentecostal); e, por fim, quatro respondentes informaram que não foram ao museu por falta de tempo (todos são de Caçador; dois com primeiro grau completo, um neopentecostal, outro, católico; um deles com segundo grau completo e evangélico; um com segundo grau incompleto e católico). Tem-se assim, sete respondentes de fora de SC, assalariados, com algum grau de instrução, de religião neopentecostal, que não sabiam da existência do museu. Provavelmente, estavam em visita/viagem a cidade. Os quatro caçadorenses

---

<sup>8</sup> O questionário foi aplicado a 102 respondentes. Entretanto, apenas 91 desses respondentes visitaram o museu, o que os tornou aptos a participar da pesquisa. A pesquisa busca as representações dos visitantes sobre a Guerra do Contestado e sobre o MHARC. Algumas perguntas do questionário têm referência às exposições do museu. Portanto, os respondentes teriam de ter visitado o museu anteriormente ou estar em visita à instituição no momento da abordagem para o questionário.

<sup>9</sup> A autora contou com o auxílio da acadêmica de Estatística, Carolina Crestani, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, para estabelecer a quantidade de questionários a ser aplicada, a partir do número de visitantes do Museu do Contestado, média de cinco mil visitantes/ano, sendo esses de diferentes locais, estabelecendo, assim, uma amostragem significativa do público.

<sup>10</sup> Para este momento da pesquisa, esses dados não foram considerados relevantes, por tal motivo, os 11 não-visitantes não responderam a todas as questões.

que nunca foram ao museu, justificaram o fato por não terem tempo. São assalariados, também possuem algum nível de formação escolar, e são católicos e neopentecostais. Tais perfis colocam questões para refletir sobre como o museu pode atrair esses respondentes a visitarem a instituição.

Respeitando a heterogeneidade das populações que vão a museus, o formulário foi composto por 16 questões, sendo que as perguntas iniciais, de identificação do entrevistado, foram elaboradas seguindo parâmetros utilizados pelo IBGE (2011). A primeira parte do formulário foi formada por questões de múltipla escolha, questões (1 a 11), e a segunda, com questões dissertativas, questões 12 a 16.

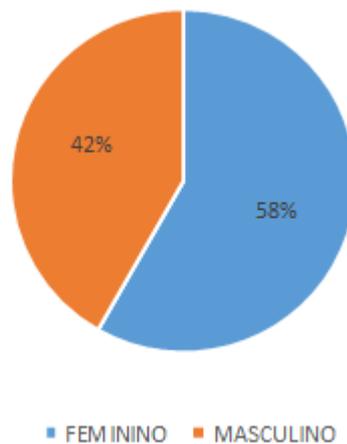
Após a obtenção dos dados, as respostas foram transformadas em gráficos, analisadas individual e conjuntamente, cruzando os dados para melhor compreensão do perfil e das representações dos entrevistados. Conforme Chagas,

O termo população, além de ancorar o desafio básico do museu, é também de alta complexidade. Primeiramente, é preciso considerar que a população não é um todo homogêneo, ao contrário, é composta de orientações e interesses múltiplos e muitas vezes conflitantes. Em segundo lugar, numa mesma população encontram-se processos de identificação e identidades culturais completamente distintos e que não cabem em determinadas reduções teóricas. Assim, as identidades culturais locais também não são homogêneas [...] (CHAGAS, 2009, p. 74-75).

Vê-se que, como Moscovici, Chagas concorda que existem diferentes grupos sociais que compõem a sociedade e visitam o museu. Assim, a primeira fase da análise foi identificar quais são esses grupos, para que, posteriormente, fosse possível perceber se há ou não diferenças em suas representações sobre o museu e a guerra.

Assim, os oito primeiros itens do questionário foram necessários para aferirmos o perfil do questionado/visitante. O primeiro item corresponde ao gênero (Gráfico 1), apresentando as três opções: 1) feminino, 2) masculino e 3) outro.

Gráfico 1 – Gênero dos visitantes

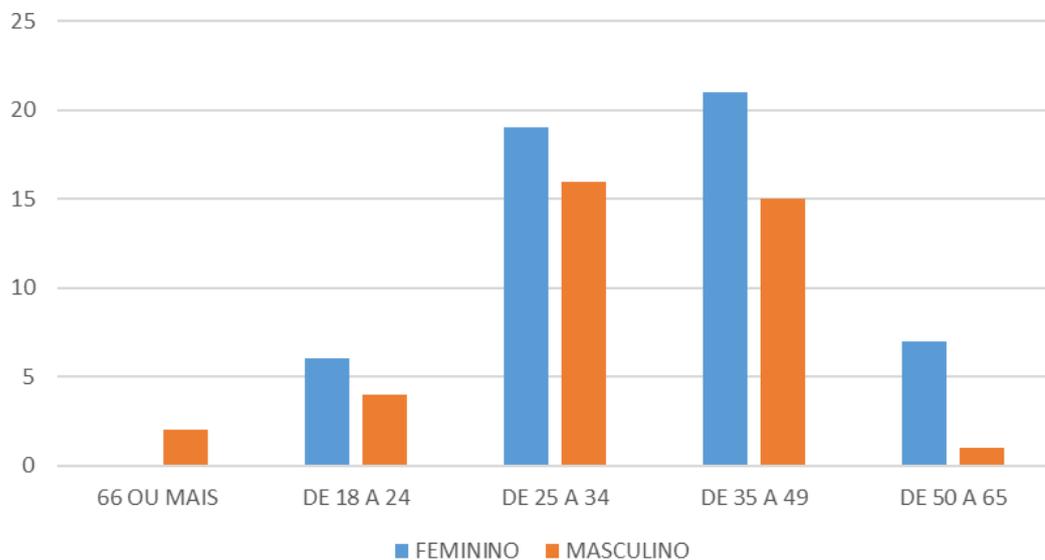


Fonte: Da autora, 2016.

Na pesquisa, optou-se por não estabelecer divisão paritária, pois a visita ao museu segue sua própria fluência, ora com visitantes do gênero masculino, ora feminino. Nos dados levantados, percebeu-se que, no período analisado, houve predominância feminina nos respondentes, sendo 58%, enquanto a masculina foi de 42%. Não houve respondente que se identificou como de outro gênero.

A faixa etária (gráfico 2) foi dividida em cinco itens: de 18-24 anos, 25-35 anos, 35-49 anos, 50-65 anos, e 66 ou mais. Essa divisão permite reconhecer a idade dos visitantes e, após, o cruzamento, aferir se as respostas seguem padrões etários ou não. Seguindo, novamente, a heterogeneidade dos visitantes.

Gráfico 2 – Faixa etária dos visitantes

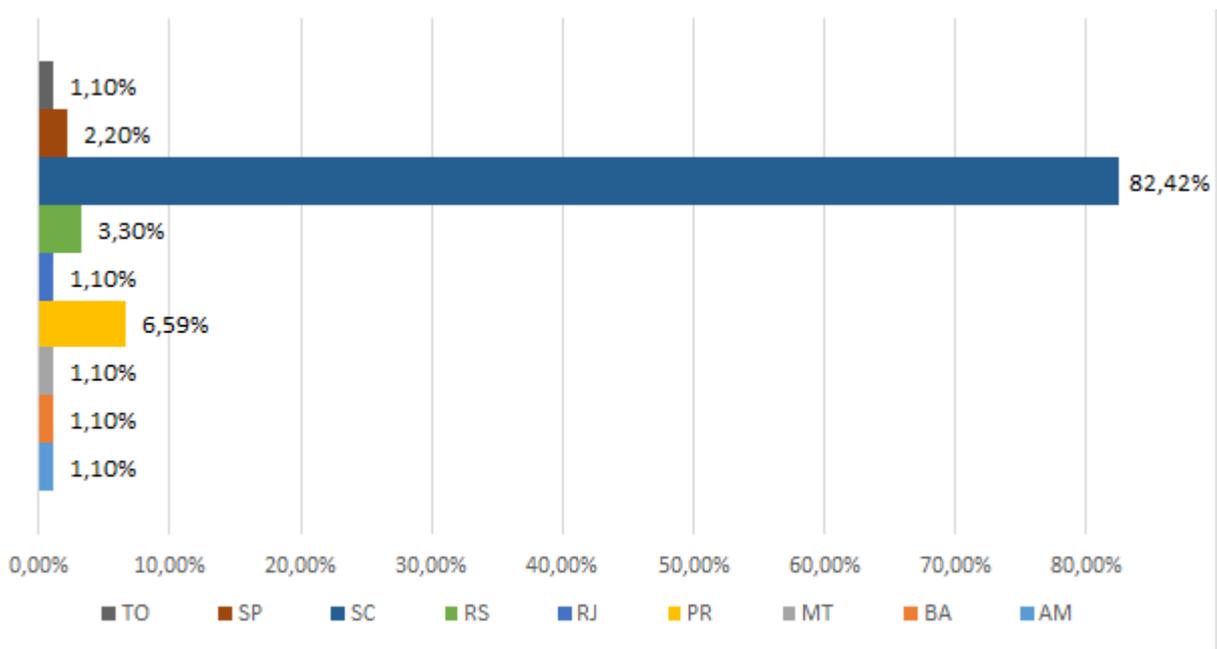


Fonte: Da autora, 2016.

Verificando o perfil etário, concluiu-se que houve presença maior de entrevistados nas faixas de 35 a 49 anos, com pequena diferença para a parcela de idade entre 25 e 34 anos, com prevalência do gênero feminino.

Outro item avaliado foi a naturalidade do visitante, e se mora ou não na cidade de Caçador, onde se localiza o museu em questão. O gráfico 3 demonstra a prevalência de catarinenses entre os entrevistados.

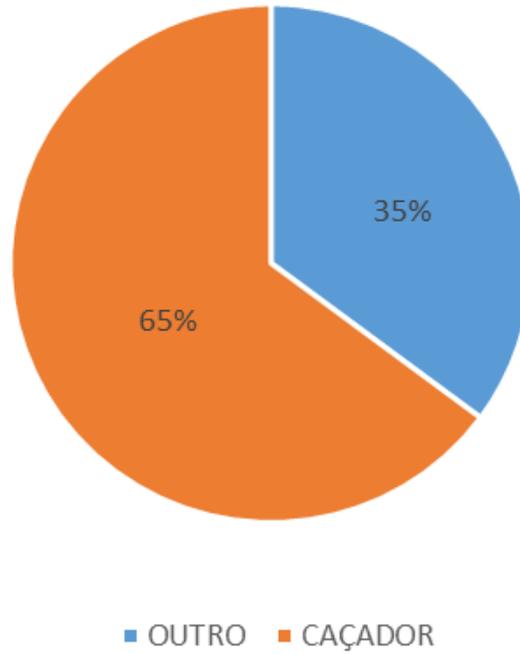
Gráfico 3 – Estado de naturalidade dos visitantes



Fonte: Da autora, 2016.

Dos 91 entrevistados, 82,42% são de Santa Catarina, o que traz maior possibilidade de que possuam algum conhecimento sobre a Guerra do Contestado. Desses, a maioria nasceu em Caçador, 65%, como demonstra o gráfico 4.

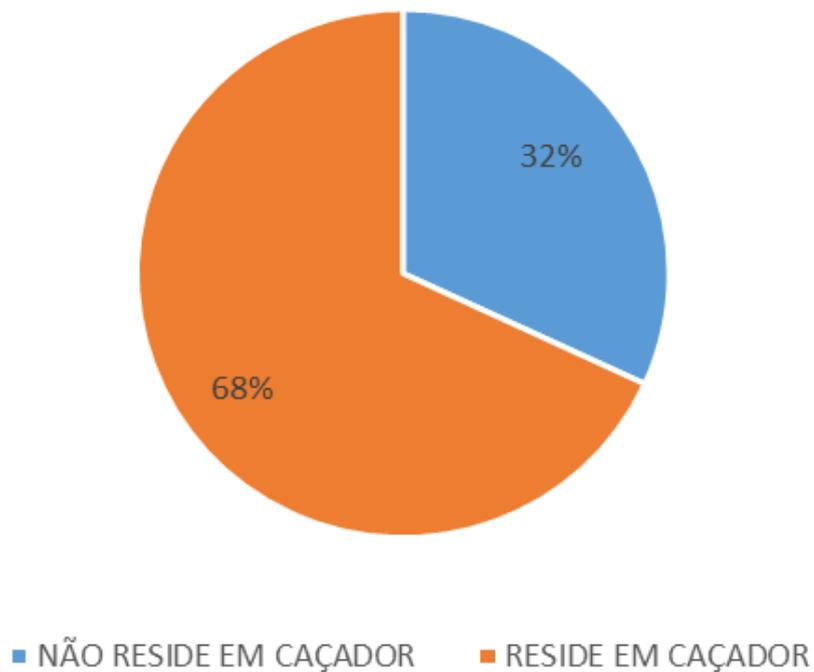
Gráfico 4 – Município de origem dos visitantes



Fonte: Da autora, 2016.

A maioria dos respondentes, 68%, reside na cidade de Caçador, como aponta o gráfico 5.

Gráfico 5 – Residentes em Caçador



Fonte: Da autora, 2016.

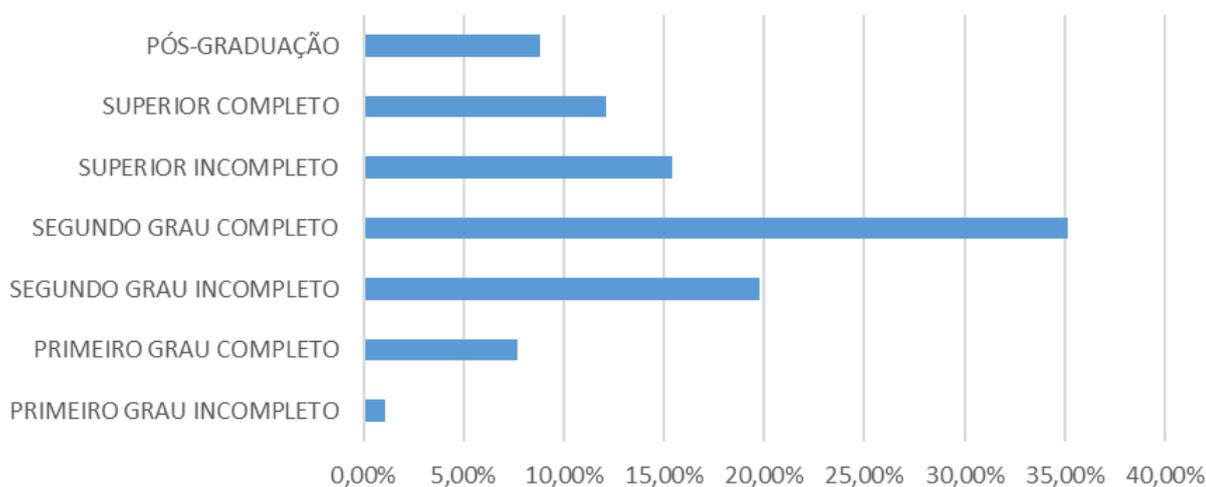
A necessidade de aferir a naturalidade e a residência dos visitantes se justifica, pois a Guerra do Contestado ou mesmo o museu tem uma ampla visibilidade na região do Contestado e também no Estado de Santa Catarina. Em 2007, segundo Corrente, a equipe do museu

[trabalhou] junto ao Conselho Municipal de Turismo, a imagem do Museu, com relação a um projeto da RBS TV, [filial de SC] junto as Lojas Colombo, de colocar, o símbolo de Santa Catarina, que mais se representasse. A gente, com o Museu do Contestado [...] ficou em segundo lugar, como símbolo, segunda maior votação como símbolo do Estado, perdendo pra Ponte Hercílio Luz, né, em votação. Então, evidenciou mais ainda (CORRENTE, 2016).

A partir dessa pesquisa televisiva, o Museu do Contestado se tornou um marco representativo da cultura catarinense. Entende-se que, caçadorenses, e mesmo os catarinenses, teriam, dessa forma, alguma lembrança, do museu ou de algo relacionado à guerra.

Outro fator aferido e levado em conta na pesquisa foi o nível de escolaridade dos visitantes.

Gráfico 6 – Escolaridade dos visitantes

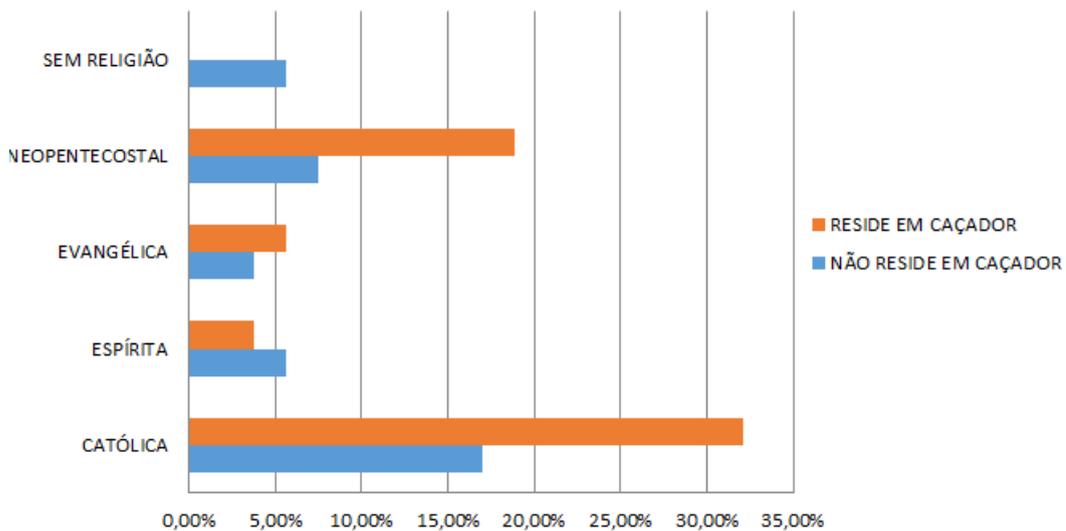


Fonte: Da autora, 2016.

Observou-se que os visitantes do museu possuem, em sua maioria, escolaridade mínima de segundo grau completo. Levando-se em conta que o tema da Guerra do Contestado é trabalhado no primeiro e segundo graus, nas aulas de História, quando se fala dos conflitos da Primeira República, seria possível supor que esses entrevistados conheçam o assunto.

O sétimo ponto abordado nos questionários foi a questão da religiosidade. A Guerra do Contestado, como foi possível analisar no decorrer do trabalho, tem uma forte ligação com a religião, ou seja, a crença nos monges e nos seus dons curativos apoiados na natureza, ou catolicismo rústico, como afirma Monteiro (1974). Segundo o autor, apesar de católicos, os caboclos do Contestado se apoiavam muito mais na fé, por si só, do que numa corrente religiosa com dogmas e preceitos pré-definidos.

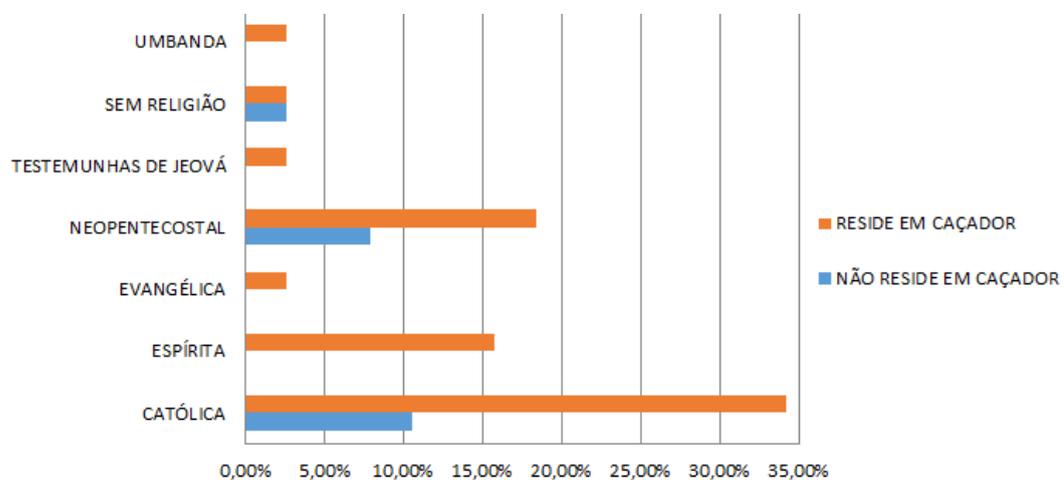
Gráfico 7 – Opção religiosa x Gênero feminino



Fonte: Da autora, 2017.

Verificando o gráfico 7, nota-se que, no gênero feminino, há predominância da religião católica, para residentes em Caçador, seguida das religiões neopentecostais, e a mesma relação se dá para os não residentes na cidade.

Gráfico 8 – Opção religiosa x Gênero masculino

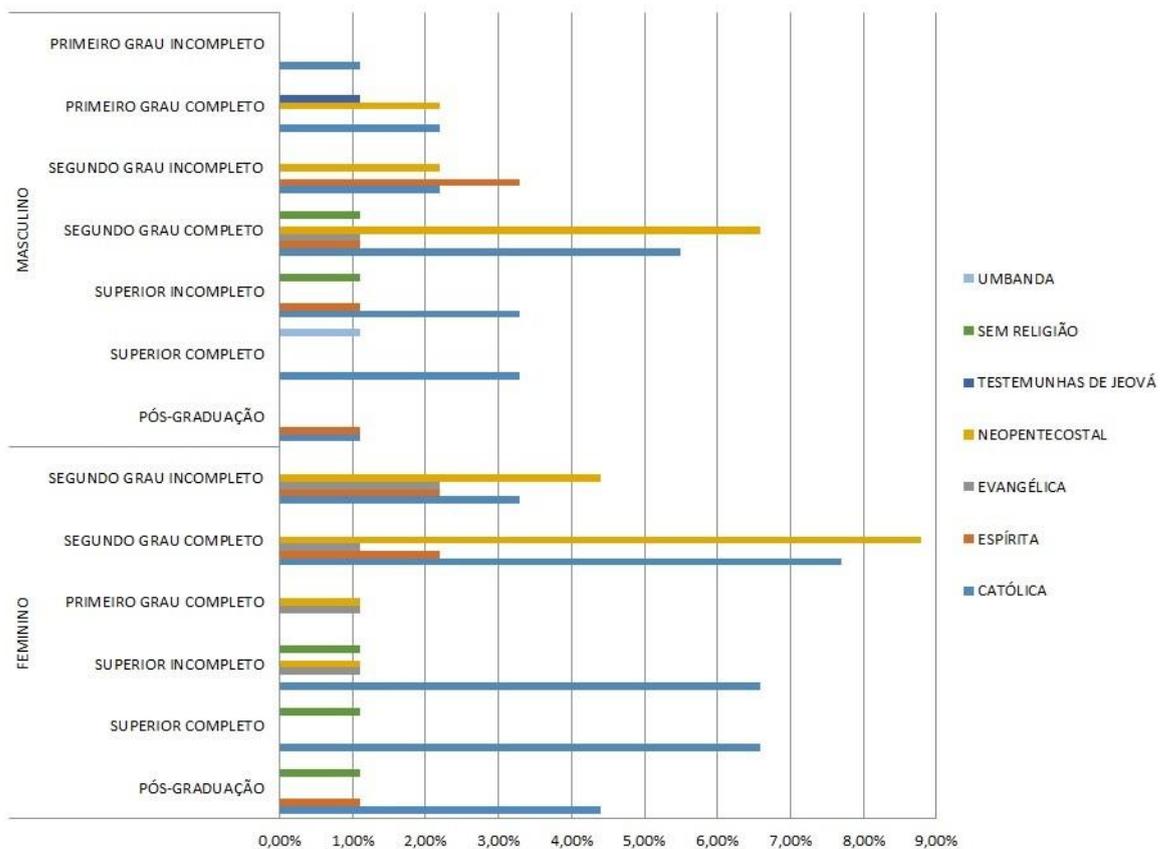


Fonte: Da autora, 2017.

No gráfico 8, tem-se o cruzamento dos dados do gênero masculino, onde a opção religiosa da maioria, residente em Caçador, é católica, seguida da neopentecostal e da espírita.

Entretanto, quando cruzados os dados de gênero, escolaridade e opção religiosa, há uma diferença, visível no gráfico 9.

Gráfico 9 – Opção religiosa x escolaridade x gênero dos visitantes



Fonte: Da autora, 2017.

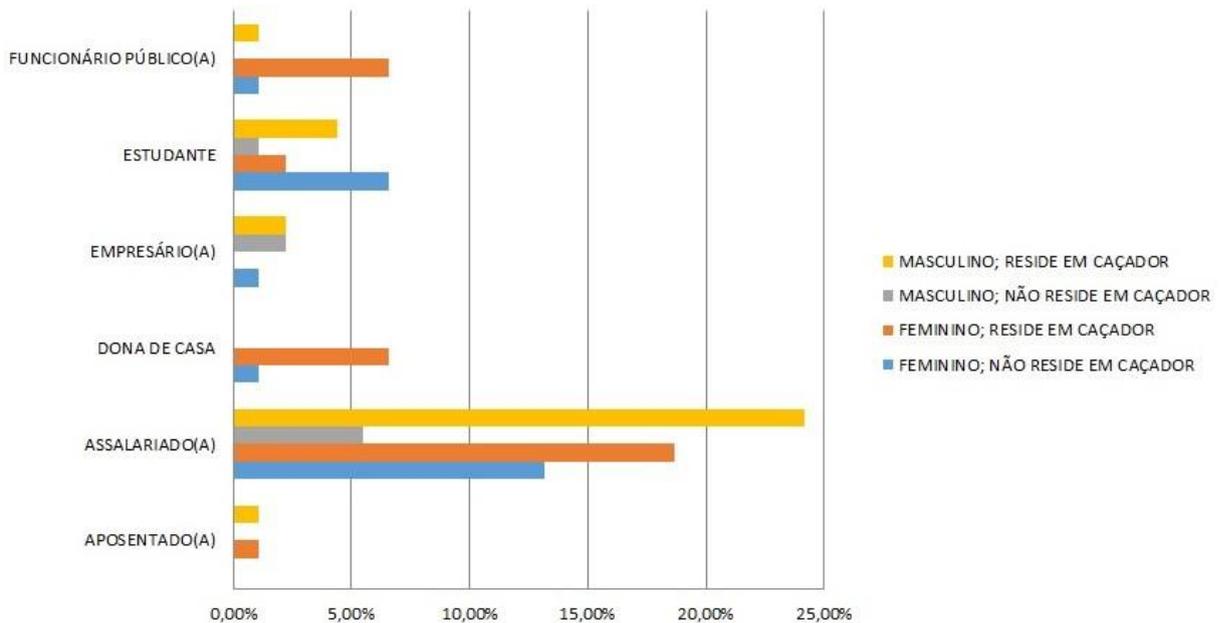
Parte dos visitantes do gênero masculino possui segundo grau completo, e são neopentecostais, em sua maioria, seguidos de católicos. As mulheres que possuem segundo grau completo, são neopentecostais e católicas; as que possuem superior completo ou incompleto, ou pós-graduação, são católicas.

Opção religiosa e escolaridade são dois pontos em que as representações sociais também se constroem, pois, “o estudo da configuração social por meio [das representações] revela a estrutura e os códigos da sociedade na qual os indivíduos estão inseridos” (FERRARI, 2013, p. 40). Descobrir esses códigos, as influências

sobre esses indivíduos, ajuda a compreender as respostas dadas por esses grupos sobre a Guerra do Contestado.

No gráfico 10, revela-se a ocupação profissional do público entrevistado, dividido por gênero e residência em Caçador ou não.

Gráfico 10 – Ocupação profissional x Gênero dos visitantes

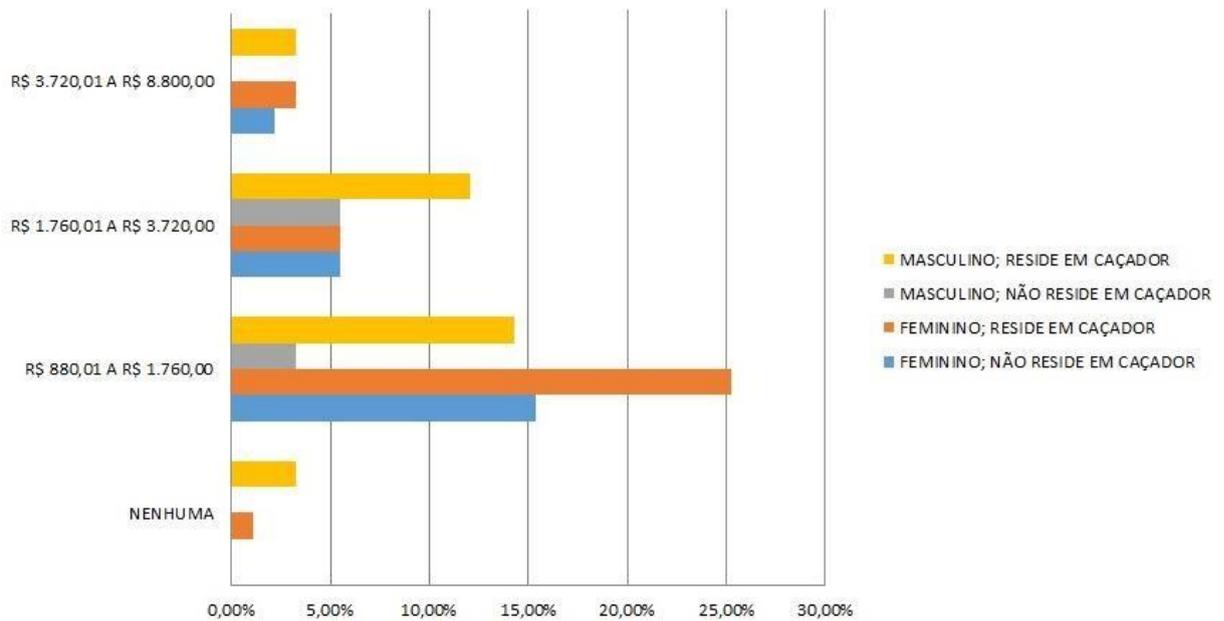


Fonte: Da autora, 2017.

Do número levantado, 60% se identificaram como assalariados, aí incluindo as mais diversas profissões: pedreiros, mecânicos, empregadas domésticas, auxiliares de produção, professores, caixa de supermercado, entre outras. Desses, 29% eram homens e 31% mulheres.

A faixa salarial predominante entre os respondentes foi de R\$ 880 a R\$ 1760, conforme o gráfico 11:

Gráfico 11 – Faixa salarial x Gênero dos visitantes

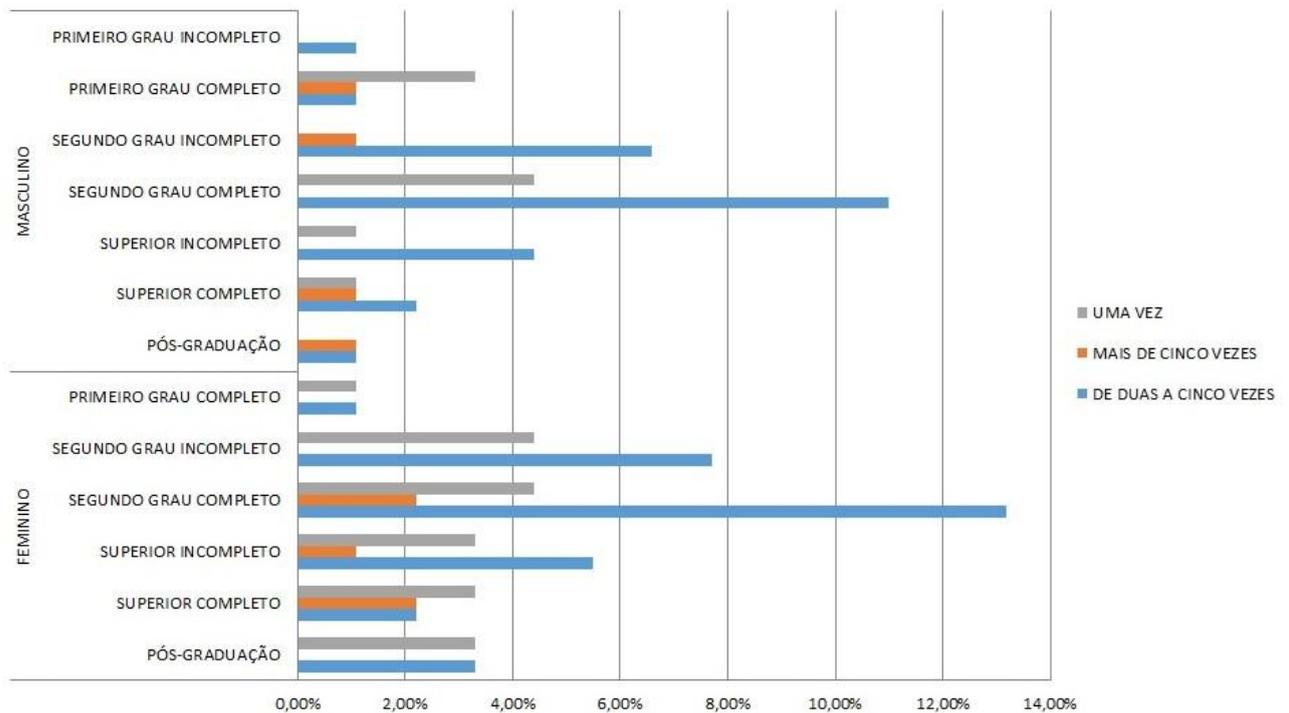


Fonte: Da autora, 2017.

Percebe-se, pelo gráfico 11, um reflexo da realidade nacional, ou seja, a predominância de mulheres, 26%, com salários mais baixos do que os dos homens, entre os entrevistados residentes em Caçador.

O gráfico 12 é o resultado do questionamento referente ao número de visitas ao museu.

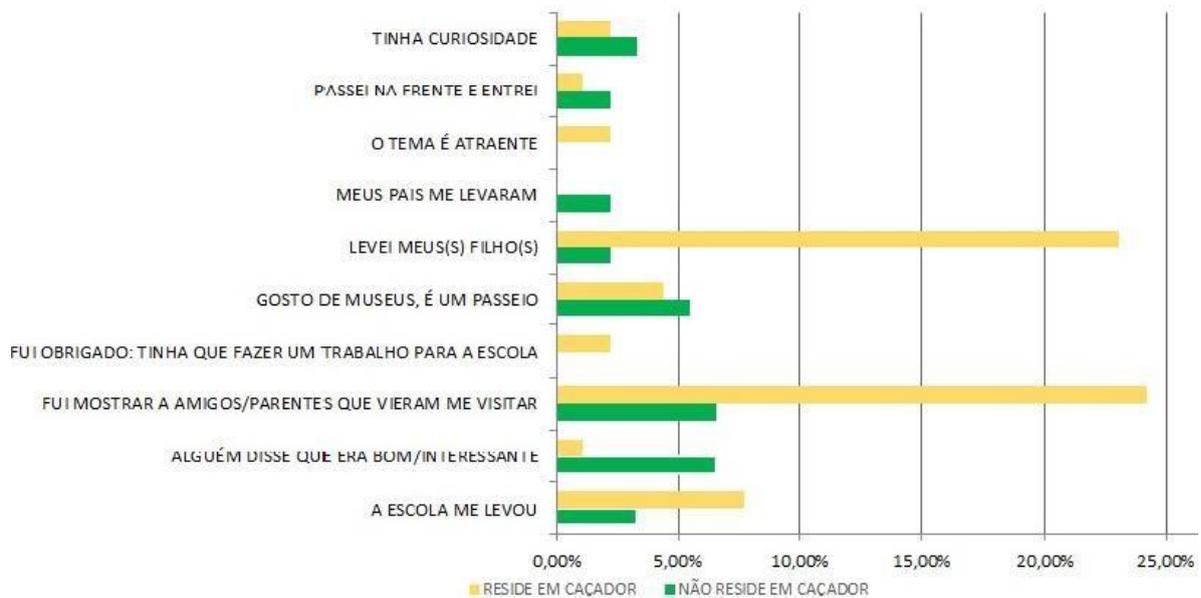
Gráfico 12 – Número de visitas ao museu x Nível de escolaridade x Gênero dos visitantes



Fonte: Da autora, 2017.

Os visitantes, tanto mulheres, quanto homens, ambos com segundo grau completo, fazem visitas recorrentes à instituição. A frequência das visitas se daria em função de levar filhos, 23% dos entrevistados, e outros 24% para mostrar a amigos/parentes que visitam a cidade, no caso de residentes em Caçador (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Motivos da visita x Residentes em Caçador



Fonte: Da autora, 2016.

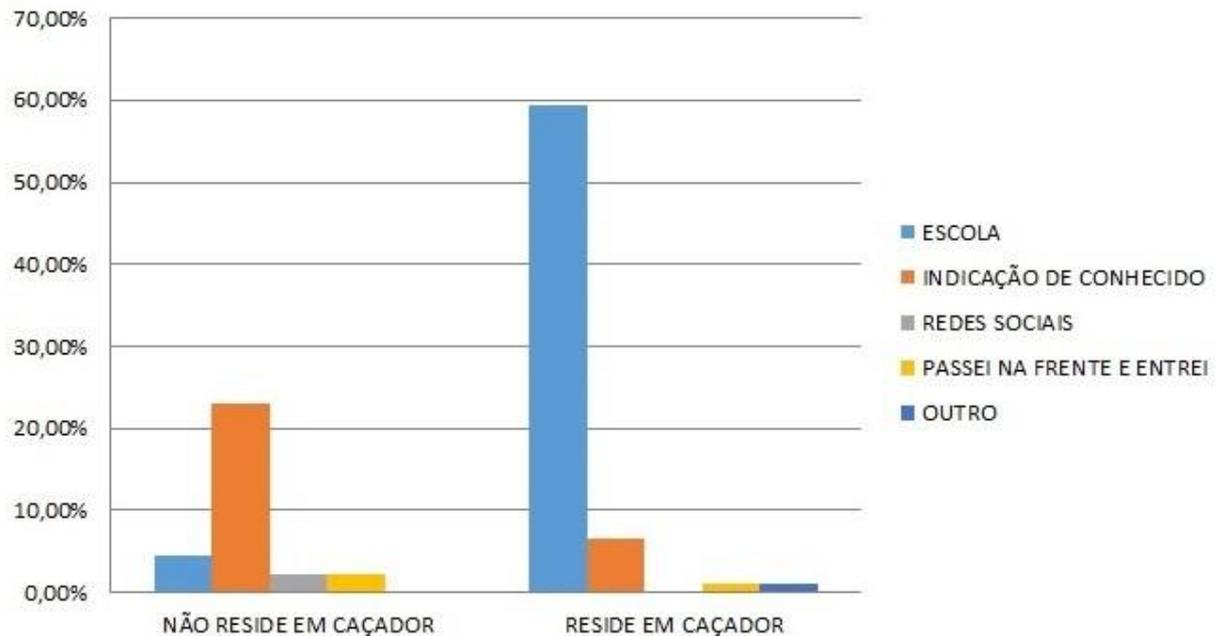
Então, percebe-se que a propaganda do museu é feita, sim, em parte pelos seus visitantes, especialmente, os moradores da cidade, pois, eles, em sua maioria, trazem novo público para a instituição. Observando diariamente, essas visitas, observa-se que as famílias que levam os filhos para conhecer o museu, o fazem porque as crianças adoram o trem que está ao lado de fora. Serve de local de fotos e de apreciação pelos pequenos. Aos mais velhos, é uma sensação de nostalgia, pois

o processo de representar apresenta[...] uma sequência lógica: tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado *amarração*- amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que logo evoluiu para sua congênere ‘ancoragem’-, e *objetivação*, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar (OLIVEIRA, 2004, p. 181).

O sentimento de nostalgia faz com que os visitantes visitem repetidamente o museu. Além de irem sozinhos, levam conhecidos ou mesmos os filhos.

Questionados sobre como souberam da existência do museu, nota-se uma diferenciação seguindo a naturalidade dos visitantes (gráfico 14).

Gráfico 14 – Forma de conhecimento da existência do museu x Visitantes



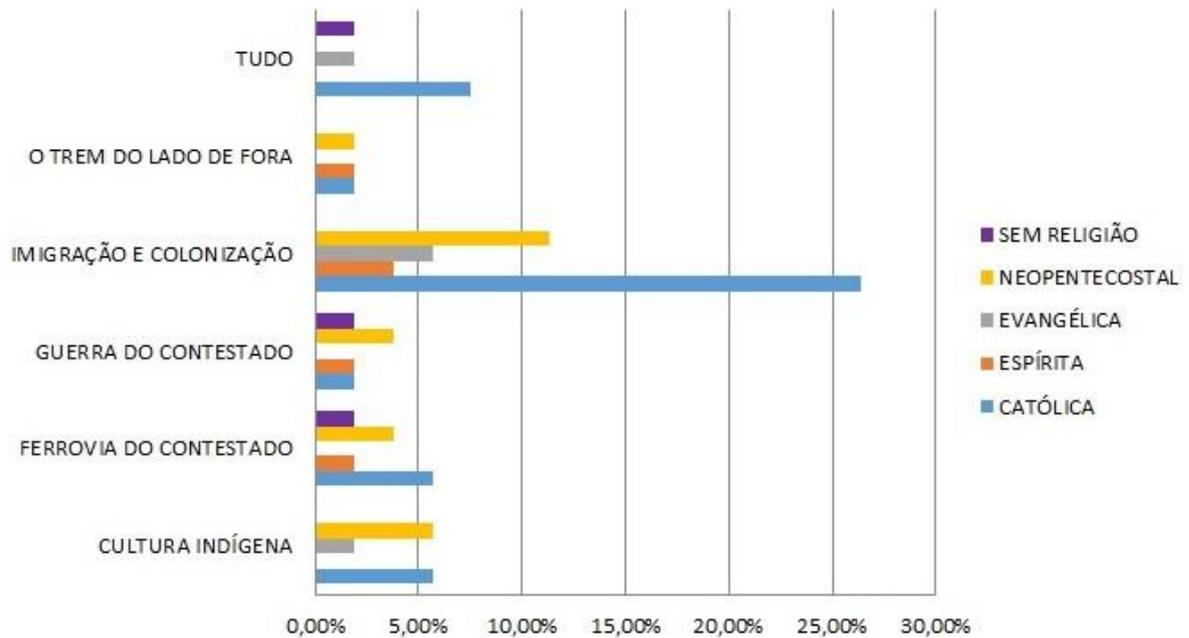
Fonte: Da autora, 2016.

Os visitantes de fora da cidade foram ao museu, mediante a indicação de um conhecido, podendo esse ser um amigo, um professor ou familiar. Esses dados reforçam a observação anterior de que as melhores propagandas sobre o museu são feitas pelos próprios visitantes, que retornam e o indicam a outras pessoas; e não outras formas de divulgação.

Por outro lado, os entrevistados habitantes de Caçador declararam ter conhecido o museu com a escola, ainda na infância, provavelmente, nos primeiros anos de abertura do MHARC, metade da década de 1980. Isso demonstra que museu e escola estão em sintonia.

O item 11 do questionário é sobre o que o visitante mais achou interessante no museu. Possui nove alternativas, sendo quatro referentes às salas expositivas, cultura indígena, ferrovia do Contestado, imigração e colonização e Guerra do Contestado; uma citando o trem; e outra, o prédio; duas abrangendo o “tudo” ou o “nada”. No gráfico 15, segue a porcentagem dos interesses dos visitantes do museu, aferido com o gênero e a opção religiosa do respondente.

Gráfico 15 – Parte mais interessante do museu x Opção religiosa x Gênero feminino

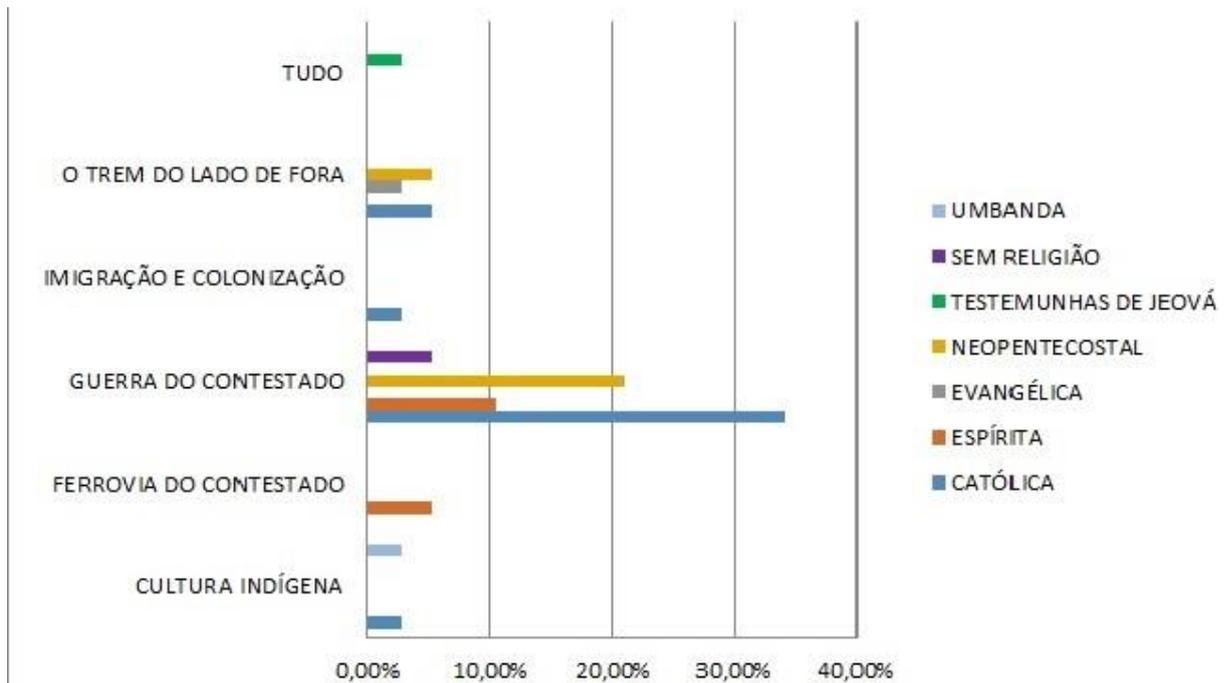


Fonte: Da autora, 2017.

As mulheres de religião católica, 26%, seguidas das mulheres de religião neopentecostal, 12%, consideram a sala Imigração e Colonização a mais interessante. Segundo elas, a escolha se deu porque “é a que tem mais relação comigo/minha família”, quando se evidencia que as “representações sociais estão relacionadas com a realidade social e histórica, e contribuem para a sua construção” (FERRARI, 2013, p. 40). Novamente, uma referência a algo *a priori*, uma amarração daquilo que era conhecido pela família, que foi repassado aos descendentes e ressignificado por eles.

O gráfico 16 mostra a parte mais interessante do museu aos homens, com sua opção religiosa discriminada.

Gráfico 16 – Parte mais interessante do museu x Opção religiosa x Gênero masculino

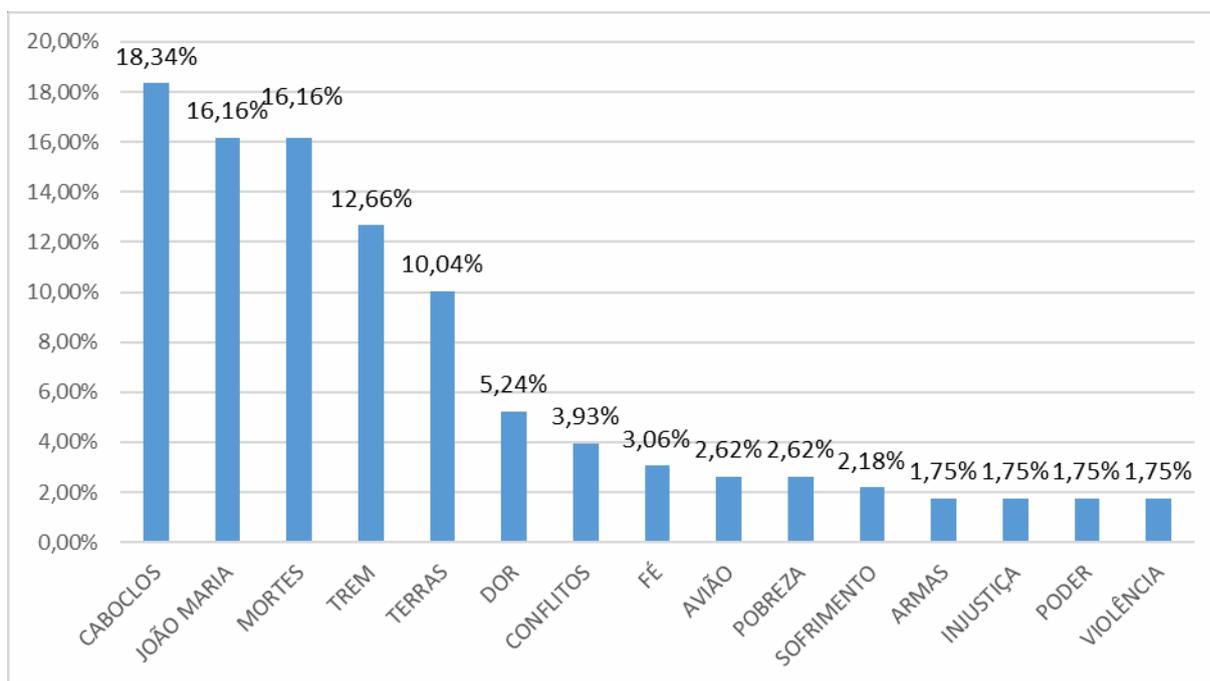


Fonte: Da autora, 2017.

Para os homens, de todas as religiões citadas, a parte mais interessante do museu é a sala Guerra do Contestado. A religião não interferiu no interesse da sala. Sobre o motivo de terem gostado mais disseram que, na sala, “tinha objetos interessantes/bonitos”. O interesse dos homens por temas ligados a guerras ou armas, foi observado por Köpcke e Cazelli (2008, p.4-5), pois “os museus que atraem maior participação dos visitantes de sexo masculino, são os que estão associados ao mundo dos homens: museus de esporte, de armas, de guerra, do ar e do espaço”. Como observado no gráfico supra.

No item 12 do questionário, os visitantes deviam citar três palavras que vinham à cabeça quando se fala em Guerra do Contestado, e justificar as mesmas. No gráfico 17, pode-se conferir a relação das palavras mais citadas:

Gráfico 17 – Incidência de palavras mais citadas nos questionários



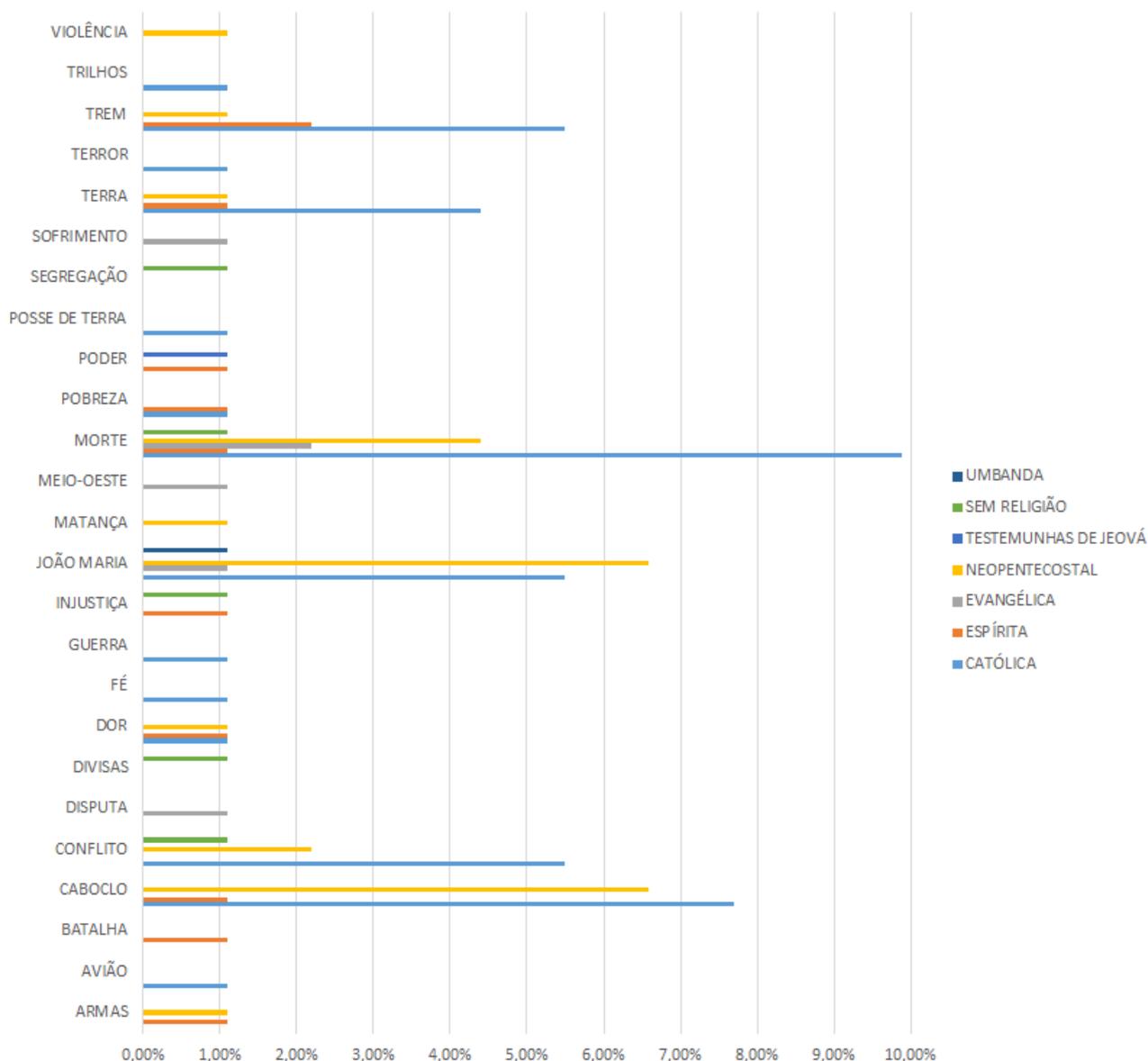
Fonte: Da autora, 2016.

As palavras citadas estavam intimamente ligadas à dados conhecidamente relacionados à Guerra, demonstrando uma ligação dos visitantes para com esse assunto (MOSCOVICI, 2009) e nos ajudam a compreender a representação que os visitantes têm da mesma. Dentre as palavras mais citadas estavam: caboclos, João Maria e mortes, demonstrando o grau de importância dado à participação dos caboclos e do monge na Guerra e a ligação deles com a morte. Da mesma forma, as demais palavras citadas reforçam a representação do que foi a Guerra do Contestado para aquela população que ainda hoje sente os reflexos dela, ou seja: destruição, disputa, exército, meio-oeste, perdas, roubo, Santa Catarina, tristeza, araucária, cidades, coroneis, Divino Espírito, divisas, exploração da madeira, falta de diálogo, fome, índios, Irani, Lebon Régis, *Lumber*, Matos Costa, messiânico, miséria, povo, religião, segregação, terror.

O respondente deveria justificar cada palavra citada. Com a palavra “caboclo”, a mais pronunciada, 18,34%, temos: “participaram da guerra”, “perderam as terras”, foram as maiores vítimas”, numa clara identificação do público com o lado, diga-se assim, mais injustiçado da guerra. As palavras “João Maria e Monge”, 16,16% vezes citadas, estão justificadas com as declarações “foi o nosso monge”, “rezas e bênçãos”, “somos devotos”, elucidando, assim, a percepção e a

representação dos visitantes quanto a sua religiosidade, indiferentemente da religião que professem. Uma clara referência ao catolicismo rústico da região, conforme o gráfico 18.

Gráfico 18 – Primeira palavra relacionada à guerra x opção religiosa do visitante

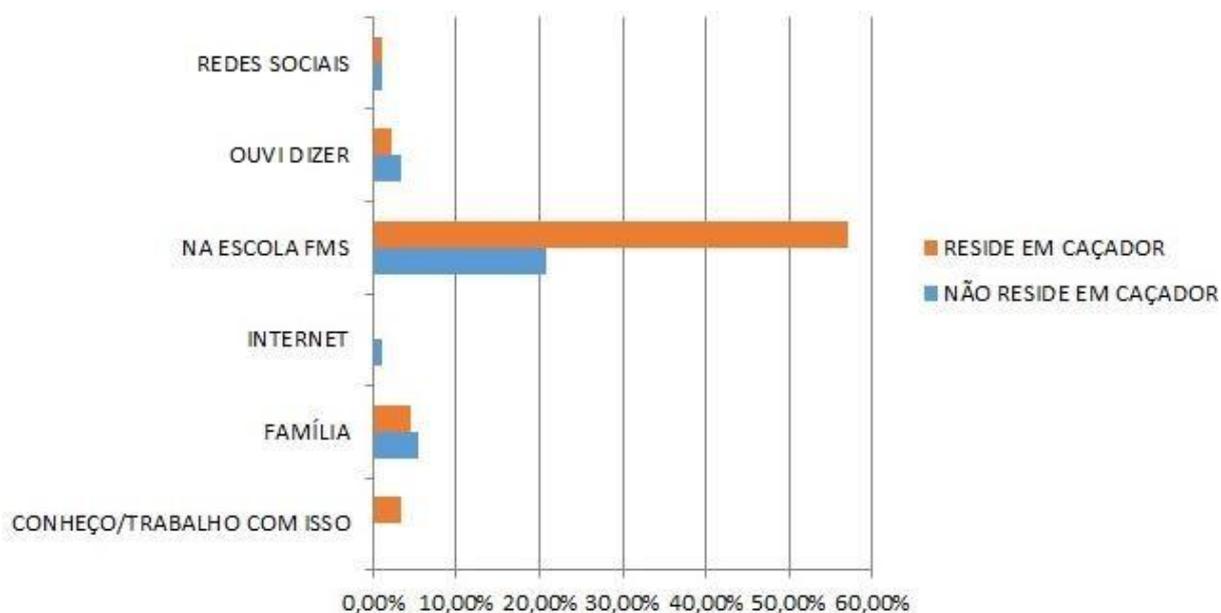


Fonte: Da autora, 2017.

A palavra “mortes” aparece 37 vezes e foi justificada pela questão da guerra em si, pois em qualquer “guerra morrem pessoas”, “milhares de caboclos morreram”. A palavra “trem” também foi citada 29 vezes e justificada pelos comentários: “trouxe progresso e destruição”, “tem trilhos na região ainda” e “motivo da guerra”. Questionados sobre a origem dessas palavras, a maioria dos visitantes afirmou que

o conhecimento vinha dos tempos da escola (THOMÉ, 2003), como visto no gráfico 19, principalmente do ensino fundamental e médio, para os moradores de Caçador, com 58%.

Gráfico 19 – Fonte de conhecimento sobre as palavras x Visitantes



Fonte: Da autora, 2016.

A presença da escola, citada como fonte de conhecimento sobre a guerra e, depois, como origem das palavras/conceitos, mostra a relação entre o MHARC e o sistema educacional. Segundo o coordenador do museu, Júlio Corrente,

As ações de alguns professores, que acontecem isoladamente, têm dado algum valor à história do Contestado, claro, isso é evidente que... A gente conhece algumas pessoas que gostam de trabalhar, é uma coisa assim, vamos dizer, meio que individual do professor. Até com relação ao professor de história, o professor, vamos dizer, do ensino fundamental, o pedagogo. Têm algumas pessoas que tem o carinho melhor com a questão do Contestado, então fazem alguns trabalhos mais expressivos. As buscas, né, com relação a trabalhos do Contestado, elas são, também, muito pouco, feitas, por causa da própria estrutura que as escolas e as secretarias de educação dão a esses professores (CORRENTE, 2016).

A escola, então, atua como uma mediadora social e o Museu, neste caso, apresenta uma atuação passiva, apenas atendendo às solicitações daqueles professores que o procuram. As mediações sociais

[...] geram as representações sociais - e estas influenciam nos processos de mediação em um processo mútuo e expressam o espaço do sujeito na sua

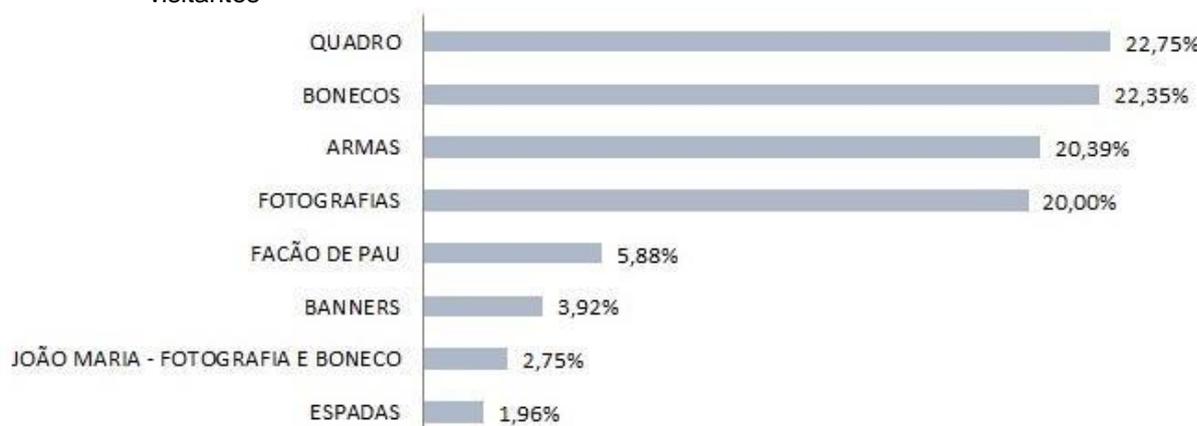
relação com o diferente, buscando interpretar, entender e construir o mundo (JOVCHELOVITCH, 2009 apud FERRARI, 2013, p. 43)

Sendo assim, os pais aprenderam ou tiveram conhecimento sobre o Contestado, primeiramente, nos tempos de escola, via enciclopédia, livros. Com a criação do museu, em 1974, a escola fez a mediação entre o sujeito e o objeto, ou os objetos, levando esses pais a visitar a instituição enquanto eram crianças e adolescentes. Anos depois, os pais levam seus filhos ao museu. Estabelecendo, assim, uma relação ensino teórico e prático. Da mesma forma, como visto nos gráficos 15, 16, 17 e 18, há, ainda, certas reminiscências sobre o tema da Guerra do Contestado, oriundas principalmente do tempo do colégio, porque “as representações permitem que se criem redes de elaboração e transmissão de informação” (FERRARI, 2013, p. 44). O indivíduo, no caso o aluno, parte de uma ideia abstrata sobre a guerra que ele ainda está a aprender na escola, e acaba por materializar essa ideia, a partir de sua visita ao museu, já que experiência e criatividade, ao lado de normas e valores, influenciam esse indivíduo a criar suas representações (MOSCOVICI, 2009; FERRARI, 2013). Então, conhecer o público que frequenta o museu foi interessante para notar quais as influências que ajudam a construir as representações sobre a guerra e sobre o próprio museu, a relação do ser “que não é quem pensa que é, que não faz o que pensa que faz (SILVA, 2000, p. 15)”, mas é, sim, criação de seu próprio grupo social.

### 3.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO “OUTRO” ENCONTRADAS NO MHARC

Em continuação à busca por representações que os visitantes têm da Guerra do Contestado e da instituição, seguem questões específicas sobre a sala Guerra do Contestado. Em referência à sala, foi perguntado aos visitantes três (3) itens que mais chamaram a atenção neste espaço e cada uma das respostas deveria ter uma justificativa. No gráfico 20, pode-se verificar o que mais chamou a atenção dos visitantes na sala Guerra do Contestado:

Gráfico 20 – Relação dos acervos da sala Guerra do Contestado que mais chamaram a atenção dos visitantes



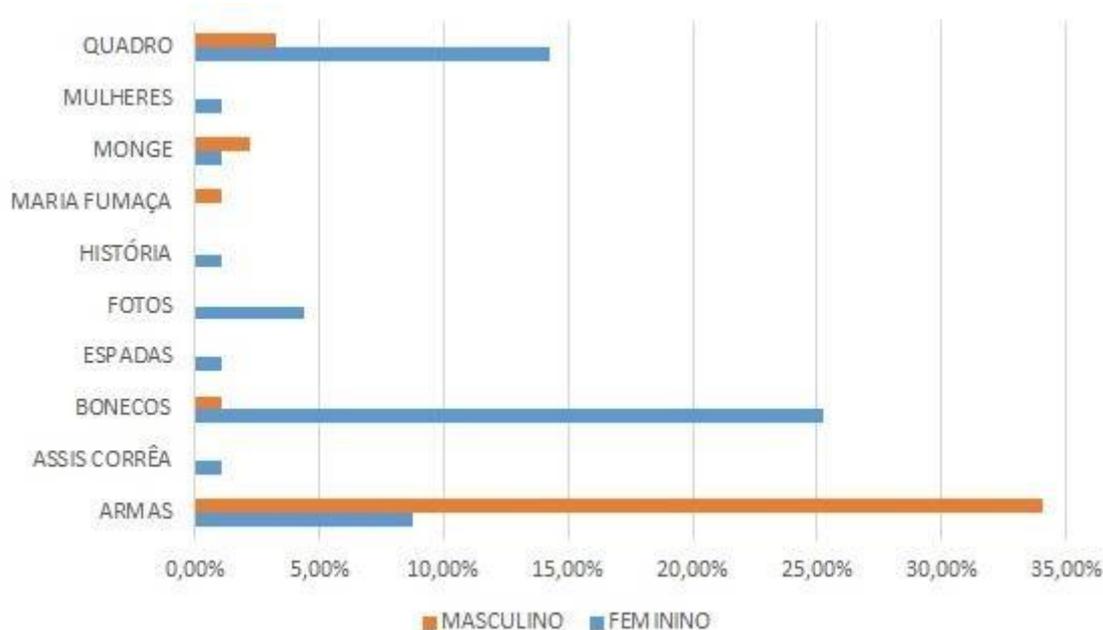
Fonte: Da autora, 2017.

Dos 91 respondentes, 22,75%, declararam que o objeto que mais teria chamado a atenção foi o quadro “O Contestado-Terra Contestada”, de Hassis Corrêa. Em segundo lugar, o conjunto de bonecos da companhia Filhos da Lua, com 22,35%, e, surpreendendo a pesquisadora<sup>11</sup>, em terceiro lugar, as armas, com 20,39%, seguidas das fotografias, dos facões de pau, dos banners, do boneco do monge João Maria, especificamente, e as espadas. Nos questionários, apareceram outros objetos, como maquinário, trem, flechas, maria fumaça e ferramentas, que fazem parte das outras exposições e não da sala Guerra do Contestado. Esses dados nos fazem pensar nas diferentes narrativas criadas e apropriadas pelos visitantes do Museu a partir de seus olhares e memórias.

No gráfico 21, tem-se o registro do percentual de respondentes por gênero e o acervo que considerou mais interessante na sala Guerra do Contestado.

<sup>11</sup> A sala Guerra do Contestado possui, em sua maioria, acervo bélico. Ao contrário do que se esperava, o acervo bélico não foi considerado tão chamativo assim, mesmo sendo tão predominante em número de objetos na sala.

Gráfico 21 – Acervo mais interessante x Gênero do visitante



Fonte: Da autora, 2017.

O público masculino respondente interessou-se mais pelas armas, apontadas em 34,07% das escolhas. As mulheres tiveram pouco interesse nas armas, apenas 8,79%. Entretanto, elas se interessaram mais pelos bonecos, 25,27%, e pelo quadro, 14,29%. Nesses dois acervos, o interesse masculino foi inexpressivo, 1,10% e 3,30%, respectivamente. As representações sociais possuem funções como: de saber, de identidade, de orientação e justificação de modos de agir (ABRIC, 1994 *apud* CRUSOÉ, 2004). Tal fascinação dos homens pelas armas pode ser vista como a “identidade da representação [que] funciona como uma proteção à especificidade dos grupos na medida em que situa os indivíduos ou grupos no campo social (ABRIC, 1994 *apud* CRUSOÉ, 2004, p. 110)”. As armas, então, seriam a representação da força e do poder masculino, enraizado em nossa sociedade. As “representações não derivam de uma única sociedade [...], mas das diversas sociedades que existem no interior da sociedade maior [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 184). Os meninos aprendem desde cedo a legitimidade do seu reinado, seja em casa, seja na escola.

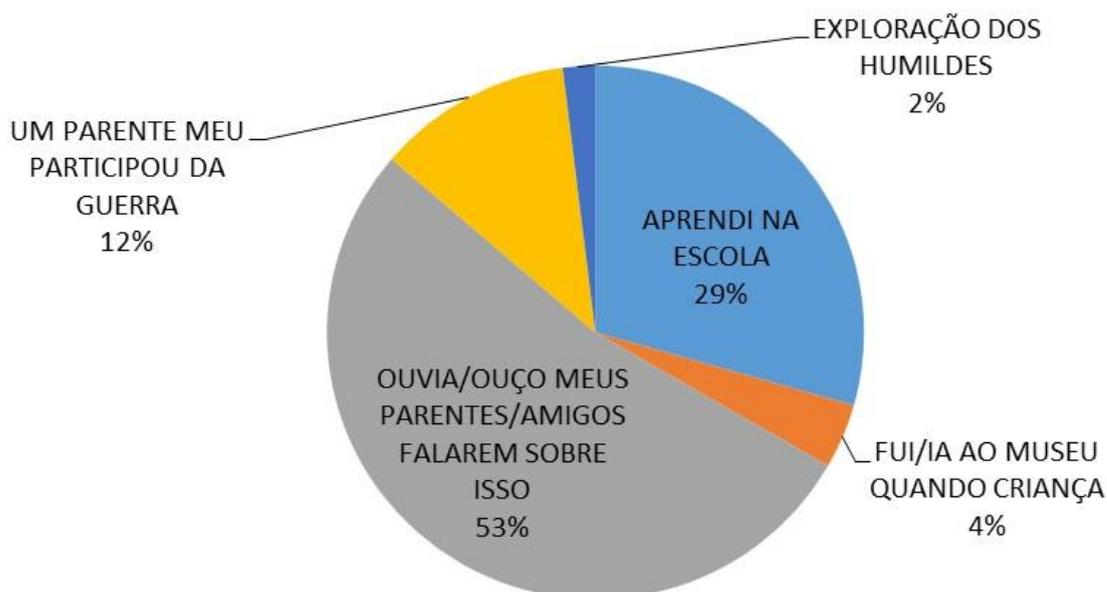
Sobre o objeto quadro, os visitantes responderam das mais diversas formas, tendo em comum, as seguintes justificativas: “porque mostra cenas da guerra”; “mostra símbolos da região (fé, monge, armas, caboclos, exército)”; “bonita pintura duma guerra tão feia”. Sobre os bonecos, os visitantes comentam que esse acervo

representa “gente da guerra”; os que “participaram da guerra”; “são as representações da gente da guerra”; “são de material diferente”. Em relação às armas, terceiro item mais lembrado na sala, destacam-se as seguintes falas: “são do exército” ou “demonstram o poder do exército”; “mataram os caboclos”; “diferença entre as armas do exército e as dos caboclos” (facão de pau, no caso).

Logo após a pergunta anterior, foi questionado se os visitantes, a partir da visita ao museu, tiveram o conhecimento alterado (questão 14). Dos 91 participantes, 84 afirmaram ter seu conhecimento sobre a guerra modificado após a visita. Desses, 83 justificaram o porquê da alteração. De modo geral, o que mais apareceu foram expressões como: “aprendi mais”, “aprendi mais sobre a guerra”, “conheci mais da guerra”, “vi coisas diferentes”. Dentre as respostas que mais chamaram a atenção, destacaram-se: “aumentou minha indignação”; “compreendi melhor o porquê da nossa situação atual”; e, “conheci além do que os livros falavam da guerra”, aqui uma clara referência, novamente, à escola.

Partindo da noção do que são as representações, uma compreensão do cotidiano, (MOSCOVICI, 2007), algo que se “propõe a tornar algo ou alguém não-familiar em algo ou alguém familiar” (MOSCOVICI, 2001 *apud* GIL FILHO, 2003, p.8), o questionário segue com uma pergunta referente às recordações dos visitantes sobre os objetos e o que viram na sala Guerra do Contestado (gráfico 22).

Gráfico 22 – Recordação dos visitantes

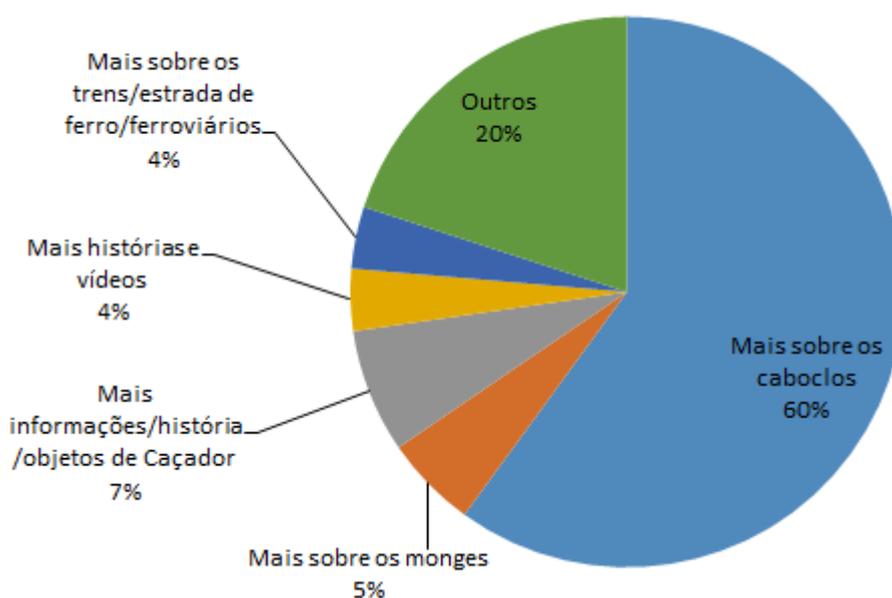


Fonte: Da autora, 2016.

O questionamento toma como princípio as recordações que a sala ou os objetos trouxeram aos respondentes. Essas recordações vieram de diferentes fontes. Do total de respondentes, 53% ouviram parentes falarem sobre isso, sendo avós e pais os mais citados como fonte originária da recordação. Tal fato demonstra a presença de memórias da guerra, ainda hoje, entre a população de Caçador, ou seja, que as representações da Guerra estão sendo construídas socialmente. Em seguida, surge a escola, com 29%, onde professor e aluno são “atores de uma sociedade em movimento, [que] carregam consigo um saber que se constrói no dia a dia, tanto social, familiar, quanto profissional (MAIA, 2001 *apud* CRUSOÉ, 2004, p. 113)”, fazendo que o saber de senso comum, do aluno, se misture com o conhecimento científico, do professor-escola, criando uma nova forma de interpretar os sentidos da Guerra do Contestado e a função do Museu do Contestado.

O último questionamento solicitava uma sugestão do próprio visitante, se ele acrescentaria algo sobre o Contestado que não havia encontrado no museu. Caso a resposta fosse afirmativa, o que ele acrescentaria (gráfico 23). Do total de entrevistados, 60% afirmou que acrescentaria alguma coisa à exposição. Veja o que os visitantes acrescentariam:

Gráfico 23 – Porcentagem de acréscimos de informações/coisas na exposição

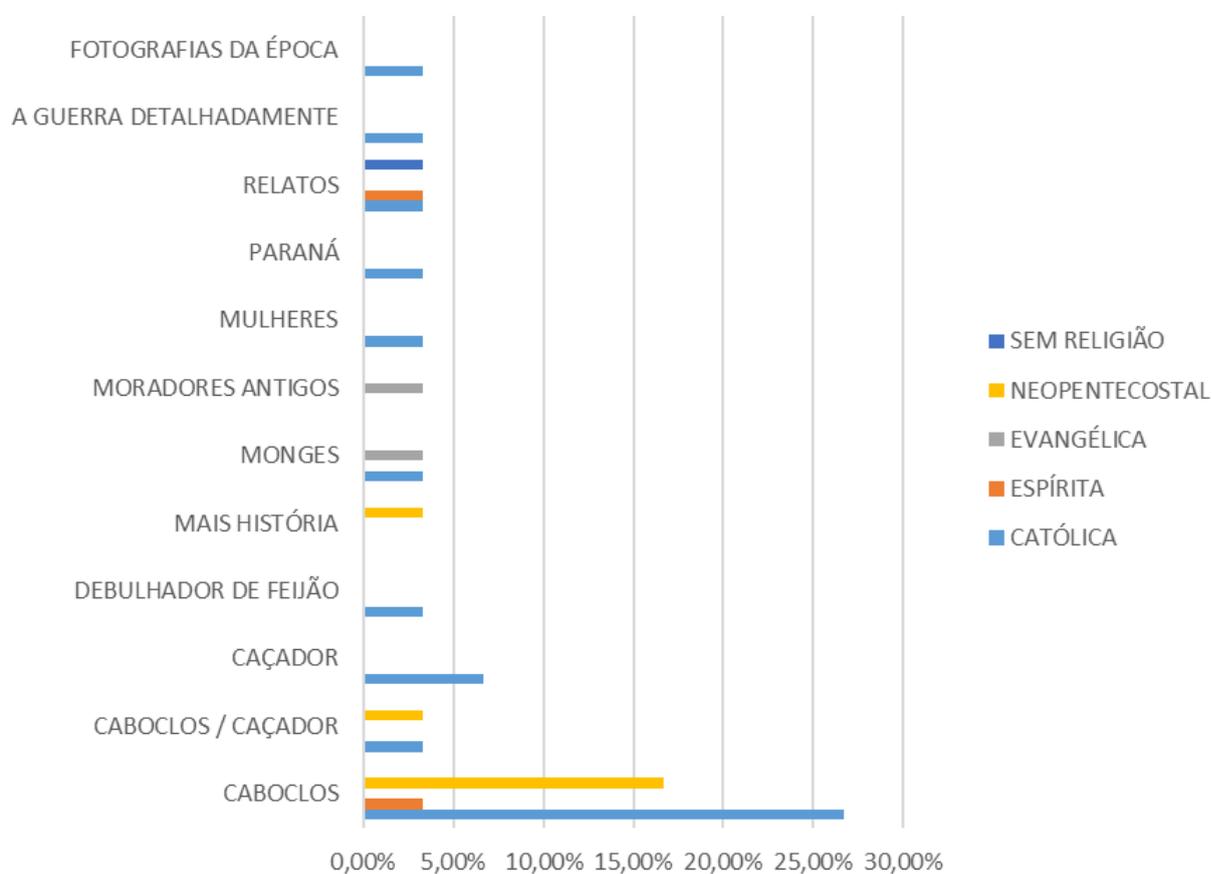


Fonte: Da autora, 2016.

Evidenciado o quadro, os bonecos e as armas, pelos próprios visitantes, (gráfico 20), verifica-se com o gráfico 23, que os visitantes saíram da instituição com um desejo de “quero mais” do museu. O “outro”, que tanto procura-se discutir e ver representado, para 60% dos visitantes é a falta ou a pouca informação “sobre a vida cotidiana e simples dos caboclos”; “mais coisas dos caboclos, exército sobressai”; “são as coisas de Caçador”; “mais sobre o trem, os ferroviários”; “o monge em tamanho natural com uma fonte”.

No gráfico 24, pode-se notar o que as visitantes acrescentariam à exposição Guerra do Contestado.

Gráfico 24 – O que acrescentaria x Opção religiosa x Gênero Feminino

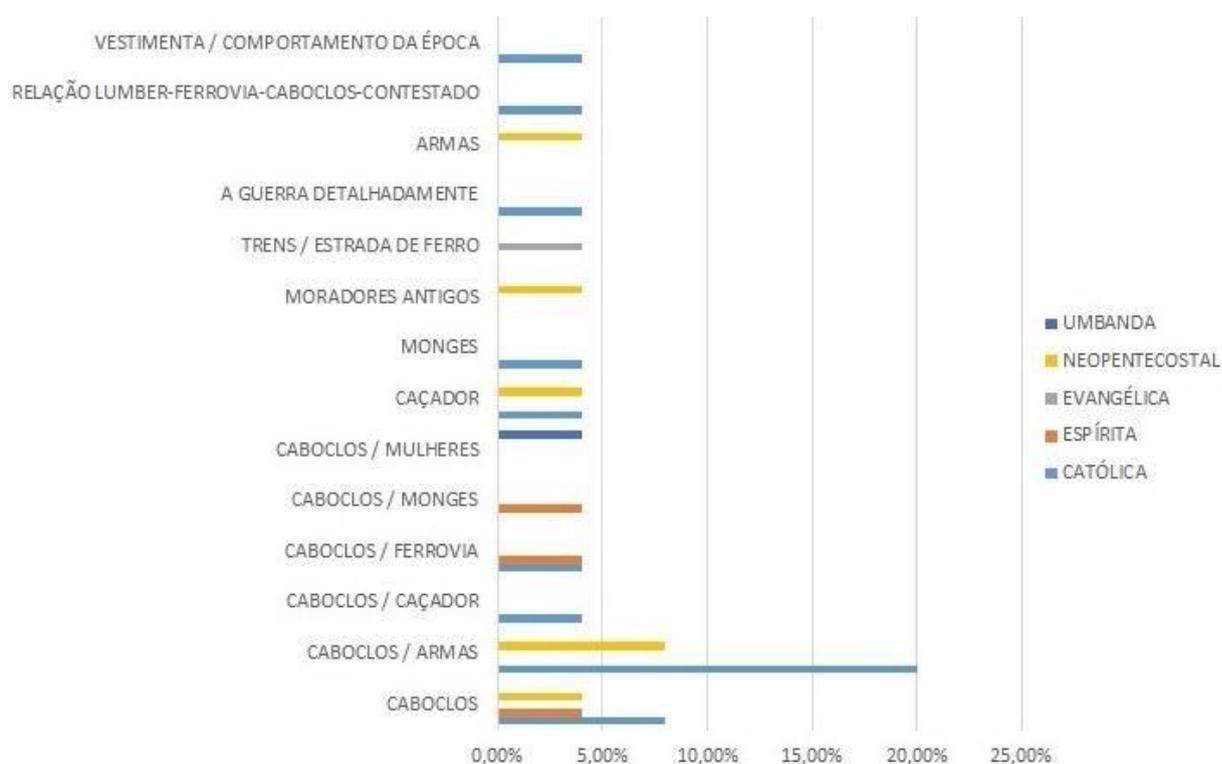


Fonte: Da autora, 2017.

As visitantes mulheres, tanto católicas, 26%, quanto neopentecostais, 16%, quando questionadas sobre o que acrescentariam à exposição sobre a Guerra do Contestado, fizeram referência aos caboclos. O Gráfico 25 mostra que os homens, também expressaram, ainda com maior frequência do que as mulheres, o desejo de que a exposição apresentasse mais dados sobre os caboclos, que seja somente o

caboclo, ou a relação de caboclos com mulheres, monges, ferrovia, armas ou com a cidade de Caçador, independentemente da religião, que estão distribuídas em diferentes opiniões. Chama a atenção o fato de que o interesse por mais armas, apareceu tanto ligado a católicos como a neopentecostais (Gráfico 25).

Gráfico 25 – O que acrescentaria x Opção religiosa x Gênero masculino



Fonte: Da autora, 2017.

O visitante, a partir de suas lembranças e leituras da exposição, faz o que Moscovici chamou de ancoragem, “processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara como paradigma de uma categoria [...] apropriada” (2007, p. 61). Saindo assim, da sua zona de conforto e construindo sua própria realidade, neste caso, o visitante sabe que a participação dos caboclos foi grande na guerra, por isso quer ver o “outro” no museu, aquele que não aparece, ou seja, o homem comum, os monges, as mulheres caboclas.

Baseado no princípio que as atuais exposições do museu possuem em suas paredes referências muito evidentes de apenas um lado da Guerra do Contestado —o dos vencedores—, vislumbra-se a necessidade de ampliar os espaços sobre o tema, pois o lado “perdedor” da guerra também possui direito à memória, não

apenas nos objetos, mas também nos discursos expográficos. Ao invés de silenciar, é preciso trazer à tona esse conflito, e tratar os jogos de poder que envolveram essa guerra.

Sobre a parte expográfica do museu, que corrobora com o intuito dessa pesquisa, retoma-se uma fala, uma crítica na verdade, de Romero (2012), sobre como as instituições museológicas apresentam a Guerra do Contestado. Inclusive, tal reflexão cita o Museu do Contestado como “museu mais específico e importante sobre a Guerra do Contestado” (2012, p.136). Conforme Martello, “[...] faltou muito isso aqui. Algo do museu para e não do museu com” (2016).

Sendo o mais importante museu sobre a Guerra, o MHARC, segundo Romero, ali “a simpatia pelos vencedores da Guerra são as homenagens prestadas com a colocação dos nomes nas diversas salas do museu, nenhuma alusão aos vencidos [...], nenhuma placa o nome de um caboclo” (2012, 134-135), não havendo, então, um museu inocente (RAMOS, 2004). Da mesma forma que “é impossível encontrar neutralidade nas representações, pois elas sempre envolvem um sistema de classificação e denotação de valores, inserção em categorias, denominações e julgamentos (FERRARI, 2013, p. 46)”, então, o visitante busca se encontrar, se ancorar naquilo que ele conhece ou sabe. Vide a presença, mais de uma vez, no museu, dos respondentes, para conhecerem um pouco mais de sua própria história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar as representações sociais que as pessoas possuem sobre a Guerra do Contestado e sobre o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de Caçador, SC. Foi possível suscitar discussões e estudos sobre as questões relativas a museus e representações sociais. Dessa maneira, o estudo e as leituras sobre a Teoria das Representações Sociais foi essencial para conhecer o perfil dos visitantes do Museu do Contestado, sobre o que cada grupo social pensava ou tinha como referência sobre a Guerra do Contestado, e como essa referência influenciava sua percepção na visita ao museu. A partir desse panorama, verificou-se a relação Museu do Contestado com seus visitantes.

O trabalho de pesquisa baseou-se numa série de procedimentos que, juntos, tornaram a compreensão sobre as representações sociais dos visitantes sobre a Guerra do Contestado e sobre o museu muito mais clara.

O estudo e a leitura de trabalhos e produções bibliográficas sobre a região do Contestado, de diferentes correntes teóricas, deram subsídio para conhecer a história da região do Contestado e sua gente. O cenário da região do Contestado, hoje Meio-Oeste catarinense, desenvolveu-se por meio de disputas territoriais, de um conflito civil bélico e de exploração de riquezas e terras protagonizados por empresas estrangeiras.

No capítulo 1, buscou-se explanar como se deu a formação da região do Contestado. Uma disputa territorial secular junto a outros fatores, acabou por castigar o Meio-Oeste catarinense com um conflito civil militar. De um lado, a população local, autodenominada cabocla, com os ex-trabalhadores da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, e, do outro, fazendeiros, coronéis e o Exército Brasileiro. O resultado? Um genocídio (FRAGA, 2015) e situação de pobreza na região.

Durante muito tempo, o Contestado ficou esquecido. Podemos dizer que, o conflito foi depreciado. Os meios de comunicação da época, jornais e textos de militares que participaram da contenda se referiam à população dali como jagunços, fanáticos e rebeldes (THOMÉ, 1999).

O silenciamento sobre a Guerra do Contestado foi longo. As famílias de sobreviventes do conflito mantinham algumas lembranças, por meio de suas memórias, ou guardavam, em suas casas, material bélico, da Guerra.

Na década de 1960, começam os estudos sobre as origens e desenrolar da Guerra e suas consequências para as gentes da região. Os reais atores da Guerra foram trazidos à cena e puderam contar sua versão. Enquanto os meios de comunicação do período da Guerra e os textos militares traziam o caboclo, morador da região, como sendo fanático-jagunço, as novas leituras desse episódio deram voz aos sobreviventes. Primeiramente, com a coleta de depoimentos orais, com posteriores análises de antropólogos, sociólogos e historiadores, viu-se não um facínora ou ladrão, mas sim, um ser com seu próprio modo de viver, simples, na região.

Com o avanço das pesquisas sobre o Contestado, cresce também o interesse pelo acervo, não só das memórias dos sobreviventes, mas também de suas “reliquias” ou vestígios da Guerra. Eis que, mediante esse interesse, temos o objeto do nosso segundo capítulo, o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado. Originado na década de 1970, num dos auge dos estudos e interesses pelo Contestado, surge o embrião do que, em 1986, tornou-se o MHARC. Instituição criada pelo historiador Nilson Thomé e pelo padre e antropólogo, Thomas Pieters, para ser o local da história e cultura da região do Contestado.

As entrevistas com funcionários da instituição esclareceram a complexidade da formação da coleção e do próprio museu. De um local mero depositário de objetos sobre a história da região, o museu passou por algumas transformações expográficas durante seus 30 anos de existência. Entretanto, nas leituras sobre museologia sociológica, viu-se que há, sim, na instituição, muitos grupos detentores de poder simbólico e do poder real, político e econômico (PONCE, 2008). Grupos esses que acabam atuando como curadores ocultos das exposições museológicas. A sensação de não-pertencimento e a construção coletiva parecem não fazer parte, por enquanto, do quadro operativo do Museu do Contestado, não sendo este nem tanto antropológico, nem histórico, como sugere sua nomenclatura.

O resultado do levantamento quantitativo e que permeia o terceiro capítulo, realizado a partir de questionários para os visitantes e a população da própria cidade de Caçador, demonstraram, entretanto, a importância da Guerra do Contestado e o valor do museu como centro de referência da história e cultura da região.

Os respondentes do questionário que estiveram alguma vez no museu têm memórias da guerra passadas pela família, especificamente de avós e pais, formando, assim, os conceitos e referências de suas representações sobre o conflito. Os grupos vistos na amostragem, mulheres e homens, demonstraram pensamento similar sobre a representação expográfica da guerra. As palavras que eles levantaram sobre a questão da guerra mostraram a guerra sendo referida como algo que tirou a vida de muitas pessoas, principalmente caboclos; que o exército matou muitos caboclos; algo ruim; que teve muitas mortes; que matou muita gente. A visita e o que foi visto, no museu, no entanto, foi diferente. Mulheres se referiram muito mais aos objetos de apresentação da guerra, como a coleção de bonecos e o quadro, enquanto que homens demonstraram maior interesse nas armas. De um lado, há, involuntariamente, o empoderamento do "vencedor" (THOMÉ, 1999), visto pelos homens, e, de outro, um lado mais histórico e humanitário, visto pelas mulheres, no quadro e nos bonecos. Tanto homens como mulheres, como visto supra, têm sua representação da Guerra do Contestado como algo muito ruim, que fez vítimas em suas famílias e deixou a região alterada socioeconomicamente até hoje.

A Teoria das Representações Sociais serviu para a compreensão da identidade grupal dos visitantes, em menor ou maior grau, com a Guerra do Contestado. E, a partir dela viu-se uma ligação forte entre os visitantes e a etnia cabocla, parcamente tratada pela expografia do museu, como foi aferido na amostragem dos questionários. O trabalho com as representações em museus auxilia na compreensão dos diferentes públicos que por ali passam, e como cada grupo social pensa, como esses pensamentos foram construídos e como essas representações influenciam sua passagem pelos museus. Os grupos sociais, em suas respostas, falaram muito da ausência do caboclo na exposição do Museu do Contestado. Homens e mulheres discordaram, principalmente, sobre o que acrescentariam à exposição. Quanto à opção religiosa, os dois grupos majoritários, neopentecostais e católicos, tiveram respostas semelhantes, tanto quanto a lembranças da Guerra, quanto às mudanças na exposição. A escolaridade, segundo grau completo e segundo grau incompleto, foi determinante nas respostas sobre conhecimento da guerra, do MHARC e alterações na exposição. A família, como foi possível perceber, é um fator facilitador da criação de representações sociais, assim como a escola. A grande maioria dos questionários possuía memória desses locais

devido à presença familiar e à frequência do assunto nas aulas ou de visitas ligadas ao ambiente escolar, pois foi ali que aprenderam ou tiveram o primeiro contato sobre o tema da guerra, e não no museu.

Levando-se em consideração que, em um conflito, geralmente, dois polos se enfrentam, a fala dos visitantes enfatizando a ausência de um desses polos, no caso os caboclos, a quem a maioria se identifica, permitiu ver um descompasso do centro de preservação das memórias do Contestado com seus públicos.

Que papel o Museu do Contestado está fazendo junto a sua comunidade? Os anseios dos visitantes de querer do MHARC mais exposições, desejar que as exposições, ou pelo menos, a sala Guerra do Contestado tenha mais ou fale mais “sobre a vida cotidiana e simples dos caboclos”; serão ouvidos pelos gestores? O MHARC estaria pronto para abrir as portas e permitir a presença da comunidade na concepção e criação das exposições, no intuito de se tornar um museu comunicativo e que provoque uma atitude ativa do visitante (CURY, 2005)?

Do total de respondentes, 60% acrescentariam alguma coisa à exposição, algo relacionado aos caboclos, por exemplo. Um número expressivo de visitantes que deseja uma mudança no MHARC e que deve ser atendido. Dentre as mudanças sugeridas destacou-se a inserção de mais informações sobre o caboclo em todos os seus aspectos.

A Teoria das Representações Sociais serviu para analisar a realidade e os jogos de poder que permeiam cada indivíduo ou grupo social que visita o Museu do Contestado e, a partir disso, compreender a situação atual de sua sociedade, por meio do (re)conhecimento da importância da Guerra do Contestado para a região.

Homens e mulheres tiveram percepção idêntica sobre as questões da Guerra. Mortes, dor, fome, divisas, caboclos, exército. Conhecimentos esses adquiridos na escola e com familiares. Entretanto, a diferença significativa entre os grupos de homens e mulheres foi em relação a mudanças na expografia do museu. O museu foi citado como sendo fonte de conhecimento, pois grande parte dos respondentes saiu da instituição com seu conhecimento aumentado sobre o tema da guerra.

Percebe-se, dessa forma que, família e escola são os maiores fomentadores de representações sociais. Foi no seio da família, primeiramente, e depois, na escola, por anos a fio, que homens e mulheres aprenderam sobre a guerra (MOSCOVICI, 2009). No museu, suas representações foram, *a priori*, reforçadas, com sala específica sobre a guerra e objetos representativos da mesma, com os

quais os visitantes declararam ter tido contato anterior. A religião e o nível salarial não se mostraram tão determinantes na questão das representações. neopentecostais e católicos tiveram, praticamente, as mesmas considerações sobre a guerra e sobre o que mudariam na exposição. Os respondentes assalariados, de até dois salários mínimos, da mesma forma. Sendo assim, tem-se gênero e escolaridade como os atributos que mais apresentaram diferenciação quanto às representações. A representação ali se impôs sobre os homens, provavelmente, vindos de famílias patriarcais. Estes a sugeriram, ainda, a seus filhos, trazendo-os para ver as armas. Sugeriram, também, ao próprio museu (que agora tem mais uma missão): interpretar os anseios de seus públicos.

O Museu do Contestado, dessa forma, deve se repensar como instituição museológica. Sua missão é percebida na tríade museológica de preservação, pesquisa e comunicação da história e cultura do Contestado. Seu público, da região do Contestado ou não, é heterogêneo, com experiências e vivências distintas, que crê ali ser um espaço de cultivo das tradições e memórias, principalmente, caboclas. Entretanto, o público e o próprio museu esquecem que a história do Contestado não se faz apenas com exércitos. O museu, então, deve estar mais aberto aos seus públicos, conhecendo-os. Depois, tornando-os parceiros, seja na construção de exposições, seja nas ações de educação para o patrimônio. A grande contribuição das representações sociais para os museus é realmente essa, de conhecer e reconhecer a complexidade dos públicos que o visitam. Saber que cada visitante já possui um conhecimento anterior e que esse conhecimento pode ser transformado com a visita. Entender a gama de representações sociais que vão e que estão no MHARC, e, a partir delas, reconstruir novas representações e novas dinâmicas de interação com a comunidade. Conhecer para se reconhecer e transformar: eis o grande desafio do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. **Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- ALMEIDA, Angela M.O, JODELET, Denise (Org). **Representações Sociais: Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**. Brasília: Thesaurus, 2009.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Ed. UFSC: Assembleia Legislativa. São Paulo: Cortez, 1984.
- BASTIDE, Roger. Prefácio. *In*: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BORELLI, Romário. **O Contestado**. Curitiba: Editora Orion, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1998.
- BOYLAND, Patrick. Introdução. *In*: **Como gerir um museu: manual prático**. França: ICOM, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 123-126.
- CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**. v.19, n. 19, jun 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ética museológica de Mario de Andrade**. Chapecó, SC: Argos, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editores, 1996.
- CORRENTE, Júlio. **Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado**. [30 nov. 2016]. Entrevistadora: Letíssia Crestani. Caçador: 2016. 04 arquivos .m4a (98 min).
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender**. Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação. Vitória da Conquista, BA. Ano II, n. 2, 2004. Disponível em:

<[http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf\\_121](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121)>. Acesso em: 20 nov 2016.

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

CUSTÓDIO, Maria Teresa Chaves. A responsabilidade social dos museus regionais. **Revista Ciências & Letras**, n.27, jan/jun 2000. Porto Alegre. p. 133-141.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo: Ed. 34, 2004.

ESPIG, Márcia Janete. Algumas reflexões sobre a historiografia do Movimento do Contestado: o caso dos operários da Estrada de Ferro São Paulo Rio-Grande. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz.** Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0654.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

FERRARI, Cibele D.P. **A contribuição da teoria das representações sociais para o estudo do patrimônio cultural:** o exemplo da Ilha da Rita/SC. 2013.126f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville.

FILHO, Durval de Lara. **Museu:** de espelho do mundo a espaço relacional. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-30112006-105557/pt-br.php>>. Acesso em: 05 maio 2015.

FRAGA, Nilson Cesar (Org). **Contestado em guerra:** 100 anos do massacre insepulto do Brasil -1912-2012. Florianópolis: Insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da morte:** o Contestado visto e sentido “entre a Cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná”. 2. ed. Blumenau: Hemisfério Sul, 2015.

FROZZA, Davi José. Perfil dos atingidos do Contestado. **Jornal Diário do Vale**, Joaçaba, SC, nov. de 2013. Disponível em: <[http://www.diariodovalesc.com.br/colunista\\_interna.php?id=74&colunista=1](http://www.diariodovalesc.com.br/colunista_interna.php?id=74&colunista=1)>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GIL FILHO, Sylvio F. **Espaço de representação:** uma categoria chave para a análise cultural em Geografia. Disponível em: <<http://faustogil.ggf.br/gilfilho/arquivos/espaco-representacao-geografia.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

GUARNIERI, W. R. Conceito de Cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos.** n 3. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF; SPHAN-PróMemória, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Patrimônio Cultural e Cidadania. In: **Museologia Social**. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 2000, p. 11-20.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Entrevistas**. Guerra do Contestado: os reflexos cem anos depois. Entrevista especial com Paulo Pinheiro Machado. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514385-guerra-do-contestado-os-reflexos-cem-anos-depois-entrevista-especial-com-paulo-pinheiro-machado>>. Acesso em: 20 out. 2015.

KAIZER, Jakzam. **Guerra do Contestado**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2012.

KARSBURG, Alexandre. **O eremita das Américas**: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014.

KÖPCKE, Luciana S; CAZELLI, Sibebe; *et al.* A presença feminina nos museus: perfil sociocultural e modalidades de visita. In: 32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2008. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/omcc/media/6\\_ANPOCS%202008.pdf](http://www.fiocruz.br/omcc/media/6_ANPOCS%202008.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2016.

KUMMER, Rodrigo. Reminiscências identitárias do caboclo no oeste catarinense: uma discussão em aberto. In: BONAMIGO, Carlos Antônio et al. **História**: tradições e memórias. Francisco Beltrão: Jornal de Beltrão, 2011.

LEITE, Mario Guilherme. Mapa da Região do Contestado e área em disputa entre PR E SC. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 85, ano 7, out. 2012.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1952.

MACHADO, Paulo P. Guerra do Contestado-100 anos (1912/16-2012). **Entrevista**. [4 set 2012]. São Paulo: FGV-CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/contestado/ecos/paulo-pinheiro-machado>>. Acesso em: 11 jun 2016.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. **Revista Topoi**, v. 12, n. 22, jan-jun, 2011, p. 178-186.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MARTELLO, Caroline. **Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado**. [18 dez 2016]. Entrevistadora: Letíssia Crestani. Caçador: 2016. 01 arquivo .m4a (66 min).

MELO, Cristiane Dias de. **Terra e trabalho: concepções de direito à terra e reforma agrária na Faixa de Fronteira de Santa Catarina (1968-1985)**. 2012. 187f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2012%20MeloCristianeDiasde\\_M.pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2012%20MeloCristianeDiasde_M.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

MENEGUZZO, Isonel Sandino. A Região do Contestado catarinense: Aspectos Histórico-Geográficos. **História e-história**. São Paulo, maio 2012. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=206>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MONTEIRO, Duglas T. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MORAES, Patrícia. *et al.* A Teoria das Representações Sociais. **Revista Eletrônica Direito em Foco**. Unisepe, 2014. Disponível em: <[http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/direito\\_foco/artigos/ano2014/teoria\\_representacoes.pdf](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2014/teoria_representacoes.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MURARO, Valmir Francisco; VALENTINI, Delmir José (Orgs.). **Colonização, conflitos e convivências nas fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai**. Porto Alegre, RS: Letras & Vida; Chapecó, SC: Ed. UFFS, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

OLIVEIRA, Beneval de. **Planaltos de frio e lama: os fanáticos do contestado- o meio, o homem, a guerra**. Florianópolis: FCC, 1985.

OLIVEIRA, Márcio S.B.S. Representações sociais e sociedade: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 19. n. 55. jun. 2004.

OLIVEIRA, Susan Aparecida. **Guerra do Contestado: mimesis e políticas da memória**. 2006. 236f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006.

OLIVEIRA, Rafael Pereira. **Políticas culturais e o campo museal em Santa Catarina (1987-2006)**. 2007. 169f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.

PACE, Richard. Abuso científico do termo 'caboclo'? Dúvidas de representação e autoridade. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.** 2006, v.1, n.3, p.79-92. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222006000300004&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222006000300004&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PANSERA, Tiago. **Victor Kurudz: o agrimensor dos sertões**. Concórdia, SC: Ed. Jotagê, 11 jul 2016. Disponível em: <<http://editorajotage.com.br/editora/782-victor-kurudz-o-agrimensor-dos-sertoes>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PINTO, Suely Lima de Assis. Museu e arquivo como lugares de memória. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. II, nº 3, maio/jun, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/8986>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PONCE MARANHÃO, Helena. Museu nas representações sociais ou quais são seus lugares no imaginário coletivo? Pontuais anotações. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, n. VI, 2008, Lisboa – Portugal. **Mundos sociais: saberes e práticas**. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/371.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

PRADI, Cirila de Menezes. **Chica - Pelega do Taquaruçu**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado 1912-1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RAMILO, André de Oliveira. Uma análise historiográfica do conflito do Contestado. 2009. 33 p. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade do Extremo Sul Catarinenses, UNESC. Criciúma, 22 nov. 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó, SC: Argos, 2004.

**RANKING IDHM MUNICÍPIOS 2010**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

RECHENA, Aida. Teoria das Representações Sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.42, 2011. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2651/20>>. Acesso em: 12 maio 2015.

REIS, Sebastiana L. de; BELLINI, Marta. Representações sociais: teorias, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Revista eletrônica Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**. Maringá, PR. v. 33, n. 2, p.149-159, 2011. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/10256/pdf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

ROMERO, Fernando Antônio da Silva. **Museu do museu: uma crítica do registro da Guerra do Contestado em Santa Catarina**. 2012. 328f. Tese. (Doutorado em Literatura) Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RUSSO, Natália. Meninos do Contestado. **Jornal Estadão**. São Paulo, fev. 2012. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/meninos-do-contestado>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

SANTOS, Myrian Sepúveda dos. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SANTOS, Leandro Luiz dos; ANTONELLI, Diego. Ferrovia 130 anos. **Jornal Gazeta do Povo**. Curitiba, 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/ferrovia-130-anos/a-primeira-ferrovia.jpp>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SANTOS, Walmor. **Contestado: a guerra dos equívocos**. São Paulo: Record, 2009.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *In*: Academia Catarinense de Letras (Org.). **O Contestado na Historiografia e na Literatura**. Coleção ACL. v. 30. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006.

SASSI, Guido Wilmar. **Geração do deserto**. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. *In*: \_\_\_\_\_, (Org.). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SUPERINTERESSANTE. A guerra que o Brasil esqueceu. **Superinteressante**. ed. 152, maio 2000. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/a-guerra-que-o-brasil-esqueceu>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

TELLES, Vicente. (Org.). **Folclore Itinerante da Epopeia do Contestado: História em Música**. Irani/SC: Fundação Catarinense de Cultura, 2002.

THOMÉ, Michelle; SGARBE, Vinícius. **Nilson Thomé**. [s.d.]. Disponível em: <[http://nilsonthome.mtecomunicacao.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=99:a-insurreicao-xucra&catid=38:capitulos-em-livros&Itemid=191](http://nilsonthome.mtecomunicacao.com/index.php?option=com_content&view=article&id=99:a-insurreicao-xucra&catid=38:capitulos-em-livros&Itemid=191)>. Acesso em 20 set. 2016.

THOMÉ, Nilson; CHAPIEWSKI, Michele. Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado. **Revista HISTEDBR On Line**, São Paulo, n. 16, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/img5\\_16.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/img5_16.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2015.

THOMÉ, Nilson. Novos passos para a construção da história da educação na região do Contestado, em Santa Catarina. **Revista HISTEDBR On Line**, São Paulo, n. 12, set. 2003. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis12/art14\\_12.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis12/art14_12.htm)>. Acesso em: 28 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **Chão Contestado: cenário de violências**. Caçador: Nilson Thomé, 2010.

\_\_\_\_\_. **O ciclo da madeira**. Caçador: Imprensa Universal, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.

\_\_\_\_\_. **Raízes caboclas: características da identidade do homem do Contestado**. Caçador/Lages: Nilson Thomé, 2011.

\_\_\_\_\_. **Trem de ferro: história da ferrovia no Contestado**. 2 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

\_\_\_\_\_. **Civilizações primitivas do contestado**. Caçador: Universal, 1981.

\_\_\_\_\_. **A aviação militar no Contestado: réquiem para Kirk**. Caçador: FEARPE, 1986.

\_\_\_\_\_. **São João Maria na História do Contestado**. Caçador: UnC/Universal, 1997.

\_\_\_\_\_. **A política no Contestado: do curral da fazenda ao pátio da fábrica**. Caçador: UnC-Caçador; Museu do Contestado, 2002.

\_\_\_\_\_. **Breve história da Guerra do Contestado**. Caçador: UnC-Caçador; Museu do Contestado; Instituto Histórico, 2005.

TOKARSKI, F. Pluralidades e singularidades entre Canudos e o Contestado. **Pharos**, nov./dez. 2001, v. 9. n. 2. 2002.

TOPOROSKI, Alexandre Assis. **“O pessoal da Lumber”**. Um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910 – 1929. 2006. 207f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89306/242374.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **O polvo e seus tentáculos: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company** e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. 2013. 282f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107414/317569.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 maio 2016.

VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Marcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**. 1. ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

VALENTINI, Delmir J.; TOKARSKI, Fernando; AMADOR, M.C.; THOMÉ, Nilson; MOREIRA, Sandro Cesar. **História do Contestado**. 1 ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 2. ed. Caçador: Universidade do Contestado- UNC, 2000.

VARINE-BOHAN, Hugues de. Patrimônio e Cidadania. *In: Museologia Social*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 2000, p. 7-10.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o boom da memória nos estudos contemporâneos de história. *In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

N° \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. **Gênero** 1) fem.      2) mas.      3) outro2. **Idade** 1) de 18 a 24    2) de 25 a 34    3) de 35 a 49    4) de 50 a 65  
5) 66 ou mais3. **Naturalidade** 1) Cidade \_\_\_\_\_ 2) Estado \_\_\_\_\_4. **Mora em Caçador** 1) Sim            2) Não**5. Escolaridade**

- 1) nenhuma
- 2) 1º grau incompleto
- 3) 1º grau completo
- 4) 2º grau incompleto
- 5) 2º grau completo
- 6) Superior incompleto
- 7) superior completo
- 8) pós-graduação

**6. Religião**

- 1) Católica
- 2) Evangélica
- 3) Neopentecostal
- 4) Espírita
- 5) Umbanda
- 6) Candomblé
- 7) Judaísmo
- 8) Hinduísmo
- 9) Budismo
- 10) Islamismo
- 11) Indígena
- 12) Outra \_\_\_\_\_
- 13) Sem religião

**7. Ocupação profissional**

- 1) Assalariado (a)
- 2) Estudante (a)
- 3) Empresário (a)
- 4) Aposentado (a)
- 5) Dona de Casa
- 6) Desempregado (a)
- 7) Funcionário público (a)
- 8) Outro \_\_\_\_\_

**8. Faixa salarial**

- 1) R\$ 880,00 a R\$ 1760,00
- 2) R\$ 1760,01 a R\$ 3720,00
- 3) R\$ 3720,01 a R\$ 8800,00
- 4) R\$ 8800,01 a R\$ 17.600,00
- 5) R\$ 17.600, 00 ou mais

**9. Já visitou o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado?**

- 1) Sim
- 2) Não

**9.1 Se não, por quê?**

- 1) Não sabia que existia
- 2) Não sei onde fica
- 3) Não tive tempo
- 4) Não tenho interesse em museus
- 5) É muito longe
- 6) Disseram que não é interessante
- 7) O tema não me atrai/não é interessante
- 8) Outro\_\_\_\_\_

**9.2 Se sim:****9.2.1 Quantas vezes foi ao Museu?**

- 1) Uma vez
- 2) De duas a cinco vezes
- 3) Mais de cinco vezes

**9.2.2 Por que foi ao Museu?**

- 1) Tinha curiosidade
- 2) Alguém disse que era bom/interessante
- 3) Passei na frente e entrei
- 4) A escola me levou
- 5) Fui mostrar a amigos/parentes que vieram me visitar
- 6) Meus pais me levaram
- 7) Levei meu(s) filho(s)
- 8) Gosto de museus, é um passeio
- 9) Ele me traz recordações
- 10) O tema é atraente
- 11) Fui obrigado: tinha que fazer um trabalho para a escola
- 12) Outro\_\_\_\_\_

**9.2.3 Quando visitou o Museu, você foi:**

- 1) Sozinho
- 2) Com amigos
- 3) Com familiares
- 4) Com a escola
- 5) Outro\_\_\_\_\_

**10. Se já visitou o Museu: como soube da existência da instituição?**

- 1) Jornal

- 2) Rádio
- 3) TV
- 4) Redes sociais
- 5) Site
- 6) Indicação de conhecido
- 7) Folders
- 8) Livros
9. Escola
10. Outro \_\_\_\_\_

**11. Qual parte do Museu achou mais interessante?**

- 1) Cultura Indígena
- 2) Ferrovia do Contestado
- 3) Imigração e Colonização
- 4) Guerra do Contestado
- 5) O trem do lado de fora
- 6) O prédio
- 7) Tudo
- 8) Nada
- 9) Outro \_\_\_\_\_

**11.1 Por que achou mais interessante?**

- 1) É a mais bonita
- 2) Gosto desse tema
- 3) Estudo esse assunto
- 4) Só vi essa parte
- 5) Tem objetos mais interessantes/bonitos
- 6) É a que tem mais relação comigo ou com minha família
- 7) Fui até lá para ver isso
- 8) Outro \_\_\_\_\_

**12. O que lhe vem a cabeça quando se fala em Guerra do Contestado? Cite 3 palavras e justifique.**

- 1) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_

**12.1 De onde viram essas informações sobre as 3 palavras?**

- 1) Ouvi dizer
- 2) Na escola F M S
- 3) Jornal
- 4) Televisão
- 5) Rádio
- 6) Família
- 7) Centros religiosos
- 8) Redes sociais
- 9) Internet
- 10) Conheço/ trabalho com isso
- 11) Material impresso (folder, flyer, etc)
- 12) Outro \_\_\_\_\_

**13. Sobre a exposição da Guerra do Contestado, cite 3 coisas que mais te chamaram a atenção.**

- 1) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_  
 2) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_  
 3) \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_

**14. A partir de sua visita, mudou alguma coisa sobre seu conhecimento sobre a Guerra?**

- 1) Sim      2) Não

Caso tenha respondido Sim, O que mudou? \_\_\_\_\_

Caso tenha respondido Não. Você voltaria ao Museu? \_\_\_\_\_

**15. A exposição do Museu lhe trouxe alguma recordação?**

- 1) Sim      2) Não

**Se respondeu SIM, Qual?**

- 1) Ouvia ou ouço meus parentes/amigos falarem sobre isso.

Quem? \_\_\_\_\_

- 2) Sofri as conseqüências dessa Guerra  
 3) Participei da Guerra  
 4) Um parente meu participou da Guerra  
 5) Aprendi na escola  
 6) Fui/ia ao Museu quando criança  
 7) Outro \_\_\_\_\_

**16. Você acrescentaria alguma coisa sobre o Contestado e que não viu exposto nesse Museu?**

Sim (\_\_\_) O que?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Não (\_\_\_)

## APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS ORAIS

- 1) Identificação inicial: dia, mês e ano da entrevista, nome do entrevistador e sua função, local da entrevista, nome do entrevistado e profissão;
- 2) Identificação do Projeto: conteúdo que será tratado na entrevista, o título da pesquisa envolvida e os responsáveis;
- 3) Registro da anuência do entrevistado/a em relação aos procedimentos da entrevista: gravação e transcrição, utilização durante a pesquisa e posteriormente, a doação do material ao Laboratório de História Oral, da UNIVILLE;
- 4) Identificação do entrevistado/a: nome, idade, data e local de nascimento;
- 5) Para você, o que é patrimônio?
- 6) Fale, resumidamente, o que a Guerra do Contestado significou/significa para a região?
- 7) O que há, em sua opinião, de mais relevante na Guerra do Contestado?
- 8) Como você vê a Guerra do Contestado representada nas instituições culturais (museus, arquivos, memoriais, bibliotecas, etc)?
- 9) Trabalhou no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado? Se sim, por quanto tempo e qual sua função? Quais atividades, além da função, desempenha (va)?
- 10) As expografias das exposições de longa duração do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado seguem alguma corrente de pensamento ou vertente museológica?
- 11) Fale sobre a criação das exposições no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado? Participou de alguma? Se sim, como é/foram feitas? São feitas coletivamente? Com a participação da comunidade?
- 12) A exposição da Guerra do Contestado foi desenvolvida de que forma? Sabe falar sobre ela?
- 13) Na sua opinião, como as exposições, e principalmente, a exposição da Guerra do Contestado deveria(am) ser trabalhada?
- 14) Tem outras informações que queira dar sobre a criação das exposições no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado?
- 15) Agradecimentos;
- 16) Encerramento da entrevista;

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Conforme Resolução nº 196 de 10 de Outubro de 1996 (Conselho Nacional de Saúde)

Eu, \_\_\_\_\_, aceito livremente participar da pesquisa intitulada: “Quem tem, mói, e quem não tem, mói também: as representações do “outro” no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, Caçador/SC”, sob a responsabilidade da pesquisadora Letíssia Crestani, do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as representações do caboclo nas exposições de longa duração do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de Caçador/SC. Autorizo a utilização de minha voz ao conceder depoimentos orais, bem como autorizo o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas informações será para fins institucionais. Estou ciente de que o pesquisador responsável prestará esclarecimentos sobre os procedimentos a serem realizados e que esta pesquisa não trará risco à minha integridade física e moral, sendo os demais riscos mínimos. As informações obtidas neste estudo serão úteis cientificamente, especialmente para as áreas de Patrimônio Cultural e poderão ser divulgadas em publicações e congressos. Em qualquer momento do estudo, poderei solicitar maiores esclarecimentos sobre o seu desenvolvimento e serei prontamente atendido pela pesquisadora responsável, bem como, poderei me recusar em responder quaisquer das perguntas, independentemente de justificativas. Minha participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer ônus ou consequência para mim. Será garantido sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e poderei me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo. Estou ciente que, após o término da pesquisa, a gravação e a transcrição dos depoimentos serão doados ao acervo do Laboratório de História Oral da UNVILLE. Este documento está redigido em duas vias, uma pertencente ao pesquisador citado e a outra ao sujeito da pesquisa. Para outras informações, esclarecimentos ou reclamações, entrar em contato com Letíssia Crestani, através do telefone 49 99996-1267 ou pelo e-mail leti\_crestani@yahoo.com.br

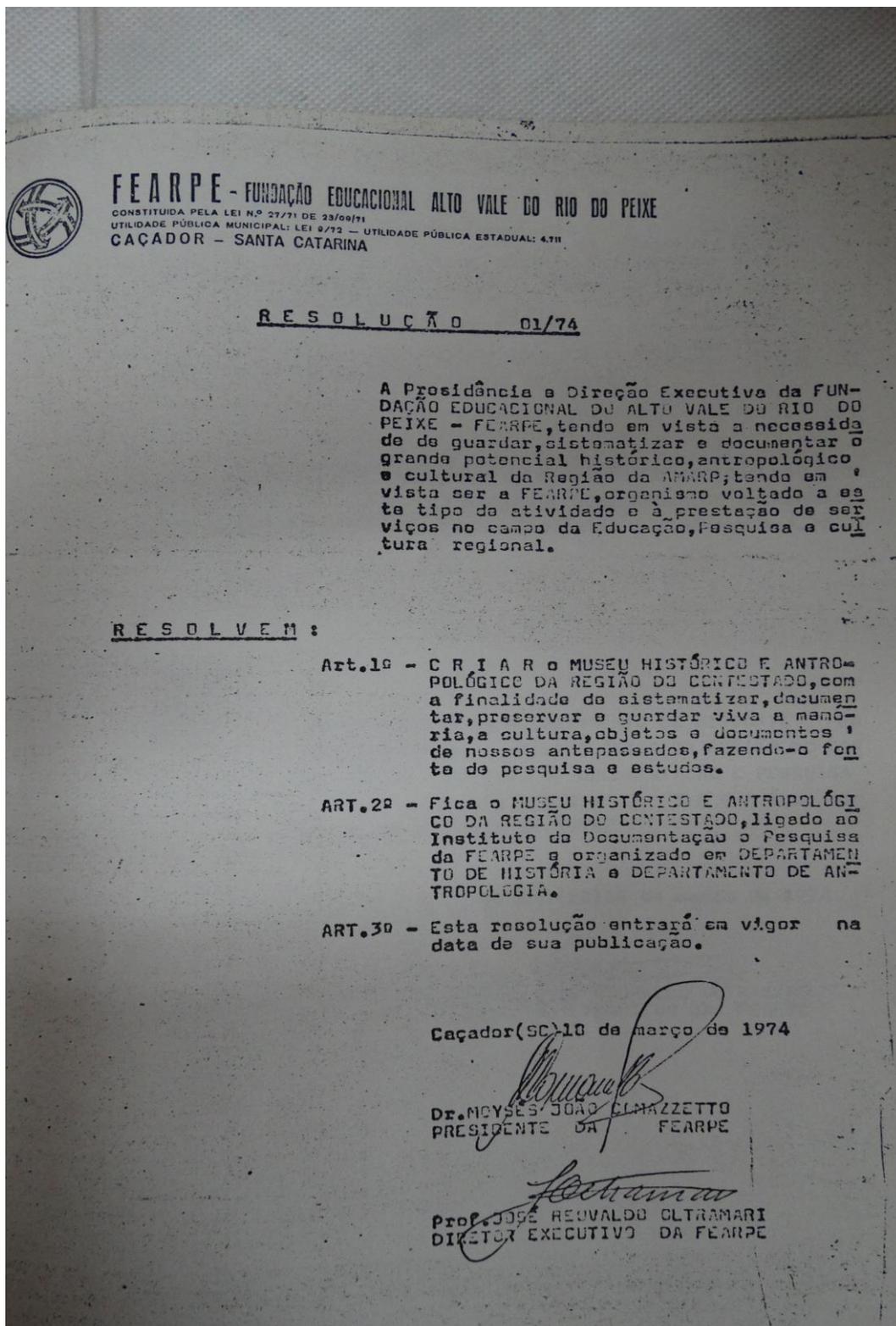
**ATENÇÃO: A SUA PARTICIPAÇÃO EM QUALQUER TIPO DE PESQUISA É VOLUNTÁRIA, EM CASO DE DÚVIDA QUANTO AOS SEUS DIREITOS, ESCREVA PARA: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVILLE. ENDEREÇO: Rua Paulo Malschitzki, 10. CAMPUS UNIVERSITÁRIO – ZONA INDUSTRIAL. CAIXA POSTAL 246. CEP: 89219-710 JOINVILLE/SC. OU ENTRE EM CONTATO PELO TELEFONE: (47) 3461-9235**

Caçador, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante ou responsável

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

## ANEXO – CÓPIA DA RESOLUÇÃO 01/74 QUE CRIA O MHARC



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado.

## AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Letíssia Crestani

RG: 1055772824 SSP/RS

Título da Dissertação: "Quem tem mói, mói, e quem não tem, mói também, e no fim, todos ficam iguais": as representações do "outro" no Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, de Caçador/SC

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 03 de julho de 2017.



Letíssia Crestani